



UFRJ

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

**NÓS NÃO PRECISAMOS DA GRANDE MÍDIA**

O papel dos fanzines na divulgação do movimento Punk paulista  
do início dos 80

Thais de Carvalho Carreiro

Rio de Janeiro

2014

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

**NÓS NÃO PRECISAMOS DA GRANDE MÍDIA<sup>1</sup>**

O papel dos fanzines na divulgação do movimento Punk paulista  
do início dos 80

Thais de Carvalho Carreiro

Monografia de graduação apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para obtenção do diploma de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Micael Maiolino Herschmann

Rio de Janeiro

2014

---

<sup>1</sup> Referência à frase escrita por Mark P. no primeiro número da fanzine *Sniffin' Glue*, “Nós não precisamos de Nova Iorque”.

#### Catalogação na Publicação

Biblioteca

Escola de Comunicação da UFRJ – Centro de Filosofia e Ciência Humanas

CARREIRO, Thais de Carvalho

Nós não precisamos da grande mídia: o papel dos fanzines na divulgação do movimento punk de São Paulo no início dos anos 80 / Thais de Carvalho Carreiro; Orientador: Micael Maiolino Herschmann. – Rio de Janeiro, 2014. 107p.

Monografia (Bacharelado em Comunicação Social – Jornalismo) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

1. Música – Aspectos culturais. 2. Música – Aspectos sociais. 3. Música – Punk 4. Música – Revista I. Herschmann, Micael Maiolino, orient. II. ECO/UFRJ. III. Jornalismo IV. Bacharelado

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

**TERMO DE APROVAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a monografia “NÓS NÃO PRECISAMOS DA GRANDE MÍDIA: O papel dos fanzines na divulgação do movimento Punk paulista do início dos 1980”, elaborada por Thais de Carvalho Carreiro.

Rio de Janeiro, 05/12/2014.

Comissão Examinadora

---

**Prof. Dr. Micael Maiolino Herschmann – orientador**

Pós-Doutor em Comunicação pela Universidad Complutense de Madrid

---

**Prof. Dr. Cristina Rego Monteiro da Luz**

Doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

**Prof. Dr. Cristiane Henriques Costa**

Doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

Aprovada em:

Grau:

RIO DE JANEIRO

2014

## **DEDICATÓRIA**

Dedico essa monografia à minha mãe, Ana Maria, pela paciência durante todos esses anos de curso; ao meu pai, Homero, que me iniciou no mundo do Rock'n'Roll, e ao meu Vinil, mais que namorado, meu melhor amigo.

Dedico também à todos os professores que me acompanharam por todo o caminho, desde a alfabetização até a graduação, e têm, sem dúvida, uma parcela mais que fundamental nesta conquista.

## **AGRADECIMENTOS**

Família, amigos, chefes, colegas de classe e de trabalho. Agradeço a todos que estiveram comigo nessa jornada, ajudando ou atrapalhando, sempre me ensinando algo. Mas, é necessário alguns agradecimentos especiais:

A todos os CdG que me acompanham desde 2004 e que, mesmo alguns estando há quilômetros de distância, nunca me deixaram sentir sozinha;

Débora Gauziski que, não sei se ela sabe, mas sempre foi minha grande inspiração;

Jéssika, Tamyris e Thais, da escola para a vida;

Aos amigos do Inca que foram, são e sempre serão mais do que palavras podem descrever;

Aqueles que fazem de Jacarepaguá o melhor lugar do mundo para se estar: Claudinha, Carol, Patrick, Calvin, Igor, Evandro, Thales, Ruan (e um abraço para toda a galera do GG);

A ECO por ter me dado os presentes (são muito mais que só amigos) mais sensacionais que uma garota poderia pedir: Vinícius Cunha, Pedro Ceranto, Renata Fontanetto, Déborah Araújo, Stella Carneiro e Jéssica Nahal.

As equipes da LapPop Content, principalmente Maria e Marcella, e do Jornal Extra, principalmente Carol Pinto, por todo o suporte e carinho durante a minha formação profissional.

*Querida me golpeie cegamente  
Alguém precisa salvar minha alma  
Baby, penetre em minha mente  
E eu sou o menino esquecido pelo mundo  
Aquele que esta procurando, procurando para destruir*  
- Iggy Pop & The Stooges, *Search & Destroy*

*Pra mim é isso que o rock & roll deveria  
transmitir sempre – a transgressão.*  
- Leee Childers sobre o show do The Stooges  
no Ungano's em 1969

CARREIRO, Thais de Carvalho. “NÓS NÃO PRECISAMOS DA GRANDE MÍDIA: O papel dos fanzines na divulgação do movimento Punk paulista do início dos 80”. Orientador: Micael Maiolino Herschmann. Rio de Janeiro, 2014. Monografia (Jornalismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 106 p.

## RESUMO

Parte-se do pressuposto neste trabalho que o movimento Punk reconheceu nos fanzines um parceiro para sua disseminação e reconhecimento mundial nos meados dos anos 70, com a atuação do gênero no Reino Unido. No espírito do Faça Você Mesmo (em inglês, *Do It Yourself*), a união da datilografia, recortes e colagens foi uma das formas que o gênero que chacoalhou o mundo da música com a ruptura de padrões da época encontrou para se expressar. A cultura dos fanzines fez a cena rodar com a divulgação de bandas, shows e moda. Os fãs saíram do exclusivo e limitado papel de consumidor e passam a estar diretamente envolvidos com o movimento, assumindo o papel ativo de produção de conteúdo mesmo que não estivesse envolvido propriamente com a cena – embrião da Internet colaborativa que é atual terreno dos fanzines.

**Palavras-chave:** Comunicação, Fanzine, Punk, Revista

# ÍNDICE

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2. FANZINE .....</b>	<b>12</b>
2.1. O que é um fanzine? .....	12
2.2. Breve Histórico.....	16
2.3. A produção de Fanzines no Brasil.....	18
<b>3. O MOVIMENTO PUNK .....</b>	<b>22</b>
3.1. O embrião norte-americano .....	23
3.2. Anarquia no Reino Unido.....	26
3.3. Punk em verde e amarelo.....	27
3.3.1. O Punk em São Paulo .....	28
3.3.2. O Punk em outras cidades .....	30
<b>4. A FANZINE PUNK.....</b>	<b>32</b>
4.1. “Por que a gente não se chama <i>Punk</i> ? ” .....	33
4.2 . “Nós não precisamos de Nova Iorque” .....	35
<b>5. FANZINE PUNK NO BRASIL .....</b>	<b>38</b>
5.1. FACTOR ZERO .....	39
5.1.1. Edição 1 – Número Zero .....	40
5.1.2. Edição 2 – Número Um .....	43
5.1.3. Edição 3 – Número Dois e o fim do Factor Zero .....	47
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>51</b>
<b>7. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>53</b>
<b>8. ANEXO.....</b>	<b>55</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Das pinturas rupestres as redes sociais, o ser humano sempre teve a necessidade de expressar suas ideias. E maneiras não faltaram: da forma de se vestir a música, passando pela produção de textos e colagens, que se constituíram em pequenas publicações amadoras e que seriam essenciais para a afirmação de um movimento que pretendeu subverter e ir contra todas as regras da sociedade.

Ao refletir sobre o movimento jovem no final dos anos 70 e início dos anos 80 é fácil ser remetido à estética da cena Punk que tomou o mundo. Marcados pelo visual pesado e músicas agressivas, o legado o Punk acabou eclipsando uma das suas produções mais importantes para estabelecer e consolidar a identidade desses jovens: a produção de fanzines.

Junto com a ideia de que qualquer um poderia montar sua própria banda, o Punk colaborou também para a perpetuação da ideia que qualquer um pode produzir e divulgar conteúdo, uma ideia que continua viva e cada vez mais forte com o aprimoramento das ferramentas oferecidas na Web. Esse trabalho, então, justifica-se na importância de conhecer o perfil do fã que inspirou as formas atuais de produção e divulgação de conteúdo de forma amadora.

O lema “Faça Você Mesmo” (em inglês, *Do It Yourself*) se transforma na grande marca dessa geração, mesmo que não fosse declarado no início da construção dessa estética. É nessa bandeira que está a coerência da filosofia Punk e o motivo pelo qual os fanzines, que já existiam muito antes da formação da cena, se conjugaram com facilidade.

É necessário entender que o amadorismo se torna uma marca na música, na moda e na forma de comunicação, concedendo a esses aspectos um tom de verdade para os jovens que viveram esse movimento. Na ideia de ser contrário as regras sociais, era necessário que o veículo de comunicação desse grupo não se parecesse com as grandes revistas da época. Se não, seria apenas mais uma revista sem representatividade para eles.

O objetivo desse trabalho será de localizar e analisar como a cultura dos fanzines migrou dos fãs de ficção científica para o movimento Punk e a importância dessa produção para a divulgação de bandas, shows e moda dentro da cena. Em segundo plano, busca-se apresentar como o fã sempre pode assumir uma personalidade mais

ativa e contribuir para o movimento mesmo que não esteja diretamente envolvido com, por exemplo, numa banda, como no caso das cenas musicais.

As hipóteses centrais dessa monografia é, em primeiro lugar, que os fanzines foram importantes para a democratização da cultura Punk *underground* entre anos de 1970 e 1980. Em segundo lugar, que mesmo ignorados, ou pouco explorados pelos grandes canais de mídias, grupos sociais, principalmente jovens, buscam seus próprios meios de criar sua representatividade. E, por último, que os fanzines continuam sendo importantes para o diálogo de uma geração, mudando do papel para os blogs na era digital.

A proposta é analisar os primórdios dos fanzines do movimento Punk, com foco na análise das três edições da primeira publicação desse tipo registrada no Brasil, o trabalho fica restrito à cena Punk dos anos 70 e 80. Para traçar o caminho do movimento e as influências que chegaram até aqui, é necessário contar como o movimento Punk nasceu, nos Estados Unidos em meados da década de 60, e como a cena se expandiu através das bandas inglesas na década de 70.

Como será explicado em mais detalhes no capítulo 2, não é possível detalhar todas as fanzines publicadas devido ao seu caráter temporário. Muitas se perderam por completo com o passar dos anos até pelo amadorismo dos autores. As fanzines escolhidas aqui, por terem representado a época um marco em seu determinado local, tiveram edições preservadas por outros fãs.

Apesar de tentar traçar o perfil dessas publicações e dos fãs por trás delas, no início de uma busca de compreender o que temos hoje, esse trabalho não pretende chegar até a produção de blogs musicais na era da Web. Porém, é preciso reconhecer que ainda existe o sentimento do fã de produzir e distribuir conteúdo, muitas vezes acreditando que os grandes veículos, mesmo em todas as suas possibilidades, não abordam certos pontos que o fã acredita que precisam ser compartilhados.

“Em cada cidade, em cada microcena, em cada turma de amigos havia um “veículo oficial”, alguns deles tão benfeitos, se não melhores, quantos os veículos da grande imprensa – quase sempre, ao menos, eram feitos com mais intimidade. [...] Se hoje há blogs e movimentos em redes sociais capazes de arrastar centenas de milhares de pessoas à margem da grande imprensa, agradeça aos fanzineiros, esses artesões da informação (ALEXANDRE, 2013a, p 41)

## **Metodologia**

Para reconstruir os passos do movimento Punk, este trabalho conta com uma revisão bibliográfica dos principais autores que abordaram a cena, como Legs McNeil,

autor do livro *Mate-me Por Favor*, considerado a bíblia do movimento, e Brian Cogan, autor da *Encyclopedia of Punk*. Sobre a fatia nacional do movimento, focando nos punks da cidade de São Paulo, este trabalho conta com a revisão do livro do jornalista Ricardo Alexandre, *Dias de Luta*, e do teatrólogo e jornalista Antonio Bivar, *O Que É Punk?*. Através desses autores, é possível também observar os caminhos e influências do fanzine no desenvolvimento da cena.

Mais detalhadamente sobre os fanzines e os fãs responsáveis por essas publicações, buscou-se nesse trabalho as referências no livro *Alternative Media* de Chris Atton, no manual de produção de fanzines de Edgard Guimarães e no mapeamento feito por Lariú (2010). Com eles, é possível observar como acontece a criação de uma linguagem e a facilidade de montar seu próprio fanzine.

É nesse momento também que será explorado o contraponto entre os fanzines e as revistas profissionais. O sentimento de falta de representação que levou muitos garotos e garotas a buscarem produzir sozinhos o conteúdo que eles acreditavam que deveria ser compartilhado.

A partir dessas leituras, foram selecionados dois representantes da cultura fanzineira: Tom Leão, editor de fanzines e responsável pela produção da “Rio Fanzine”, e David Cintra, autor do primeiro fanzine Punk brasileiro, Factor Zero, que concederam entrevista sobre sua produção para este trabalho. Essas entrevistas buscam explorar detalhes que não são mais possíveis de encontrar em livros ou arquivos, pelo caráter efêmeros dos fanzines.

## Roteiro de capítulos

A monografia está organizada em quatro capítulos, além das considerações finais. Este primeiro capítulo é dedicado à apresentação do objeto de pesquisa e da problemática, além da explicação da metodologia a ser utilizada. O Capítulo 2 apresentará a definição do objeto Fanzine, sua importância no auxílio da formação de uma identidade, comunidade e propagação de informação para além de uma cena restrita e refém dos grandes periódicos. Em seguida, será traçada uma breve cronologia dos fanzines para que sua evolução seja compreendida desde sua aparição entre os fãs de ficção científica até os dias atuais.

O Capítulo 3 abordará a história do movimento Punk e sua subversão de valores aos padrões vigentes destacando os dois locais notadamente reconhecidos como meecas da cena – Nova Iorque e Londres. A primeira desenvolvendo a estética, para que em

momento posterior, tomasse traços agressivos em terras inglesas e viesse a se expandir rumo ao reconhecimento mundial. Duas localidades que trazem em suas raízes os costumes necessários para entender a eclosão do movimento no Brasil no final dos anos 70 e início dos 80, principalmente na cidade de São Paulo.

Foram selecionados no Capítulo 4 os primeiros fanzines publicados nos Estados Unidos e na Inglaterra, respectivamente as revistas *Punk* e *Sniffin' Glue*. A partir desses dois principais exemplos é possível entender o que acontecia no movimento e as influências para a produção dos fanzines que viriam a seguir.

O quinto e último capítulo debruça sobre a cultura nacional de zines, com destaque justificado pra primeira publicação do tipo no movimento paulista, o Factor Zero, lançada em 1980. Foram analisadas cada uma das três edições de forma detalhada, buscando apresentar o que e como o conteúdo era publicado.

## 2. FANZINE

Desde a invenção dos jornais e revistas, existem grupos que não se sentem representados pelos assuntos abordados nos grandes periódicos, seja por divergências políticas ou por interesse em assuntos muito específicos. Esse contexto deu margem para o surgimento, entre as décadas de 20 e 30, um tipo de publicação chamada fanzine entre um grupo de fãs de histórias de ficção científica.

Com o passar dos anos, esses e outros fãs de outros movimentos deram conta do poder que tinham em suas mãos, principalmente pela quantidade de conteúdo compartilhado através dessas publicações amadoras. Os fanzines começaram a ganhar espaço em diversas cenas, como a dos fãs de quadrinhos e de música, e a se tornar um objeto muito maior que apenas uma troca de ideias entre fãs.

### 2.1. O que é um fanzine?

Partindo do mais básico, a palavra fanzine é a soma das palavras de língua inglesa *fan* (fã) e *magazine* (revista). Em sua definição mais simples, o fanzine é uma publicação feita por fãs (GUIMARÃES, 2000). De forma mais profunda, os fanzines representaram um contraponto a mídia hegemônica, abrindo espaço para movimentos, bandas, filmes, quadrinhos e outros elementos da cultura *underground* (LARIU, 2010).

O termo *underground* é usado para denominar toda uma produção artística produzida de forma não comercial, explorando o lado mais artístico, de forma mais autêntica (CARDOSO FILHO & JANOTTI JÚNIOR *apud* LARIÚ, 2010). São produtos que surgem em cenas delimitadas e que se opõe ao que é classificado *mainstream*, ou seja, tudo aquilo que é feito com formas “reconhecidamente eficientes, dialogando com elementos de obras consagradas e com sucesso relativamente garantido” (*Ibidem*).

Esses dois termos podem ser aplicados a produções musicais, de moda e de formas de imprensa, como no caso do fanzine. Enquanto as grandes publicações, sejam revistas ou jornais, apostam na divulgação de assuntos já consagrados, ou com um reconhecimento geral, o fanzine, por sua vez, é baseado na vontade de um indivíduo de expor suas ideias mais particulares e para que outros fãs tenham conhecimento delas. A produção de fanzines ficou muito ligada também à divulgação de artistas e bandas alternativos ou independentes (ou seja, fora de uma grande gravadora) que não conseguiam espaço nos grandes veículos.

O *underground* e o fanzine aproximam-se nas semelhanças de construção de suas principais características. Ambos são ligados a um formato amador, feito em pequena escala e de forma alternativa, fugindo de um padrão comercial definido pelo *mainstream*. Por serem produções sem objetivo de lucro, os dois estão fadados a um caráter efêmero, sem ultrapassar, por exemplo, uma dezena de edições, no caso dos fanzines, ou de chegar a produzir um álbum completo, no caso das bandas.

Antes de mergulhar nas características que definem um fanzine, é interessante destrinchar o indivíduo por trás dessa construção. O fã que ao passar de uma figura passiva a ativa, e se torna também produtor de informação. Características que serão estudadas por Henry Jenkins na obra *A Cultura da Convergência* podem ser observadas nas atitudes desses indivíduos que se empenham, muitas vezes sozinhos, na divulgação de seus temas favoritos através de revistas amadoras.

Os fãs imersos no movimento descrito aqui, assim como os que formam os fóruns na era da internet estudados por Jenkins no primeiro capítulo do livro *A Cultura da Convergência*, formam uma cultura de conhecimento “determinada por afiliações voluntária, temporária e tática” (JENKINS, 2012, p. 91). Voluntária na ideia que o consumidor desse produto fanzine escolhe qual tema lhe agrada e passa a acompanhar a publicação enquanto esta satisfaz suas “necessidades emocionais e intelectuais” (Ibidem). Temporária e tática ao perceber que tanto o produtor quanto o consumidor estão ligados ao fanzine pelo período que aquela produção faz algum sentido dentro do seu gosto individual (Ibidem), até o momento que o fanzine cumpre seu papel, que pode ser expor um movimento ou simplesmente divulgar a cultura fanzineira.

O fanzine tem entre suas características a abordagem de conteúdos muito específicos, como dito anteriormente, voltado para uma cena muito delimitada. Seguindo os interesses do editor, ou “fanzineiro”, o conteúdo representa a externalização de uma paixão, sem intenção de lucro, apenas pela vontade de disseminar seu conhecimento sobre determinado assunto. Os fanzines são, dessa forma, “o resultado da iniciativa e esforço de pessoas que se propõem a veicular produções artísticas ou informações sobre elas” (GUIMARÃES, 2000, p. 5), de forma a serem reproduzidas e compartilhadas com outros indivíduos, a margem das estruturas comerciais de produção cultural.

Alguns estudiosos do assunto consideram Fanzine somente a publicação que traz textos, informações, matérias sobre algum assunto. Quando a publicação traz produção artística inédita seria chamada Revista Alternativa. No entanto, o termo Fanzine se

disseminou de tal forma que hoje engloba todo tipo de publicação que tenha caráter amador, que seja feita sem intenção de lucro, pela simples paixão pelo assunto enfocado. Assim, são Fanzines as publicações que trazem textos diversos, histórias em quadrinhos do editor e dos leitores, reprodução de HQs antigas, poesias, divulgação de bandas independentes, contos, colagens, experimentações gráficas, enfim, tudo que o editor julgar interessante (GUIMARÃES, 2000, p. 5).

A diferença entre os fanzines e as revistas profissionais está no ponto que o segundo tipo de publicação citado é concebido na ideia de um público para consumir esse conteúdo, tem tiragens altas e visa lucro. “A revista profissional existe em função de um leitor pré-existente” (Ibidem, p. 6) e se apoia na distribuição de um conteúdo que esse leitor quer consumir.

O fanzine, por ser uma produção independente e baseada na vontade de um indivíduo, está relacionado ao prazer de distribuir um conteúdo. Não visa o lucro e é geralmente distribuída de forma gratuita, com exceção dos casos nos quais é cobrado um valor simbólico usado para dar continuidade a produção. Não é comum ver em fanzines anúncios publicitários, tendo também algumas exceções, como no caso de lojas que ajudam na distribuição da revista e ganham uma página de publicidade em troca.

A partir dessa visão da produção e distribuição do conteúdo, Chris Atton, em seu livro *Alternative Media*, busca discutir a produção de fanzine como um “formador de identidade e comunidade entre seus leitores e escritores” (2000, p. 54). Usando a ideia moldada por Henry Jenkins, Atton reforça o conceito da formação de uma comunidade através da propagação dos fanzines. Esse argumento se reforça em uma característica que acompanha os fanzines desde seu primeiro exemplar: quase todas as revistas possuíam uma área na qual era possível encontrar endereços para troca de correspondências com outros fãs-leitores. Muito além de abrir esse espaço, muitos fanzineiros reforçavam a ideia que o leitor poderia também criar e compartilhar sua própria produção, como o caso da revista *Sniffin' Glue*, analisada no capítulo 4.

Nesse ponto, é interessante expor também que muitas dessas revistas, principalmente quando utilizadas pelo movimento Punk, como será exposto adiante, são reconhecidas como “porta-voz” de uma cena ou um grupo. Essa “autoridade” concedida a algumas publicações demonstra o peso dessa produção inserida em um movimento cultural, abrindo o espaço que não lhes é conferido nas publicações de grande porte.

A partir do conteúdo, podemos analisar outro ponto levantado por Atton como uma característica dos fanzines que é a “validação de uma cena marginal” (2000, p. 56).

A escolha de um conteúdo não explorado em larga escala contribui para a propagação desse tema, até mesmo para fora do grupo ao qual o tema está restrito. Assim, como veremos em detalhes no próximo ponto deste capítulo, Atton demonstra que os leitores e editores de fanzines dedicados à ficção científica acabam impulsionando o reconhecimento do gênero e criação de comunidades de fãs, conhecidas como “fandoms”, na década de 30 nos Estados Unidos.

O terceiro e último ponto característico dos fanzines que é possível ser apreendido através da edição de seu conteúdo é a expressão de uma visão política. Pelo meio da escolha de um tema e a forma de expressá-lo, é possível identificar quais atitudes políticas certo grupo se identifica. Como no caso dos punks, que será detalhado no capítulo 4, por exemplo, o ideal de subversão do sistema imposto àquela geração era exposto de forma direta e indireta por publicações editadas em locais e momentos totalmente diferentes. O mote do movimento que ganhou força na década de 70 foi explorado não somente pela música, mas de forma igual pelos seus fanzines, dando mais força a expansão a nível mundial a expressão Punk.

A produção de revistas amadoras, no entanto, não é exclusividade dos grupos que produziram fanzines. Alguns autores, como Michele Rau, sugerem que a produção de revistas independentes de forma artesanal surge junto com o nascimento da Associação de Imprensa Amadora nos Estados Unidos na segunda metade dos anos 70 do século XIX (RAU *apud* ATTON, 2000). No caso do Brasil, algumas revistas independentes sejam denominadas fanzines, porém os dois se diferem no ponto que as revistas independentes, como sugere Edgard Guimarães, apresentam conteúdos inéditos enquanto os fanzines abordam conteúdos referentes a outras produções pré-existentes sob a ótica de um indivíduo.

Apesar da base da produção dos fanzines se caracterizar pelo amadorismo, alguns fanzines começam a apresentar uma diagramação mais profissional após algumas edições publicadas. Não existem regras definidas para o processo de produção de um fanzine, porém alguns elementos se tornaram simbólicos nesse tipo de publicação.

A primeira e mais forte característica já citada é a personalização da publicação, que é derivada de uma linguagem muito própria e próxima do editor. O conteúdo, quando não inédito, é a replicação de elementos, principalmente imagens e fotos, presentes em outras revistas ou livros, e o texto datilografado. A composição desses elementos em uma página era feita através de recorte e colagem, redimensionadas através das fotocopiadoras.

No caso específico das fanzines punks brasileiras, era comum encontrar matérias publicadas em revistas estrangeiras que dificilmente chegariam em larga escala no país traduzidas.

A maneira mais simples de fazer um original de Fanzine, que vá ser reproduzido em xerox, utiliza apenas papel, caneta (ou máquina de escrever) e cola. O editor escreve ou coleta o material escrito, seleciona as ilustrações, faz a montagem do material em folhas de papel no formato que vai ser reproduzido. Após a impressão em xerox de um certo número de cópias de cada original, o editor deve montar cada exemplar e grampeá-los. (GUIMARÃES, 2000, p. 13)

É também característico dos fanzines trazer listas de outras zines que possam interessar ao leitor e endereços de pessoas interessadas em trocar correspondências sobre determinado assunto tratado na publicação. Dessa forma, a divulgação primária de fanzines acontece dentro do próprio círculo no qual a publicação se encontra, mantendo o caráter restrito da publicação. Algumas poucas usam a grande mídia para divulgar suas produções.

No entanto, nem todas as fanzines apresentam esses elementos, sendo denominadas como “zines” muito mais pela forma que seu conteúdo é editado e apresentado ao leitor. Nesse caso, são reconhecidas como fanzines as publicações que se atem mais a paixão ao tema do que sua forma física final. Dessa forma, podemos observar o que mais do que a forma final, essas publicações são mais relacionadas com o pertencimento a uma cena, a formação de uma comunidade através dela e pela sua expressão, como listado por Atton. “A força dos fanzines está em sua pequena dimensão. Seu baixo custo sempre permitirá o surgimento de novos editores e motivará a pluralidade dos discursos na perspectiva de uma arte autêntica, apaixonada e cheia de idealismo” (MAGALHÃES, 1993, p. 74).

## 2.2. Breve Histórico

Apesar o termo “fanzine” ter surgido no início anos 40, as produção de revistas amadoras com as características listadas anteriormente é relatada desde o final da década de 20 e início da década seguinte. As primeiras publicações editadas por fãs surgem com os admiradores de ficção científica nos Estados Unidos (MAGALHÃES, 1993), sendo a *The Comet*, publicada pela *Science Correspondence Club* no princípio dos anos 30, reconhecida como o primeiro fanzine publicado (ATTON, 2000). Essa e

outras publicações, como *Amazing Stories* (1926)<sup>2</sup>, abriram espaço para discussão e publicação de histórias criadas por fãs baseadas em suas obras de ficção científica favoritas.

Nos anos 40, Louis Russell Chauvenet apresenta o termo “fan-zine” na tentativa de diferenciar as revistas feitas de forma amadora para as revistas profissionais (que ele chamou de “pro-zine”). Outros termos como “Amazine” (*Amateur Magazines*<sup>3</sup>) e “fanmag” foram utilizados para denominar a produção até então. Nesse momento, os temas mais populares entre os fanzines eram os quadrinhos, os filmes de terror e a ficção científica. Com o sucesso da produção americana, há relatos de fanzines sendo produzidos ao redor do mundo, incluindo no Brasil (MAGALHÃES, 1993).

Paralelamente, nas duas décadas seguintes, adotam o conceito da produção de fanzines e usam para a democratização da arte produzida pelos movimentos de vanguarda. É o momento também que a imprensa *underground* e a produção artesanal dos fanzines se unem em prol de se tornar uma alternativa a mídia oficial, publicando temas mais diversos como poesia, cinema, política e música, sem deixar de existir as fanzines dedicadas dos quadrinhos e histórias de ficção.

Nos anos 70, os movimentos jovens encontraram na produção de revistas amadoras uma forma de expor suas ideias fora das grandes corporações e do sistema rejeitados pela geração hippie e Punk (COGAN, 2013). Passados quarenta anos da sua criação, os fanzines ganham um gás e uma segunda expansão a nível mundial, principalmente relacionada à expansão do movimento Punk. Apesar da ideia do “faça você mesmo” ser intrínseca ao fazer dos zines, foi o movimento Punk que popularizou a expressão e impulsionou a produção. Os punks transformam a forma de fazer fanzines entregando seu *modus operandi* com toda a força possível. “Como a música que promovia, o fanzine Punk se interessava primeiramente na ‘destruição dos códigos existentes e na criação de novos’” (HEBDIGE *apud* ATTON, 2002, p. 24).

A compreensão sociológica dominante do fanzine é que o poder do trabalho “amador” reside na sua localização subcultural. Consequentemente, o momento decisivo da publicação fanzine identificado como produto simbólico de jovens problemáticos, de rebeldia, de luta subcultural, é o fanzine Punk da segunda metade da década de 1970.<sup>4</sup> (ATTON, 2002, p. 37)

<sup>2</sup> A importância conferida a *The Comet* em detrimento a *Amazing Stories* segue os argumentos propostos pelos autores usados como referência para a construção deste trabalho.

<sup>3</sup> Tradução da autora: Revistas Amadoras

<sup>4</sup> Tradução da autora. Original: *The dominant sociological understanding of the fanzine is that the power of 'amateur' work lies in its subcultural location. Consequently, the defining moment of the fanzine*

Ideologicamente, as fanzines e o movimento Punk dialogam em traços comuns como o amadorismo, caracterizado no Punk como o retorno ao rock de forma mais básica, e a oposição de tudo ligado ao *mainstream*, como será mais abordado no próximo capítulo.

Num primeiro momento os fanzines serviram apenas de canal para a integração dos fãs, mas logo partiram para a reflexão e troca de ideias. Criar um fanzine tornou-se a resposta à inexistência de espaço crítico nas revistas das grandes editoras e um alerta contra o mercado voltado exclusivamente para o entretenimento e consumo. O público queria também informações e participação. (MAGALHÃES, 1993, p. 73)

Nos anos 80, a produção de fanzines ganha ainda mais força por causa da facilidade de propagação das revistas, principalmente após a popularização das máquinas fotocopiadoras (mais conhecidas como Xerox). Apesar da decadência do movimento Punk, os fanzines continuam populares na música, principalmente no grunge, que herdou muitas características do Punk. Nesse momento, muito além das informações distribuídas impressas, foi atribuída aos fanzines à função de disseminar fitas cassetes, conhecidas como *demo-tapes*, que foram de vital importância para popularização de diversas bandas no início dos anos 90.

Esse trabalho não tem a pretensão de analisar a passagem do fanzine do suporte físico para o digital, provocado principalmente pelo aprimoramento das plataformas de blog, após a expansão do acesso a internet. No entanto, é interessante observar que esse tipo de cultura não acaba com a decadência das fanzines de papel, mas se transforma em um novo suporte, atingindo um público muito maior e de uma maneira diferente.

A proliferação de blogs sobre diferentes temas – de música a quadrinhos, passando por moda, viagens e outros – mostra que o fã ainda tem preservado seu espaço de troca de ideias e propagação de conhecimento, independente dos grandes canais de comunicação. Nessa mudança de suporte, elementos muito característicos das fanzines em papel, como as listas de outras Fanzines sobre o mesmo tema e a ideia de que qualquer pessoa pode criar um ambiente para expor suas ideias, continuam vivos.

### **2.3. A produção de Fanzines no Brasil**

As primeiras fanzines publicadas no Brasil que se tem conhecimento seguiram o mesmo caminho trilhado pelos pioneiros norte-americanos. Ainda sem utilizar o termo fanzine, o grupo “Intercâmbio Ciência-Ficção Alex Raymond” publicou o “boletim”

---

*publishing identified as the symbolic product of troubled youth, of rebellion, of subcultural struggle, is the Punk o fanzine of the latter half of the 1970s.*

Ficção, editada por Edson Rontani. A revista teve doze publicações entre 1965 e 1968, distribuídas de forma gratuita (MAGALHÃES, 1993).

A motivação de Edson Rontani foi manter contato com outros colecionadores de revistas de quadrinhos para venda e troca de revistas. Mas já no primeiro número, Edson coloca diversos textos informativos e uma importantíssima relação das revistas de quadrinhos publicadas no Brasil desde 1905. (GUIMARÃES, 2000, p. 7)

Na sequência, surgem diversas outras publicações dedicadas às histórias em quadrinhos de Norte a Sul do país, disseminadas com bastante força no final dos anos 70 com a facilidade tecnológica possibilitada pelas fotocopiadoras (MAGALHÃES, 1993). Nos anos 80, o Brasil vê o auge da cultura de fanzines, tendo como principais polos de produção Bahia, São Paulo e Rio Grande do Sul.

Nessa mesma época, surgem em São Paulo as primeiras publicações dedicadas ao movimento Punk, que viu seu auge nos primeiros anos da década de 80. É neste contexto que surgem publicações como Vix Punk, SP Punk e Factor Zero (BIVAR, 2001), o primeiro o fanzine Punk brasileiro que se tem registro e que será analisado no capítulo 4. Da mesma forma que o movimento Punk no mundo, os jovens Punks brasileiros utilizaram essas revistas como forma de posicionamento anti-sistema, tendo até relatos de estigmatização de figuras populares do movimento da época que se relacionavam com grandes publicações (ALEXANDRE, 2013b).

Apesar serem produzidas nos mesmos moldes do fanzine feito nos exterior, esse tipo de publicação, aqui no Brasil, demorou a ganhar essa nomenclatura. A dificuldade de importar material como discos, jornais e revistas, fizeram com o que os fanzines nacionais fossem produzidos de maneira única, sem influências diretas do que era produzido lá fora.

Não era muito fácil ter contato com zines gringos, mas eventualmente, algum caia em minhas mãos. Não me inspiraram por que quando comecei a fazer zines (nem usava esse nome), não tinha ideia de como eram, NUNCA TINHA VISTO UM. O meu era basicamente batido a maquina e xerocado, não fazia colagens, nem tinha imagens, como os gringos. Pra mim, eu fazia uma revistinha tosca. (LEÃO, 2014<sup>5</sup>)

Quando eu comecei a fazer o Factor Zero, eu não conhecia “fanzines”. A palavra era totalmente estranha para mim. Apenas depois de publicar o número zero é que descobri esse universo de fanzines, pois algumas pessoas começaram a me cumprimentar e dizer que gostavam do meu fazine (CINTRA, 2014<sup>6</sup>)

---

<sup>5</sup> Em entrevista a autora

<sup>6</sup> Em entrevista à autora

Na segunda metade dos anos 80, a crise econômica que assolou o país levou consigo a produção de fanzines. Sem ter como investir nas publicações, muitos editores optaram por parar de publicar suas revistas. No entanto, Henrique Magalhães descreve também que outras duas situações que ajudaram a enterrar a produção de fanzines: a primeira foi vontade de alguns editores, na pretensão de alçar maiores voos com suas revistas, até almejando a profissionalização, perdiam o caráter mais precioso desse tipo de publicação, a personalização.

O segundo fato foi um descrédito por parte dos leitores gerado na democratização da produção de fanzines. Como qualquer um podia ter sua própria revista, muitas acabam pecando na falta de estética e de conteúdo, gerando o afastamento do leitor, necessário para a manutenção do equilíbrio do ciclo de uma publicação.

Nos anos 90, a produção das fanzines volta a crescer, impulsionado pelo surgimento da editoração eletrônica e barateamento das fotocópias. Assim, muitas revistas acabam ganhando uma formatação mais profissional e voltam a se focar em um único assunto.

“Nos anos 90, [os fanzines] ficaram mais ‘profissionais’ e focados num único assunto, como quadrinhos ou algum artista específico, por exemplo. Alguns viraram revistas independentes, como [a paulista] Panacea [especializada em quadrinhos]” (LEÃO, 2014)<sup>7</sup>.

Os fanzines foram popularizados de tal forma que os grandes jornais adotam características dos fanzines em suplementos culturais como, por exemplo, a Rio Fanzine publicada na edição dominical do Segundo Caderno do jornal O Globo (RJ) e o Radical editado pelo Estadão (SP) (ALEXANDRE, 2013a).

“Usamos o nome fanzine apenas para mostrar que éramos alternativos e independentes, por que não éramos um fanzine de fato, mas uma coluna que levava esse espírito do fanzine para um grande jornal [...] Não existia nada parecido em jornal algum do país, e não tínhamos internet, então eram raros os meios de comunicação que informavam sobre música e cultura alternativa em geral. No Brasil, em português, só tinha revista importada. O jornal domingo vendia mais por que muita gente só comprava neste dia pra ler o Rio Fanzine” (LEÃO, 2014)<sup>8</sup>.

Da mesma forma que aconteceu no resto do mundo, a produção nacional migrou em parte para a web a partir dos anos 2000 e da popularização da internet, mantendo ainda a tradicional publicação em papel com um caráter de objeto de

<sup>7</sup> Em entrevista à autora

<sup>8</sup> Em entrevista à autora

colecionador. “Se hoje há blogs e movimentos em redes sociais capazes de arrastar centenas de milhares de pessoas à margem da grande imprensa, agradeça aos fanzineiros, esses artesões da informação” (ALEXANDRE, 2013a, p. 43).

Essa evolução do fanzine do suporte de papel para os meio digital é reforçada pelo jornalista Tom Leão quando ele diz, em entrevista a autora, que acredita que “o alternativo continua alternativo, só que hoje aparece muito mais por causa da internet. [...] Os fanzines de hoje realmente são os blogs. Se eu tivesse 20 anos hoje, certamente teria começado fazendo um blog.” (2014).

### 3. O MOVIMENTO PUNK

Muito antes de Sid Vicious ganhar as manchetes com seu tronco marcado por cortes de lâminas e sua banda, o *Sex Pistols*, tirar o sono de muitos pais na Inglaterra, o movimento Punk já incomodava muita gente nos Estados Unidos.

Muitas pessoas (especialmente nos Estados Unidos) pensam o Punk rock como uma consequência de muitas bandas experimentais e difíceis-de-categorizar tocando no CBGB<sup>9</sup> no *Lower East Side*, em Nova Iorque, por volta de 1974. Estas bandas incluindo *Ramones*, *Patti Smith*, *Television*, *the Heartbreakers*, *Suicide*, *Richard Hell and the Voidoids*, e muitos outros discutidos neste livro. Punk depois explodiu fora desta cena, após ganhar nome e foco na revista Punk (edição de estreia 1976), um senso de moda e visão literária cortesia do poeta de sarjeta Richard Hell, e aumentar a visibilidade por punks de Londres que nunca se importaram de dar o devido crédito aos americanos que os inspiraram<sup>10</sup> (COGAN, 2010, p. viii)

Antes de qualquer coisa, é necessário deixar claro que, através da observação dos textos escolhidos como base para esse capítulo, o Punk, indiferente do tempo ou espaço geográfico que se situa, é uma manifestação na qual o aspecto revolucionário tem como base a subversão dos valores vigentes. Se no Rock'n'Roll do início dos anos 60 a regra geral eram músicas longas, solos intermináveis e o distanciamento do público, criando os *rock stars*, o Punk traz a simplicidade, músicas sem virtuosismo e a ideia de que qualquer um poderia começar uma banda.

Punk é uma atitude. Uma atitude agressiva que questiona autoridade e tudo mais. Tem a ver com querer um mundo melhor e ficar furioso por não consegui-lo rapidamente. Punk é fazer as coisas do seu próprio jeito, sem orientação ou preocupação com possíveis críticas. O Punk começou a partir dos excluídos e daquele que caíam fora da sociedade convencional, com um culto que se formou nos pequenos bares de Nova Iorque e Londres, e tem se expandido desde então, para se tornar uma das maiores tendências musicais, artísticas e de moda do nosso tempo. (GRUEN, B. 2007, p. 84)

Por causa do seu caráter cosmopolita e sua ascensão em locais que viviam momentos sociais, políticos e econômicos diferentes, o movimento, que inicialmente é apolítico, se aproxima do anarquismo, por exemplo, e abre uma nova oportunidade para

<sup>9</sup> CBGB, ou CBGB & OMFUG (Country Bluegrass Blues and Other Music For Uplifting Gormandizers), era um clube, fundado em 1973 por Hilly Kristal, localizado na cidade de Nova Iorque (EUA) conhecido por receber o início do movimento Punk.

<sup>10</sup> Tradução do autor. Original: *Many people (particularly in the United States) think of Punk rock as an outgrowth of many experimental and hard-to-categorize bands playing at the CBGB club on New York's Lower East Side, starting around 1974. These bands included Ramones, Patti Smith, Television, the Heartbreakers, Suicide, Richard Hell and the Voidoids, and many others discussed in this book. Punk then exploded out of these scene, whereupon it was given a name and focus by Punk magazine (debut issue 1975), a fashion sense and literary vision courtesy of gutterpoet Richard Hell, and increase visibility by London Punks who never quite gave proper credit to the americans who inspired them.*

ser Punk, o anarcoPunk. Em Nova Iorque, no início do movimento, o posicionamento estava mais próximo do repúdio, da tentativa de ser apolitizado. A ideia é resumida pela fala de John Holmstrom no cinebiografia CBGB, que conta a história sobre os primeiros dias do Punk em Nova Iorque: “As bandas não são contra política, mas o fato de repudiarem a política é, por si e só, político”. Se você não concordasse, poderia apenas continuar ouvindo aquilo que lhe agradava que não faria diferença. No final, nada importava independente do vernáculo utilizado.

O mesmo vale para o visual, que não pode ser entendido como um movimento a parte, mas uma questão essencial para o Punk. O “anticonformismo” era também externalizado na forma de se vestir, na produção das próprias peças e inspirações variadas entre fetiche e militarismo (MACKENZIE, 2010).

Nesse tópico, apresento a formação do movimento nas duas cidades consideradas mecas do Punk, Nova Iorque e Londres, para poder abrir caminho até o Punk brasileiro. A escolha das bandas citadas, deixando de fora outras que também fizeram parte do movimento, vem importância dos eventos protagonizados, considerados ponto de partida para o desenvolvimento da estética do Punk.

### **3.1. O embrião norte-americano**

Apesar de ser reconhecido como um movimento da década de 70, as primeiras aparições do Punk acontecem na década anterior. O embrião do subgênero do Rock nasce nos Estados Unidos na ebulação dos anos 60, uma década reconhecida pela força dos movimentos culturais, sociais e econômicos. É também sinônimo de movimentos radicais, que buscavam a ruptura com o forte conservadorismo dos anos 50.

É nesse cenário que nascem os movimentos contra culturais, marcados pelo sucesso do movimento hippie na costa oeste americana, levantando bandeiras como liberdade sexual, igualdade e o fim das guerras, questionando principalmente os confrontos americanos no Vietnã durante a Guerra Fria. A década de 60 é o momento também que movimentos negros e feministas, iniciados na metade anos 50, ganham força em um país ainda muito segregacionista.

E é nessa realidade que o Rock'n'Roll ganha ainda mais força, como um movimento exclusivamente jovem. Do purismo e inocência dos primeiros anos desta década, marcada pela Invasão Britânica<sup>11</sup> com clássicos como *I Wanna Hold Your*

---

<sup>11</sup> “Invasão Britânica” é o termo usado para designar o período que as bandas britânicas como The Beatles, Rolling Stones e The Who, por exemplo, viraram febre nos EUA.

*Hand*, a agressividade e experiências com drogas, o Rock é reconhecido como a voz dessa geração.

O estopim que dá início ao embrião do que vem a ser o movimento Punk da década de 70 está compreendido em uma série de eventos que acontecem entre 1965 e 1975. Dentre eles, estão incluídos a composição de músicas como *Heroin* e *Waiting for the Man*, por Lou Reed, entre 1964/1965 (CALE apud MCNEIL & MCCAIN, 1996) – e que depois estariam presentes no primeiro álbum do Velvet Undergound em 1967 –, e o lançamento dos álbuns *Kick Out The Jams*, pelo MC5, e o homônimo *The Stooges*, respectivamente, em janeiro e agosto de 1969.

A marca dos principais artistas dessa fatia do Punk, Lou Reed e Iggy Pop, está na teatralidade. Andy Warhol, expoente da *Pop Art*, foi empresário do Velvet Underground no início da carreira da banda e responsável pela icônica capa do primeiro álbum do grupo. Além disso, Andy entregava a banda o espírito vanguardista e experimental característico da *Factory*, seu estúdio em Nova Iorque.

Iggy teve seu contato com Wahrol, mas relaciona sua “persona” e performance nos palcos aos contatos que teve com Jim Morrison, vocalista do The Doors; Mick Jagger, vocalista do The Rolling Stones; e James Brown.

Eu fui a dois shows do The Doors [...] E, ali estava aquele cara, fora de si com ácido, vestido em couro com seu cabelo todo oleoso e encaracolado. O palco era muito pequeno e realmente baixo. Era um confronto. Eu achei aquilo realmente interessante. Eu amei a performance [...] Parte de mim estava, 'Nosso, isso é demais. Ele realmente está irritando as pessoas e ele está se balançando em torno de fazer esses caras ficarem com raiva' [...] A outra metade disso, eu estava pensando, 'Se eles têm um disco de sucesso e eles podem fugir com isso, então eu não tenho nenhuma p\* de desculpa para não subir ao palco com a minha banda'. Era uma espécie de 'Ei, eu posso fazer isso'. Havia realmente um pouco disso lá<sup>12</sup> 13 (POP, s.d.)

O grupo *The New York Dolls* (1971–1977) surge no início dos anos 70 abusando da estética glam, de saltos altíssimos, maquiagem, couro e estampa. Inspirados nas danças sensuais de Mick Jagger, na teatralidade de Iggy Pop e nos grupos femininos da

<sup>12</sup> Disponível em: [http://www.classicrockrevisited.com/show\\_interview.php?id=97](http://www.classicrockrevisited.com/show_interview.php?id=97) acesso em 04/09/2014

<sup>13</sup> Tradução da autora. Original: *I attended two concerts by the Doors. [...] So, here's this guy, out of his head on acid, dressed in leather with his hair all oiled and curled. The stage was tiny and it was really low. It got confrontational. I found it really interesting. I loved the performance [...] Part of me was like, 'Wow, this is great. He's really pissing people off and he's lurching around making these guys angry.' [...] The other half of it was that I thought, 'If they've got a hit record out and they can get away with this, then I have no f\* excuse not to get out on stage with my band.' It was sort of the case of, 'Hey, I can do that.' There really was some of that in there.*

década anterior, o quinteto formado por David Johansen, John Genzale<sup>14</sup>, Rick Rivets<sup>15</sup>, Arthur “Killer” Kane e Billy Murcia<sup>16</sup> é uma das principais influências para o que viria a seguir no Punk. Segundo o editor da revista *All Music*, Stephen Thomas Erlewine, o *The New York Dolls* “teria criado o Punk rock antes que existisse um termo para isso”<sup>17</sup>.

Apesar das três bandas citadas serem de suma importância para entender como começa a ser formar o movimento Punk, nenhuma delas pode ser classificada como Punk. Tanto o *Velvet Underground*, quanto o *the Stooges* e o *The New York Dolls* são importantes para criar uma estética Punk e abrir espaço para as bandas que vem a seguir. Tudo que acontece na cena antes de 1975/76, quando o Punk ganha fama mundial, são inseridas no subgênero proto-Punk.

O *The New York Dolls* inspirou a formação da banda marco do Punk rock americano, o *Ramones* (1974 – 1996). O quarteto, que faz sua primeira aparição em público em 1974, ficou conhecido por suas músicas curtas tocadas de forma muito rápida e pelo visual. “Usavam essas jaquetas de couro preto. E [as músicas] eram apenas um monte de barulho... Eles eram tão marcantes. [...] Isso era algo completamente novo.”<sup>18</sup> No final de 1975, o *Ramones* foi o primeiro grupo do movimento reconhecido como “Punk” a assinar com uma grande gravadora.

Os *Ramones* foram a primeira banda Punk. Outras bandas, como *Stooges* e o *New York Dolls*, vieram antes deles e armaram o palco e a estética para o Punk, e as bandas que vem imediatamente depois, como o *Sex Pistols*, fizeram a latente violência da música ficar mais explícita, mas o *Ramones* cristalizou os ideais musicais do gênero.<sup>19 20</sup>

Essas duas bandas de Nova Iorque, *the New York Dolls* e *Ramones*, são apontadas como as principais inspirações para o que viria a ser o movimento Punk britânico, com sede em Londres. O *the New York Dolls* foi empresariado pelo inglês Malcon McLaren entre 1974 e 1975, que usou toda sua experiência com o Punk americano para formar a primeira banda Punk britânica, o *Sex Pistols* (1975–1978). Já o

<sup>14</sup> Mais conhecido como Johnny Thunder.

<sup>15</sup> Substituído por Sylvain Sylvain depois de alguns meses de banda.

<sup>16</sup> Substituído por Jerry Nolan em 1972.

<sup>17</sup> Disponível em <http://www.allmusic.com/artist/new-york-dolls-mn0000866786/biography>. Acesso em: 13/09/2014

<sup>18</sup> Disponível em: <http://www.pbs.org/independentlens/endofthecentury/legacy.html> Acesso em: 13/09/2014  
<sup>19</sup> Tradução da autora. Original em: *The Ramones were the first Punk rock band. Other bands, such as the Stooges and the New York Dolls, came before them and set the stage and aesthetic for Punk, and bands that immediately followed, such as the Sex Pistols, made the latent violence of the music more explicit, but The Ramones crystallized the musical ideals of the genre.*

<sup>20</sup> Disponível em: <http://www.allmusic.com/artist/the-ramones-mn0000490004/biography> Acesso em: 13/09/2014

*Ramones* impacta a Terra da Rainha depois de duas apresentações em 1976, onde seu segundo álbum foi um sucesso comercial, diferente do que aconteceu nos EUA.

A única coisa que fazia a música diferente é que realmente a gente estava levando as letras aonde elas nunca tinham chegado antes. A coisa que faz a arte interessante é quando um artista tem uma dor incrível ou uma fúria incrível. As bandas de Nova York estavam muito mais na dor, enquanto as bandas inglesas estavam muito mais na fúria. As canções do *Sex Pistols* eram escritas a partir da raiva, ao passo que Johnny [Thunders] escrevia canções porque estava com o coração partido por causa da Sable... (KIDD *apud* MCNEIL & MCCAIN. 1996, p. 49)

### 3.2. Anarquia no Reino Unido

Em Londres, o Punk toma uma faceta mais política e mais furiosa (BIVAR 1992). O Sex Pistols não precisou de mais do que dois anos para ficar marcado eternamente no cenário das bandas *underground*. O primeiro *single* da banda, *Anarchy in the U.K.*, é tido como o motivo do grupo ter sido expulso de uma gravadora e o *single* seguinte, *God Save the Queen*, que tachava a monarca inglesa de fascista no ano de seu jubileu, é o motivo de o grupo ser banido pela emissora de rádio e televisão do Reino Unido BBC.

Mas o Punk não é só visual, só música crassa. É também uma crítica e um ataque frontal a uma sociedade exploradora, estagnada e estagnante nos seus próprios vícios. Os Punks não querem mais esperar o tão prometido fim do mundo. Eles querem o apocalipse agora, em 1976. (BIVAR, A. 1992, p. 49)

Não é engraçado estar na fila do desemprego, mas nem por isso a música deve ser deprimente. A música deve oferecer uma assistência a esse lixo todo. Se o tema é a estagnação, a música deve apontar saídas e mostrar como vencer a estagnação. Tem que ter verdade, mas tem que ter humor também. Otimismo. E isso não é político (ROTTEN *apud* BIVAR. 1992, p. 63)

O Sex Pistols não durou muito tempo como banda e se separa durante a turnê norte americana, em meados de janeiro de 1978. Mas, como falado antes, eles deixam sua marca, em um rastro de destruição “através de suas performances cruas, únicas, niilistas e violentas”<sup>21</sup> E é durante uma dessas apresentações, na qual dividiu o palco com o Pistols, que Joe Strummer deixa sua antiga banda e forma o The Clash (1976–1986).

---

<sup>21</sup> Disponível em <http://www.allmusic.com/artist/sex-pistols-mn0000418740/biography>. Acesso em: 13/09/2014

Diferente do niilismo liderado pelos Pistols, o Clash era mais idealista e acusado de tendências esquerdistas. A banda de Strummer acaba se tornando a banda mais aclamada pela crítica, mais famosa da onda Punk britânica e reconhecida por seus experimentos, principalmente misturando ritmos como reagge, funk e rockabilly ao Punk<sup>22</sup>(COGAN, 2010).

A banda fecha a década de 70 atravessando o Atlântico, em direção aos Estados Unidos, com o segundo álbum, *Give 'Em Enough Rope* (1978), e atinge o sucesso comercial com o terceiro álbum, *London Calling* (1979). Os anos 80 marcam a desintegração da banda, que sofria conflitos internos iniciados por volta de 1982 e que culminam no fim do Clash em 1986. Eles saem da cena deixando um legado forte e “apadrinhando” diversas bandas que surgem a seguir na Inglaterra e nos Estados Unidos (COGAN, 2010).

E não foi apenas o Clash que se despediu nos anos 80, toda a movimentação Punk, incluindo a parcela americana, estava entrando em decadência com o fim de diversas bandas e morte de figuras centrais do movimento, principalmente por abuso de drogas. Com essa decadência e o desaparecimento na mídia – com uma breve reaparição entre 1981/82 com o movimento “*Punk is not dead*” (O Punk não está morto) –, o Punk é considerado morto para o mundo, mas continuou esparramando sua poesia e estilo em quase tudo que vem na sequência no Rock.

### **3.3. Punk em verde e amarelo**

A entrada do Punk no Brasil é ligada a explosão e divulgação do movimento em Londres e com a revolta de grupos jovens com os atos da ditadura militar (1964-1985) que governava o país. Por aqui, São Paulo foi a cidade que mais se destacou pela grande quantidade bandas e eventos que surgem no final dos anos 70 e nos anos 80. Outras capitais, como Brasília, Rio de Janeiro e Salvador, também marcaram presença, mesmo que de forma breve em alguns casos, no movimento Punk nacional.

O Brasil absorveu de forma rápida a mensagem do Punk inglês de “fazer música energética com poucos recursos e canalizar sua raiva para produzir entretenimento para a rapaziada” (ALEXANDRE. 2013, 2<sup>a</sup> ed, p 58). Toda essa energia e experiência com poucos recursos podem ser consideradas um reflexo da realidade brasileira no início dos anos 80: a alta inflação e o desemprego empurraram muitos

---

<sup>22</sup> Disponível em <http://www.allmusic.com/artist/the-clash-mn0000075747/biography>. Acesso em: 13/09/2014

jovens a se sentirem marginalizados pela dificuldade no acesso a diversão, informação e consumo (*Ibidem*, p 59). “Se o Punk é o lixo, a miséria e a violência, então não precisamos importá-lo da Europa, pois já somos a vanguarda do Punk no mundo inteiro” (BUARQUE *apud* BIVAR 1992, p. 65)

O Punk surgiu numa época de crise e desemprego, e com tal força, que logo espalhou-se [sic] pelo mundo. E que cada um, à sua realidade, adotou o protesto Punk, externação de um sentimento de descontentamento que já existia atravessando na garganta de uma certa ala jovem, das classes menos privilegiadas do mundo (BIVAR, 1992, p. 96)

### **3.3.1. O Punk em São Paulo**

Como no movimento americano, a situação propícia para o surgimento do Punk no Brasil dos anos 80 estava em meados da década anterior. Somada a situação socioeconômica, existia também uma insatisfação musical, principalmente pela sensação de não representação com a produção da MPB e do Tropicalismo. As gangues jovens paulistas já tinham acesso ao material produzido pelos americanos e ingleses em 1976 e sabiam que aquilo, diferente de Chicos e Caetanos, era o que melhor expressava suas ideias e fúria (ALEXANDRE, 2013b).

E, assim como em Londres, a absorção do movimento na capital paulista não foi apenas uma cópia do que se produzia antes, mas “uma identificação adaptada à realidade nacional” (BIVAR, 1992, p 94). Ainda segundo Bivar, os jovens tinham uma visão bem clara sobre o que significava toda aquela rebeldia quando questionados sobre a mensagem do movimento.

A primeira banda Punk brasileira que se tem notícia foi a “Restos de Nada”, formada em 1978 por Clemente Tadeu Nascimento e Douglas Viscaino, dois garotos da Vila Carolina que tinha acesso a discos importados pelo cunhado de Douglas que comprava em Santos, litoral paulista, no contrabando que vinha da Europa e Estados Unidos. É assim que eles conhecem o proto-Punk americano e encontram “a musica que os representa” (ALEXANDRE, 2013b) .

Quase que simultaneamente, dois frequentadores da Wop Bop, loja de discos que surge na mesma época no Centro Comercial Grandes Galerias, formam a banda “AI-5” seguindo a cartilha Punk do visual a temática das músicas. “Eram moleques falando para moleques, pregando a ruptura que os artistas profissionais não tinham coragem de pregar” (RICARDO, 2013b, p. 62). Inspiradas nessas duas bandas, muitas

outras surgem na cena paulista e o movimento vai se expandindo. Cresce-se ao ponto de chegar ao ABC paulista e atrair a jovem massa de operários no mesmo momento que o movimento sindicalista ganhava peso na região (Ibidem, p. 66).

As primeiras bandas datam de 78 e tinham como nomes AI-5, Condutores de Cadáver, Restos de Nada. Hoje elas não existem mais, mas muitos de seus membros formaram outras bandas [...]. Em 82, quando a imprensa local e nacional tomou conhecimento do ressurgimento do movimento, mais de 20 bandas já estavam se apresentando em shows periféricos, enquanto outras bandas estavam apenas se formando, mas já divulgando seus nomes. (BIVAR, 1992, p. 95)

Até 1982, o Punk em São Paulo teve uma aparição pequena na grande mídia. Enquanto o barulho de Londres reverberava até aqui, algumas revistas e jornais chegaram a publicar fotos de gangues relacionando com bandas Punks que nunca existiram (BIVAR, 1992). A imprensa nacional para de dar espaço ao “modismo Punk” quando a imprensa internacional também começa a se voltar para outros temas. No entanto, nos subúrbios, o movimento ganhava corpo e força.

Até que o jornal O Estado de S. Paulo publica em março desse ano uma série de reportagens expondo e explicando o que estava acontecendo entre a juventude paulista, o que eles queriam e em quem eles se inspiravam. “A Geração Abandonada”, que depois vira um livro, é um marco para trazer a tona o que acontecia nos grupos jovens, mas também uma distorção do que realmente movia aqueles garotos. Clemente, que em 1978 formou uma das primeiras bandas Punk paulista, responde ao jornal “lembrando do caráter sócio-cultural da coisa e pedindo para que o vestuso jornal apurasse melhor suas reportagens, ‘para que este país não continue tão atrasado’” (RICARDO, 2013b, p. 68).

A polêmica gerada com essa série de matérias desperta o interesse geral sobre o movimento, para o bem e para o mal. Uma produtora se interessa em documentar o Punk paulista, algumas figuras mais celebres, como o DJ Kid Vinil, são entrevistados por grandes revistas, como a Veja<sup>23</sup>, e a coleção “Primeiros Passos” ganha um livro “O Que É Punk?”, do teatrólogo Antônio Bivar. Graças a essa divulgação, o Punk se alastrou para o interior de São Paulo e para o resto do Brasil (Ibidem, p. 71).

---

<sup>23</sup> Por causa dessa entrevista, Kid Vinil foi tachado como “vendido do sistema” e odiado por muitos dentro do movimento. Os punks mais radicais não acreditavam e não davam apoio a grande mídia. (RICARDO, A. 2002, p. 68)

Nesse momento, após seis anos desde a descoberta do Punk por aqui, o movimento já mostrava rachaduras e apontava o caminho para o fim. Assim como acontecera no Punk americano e britânico, a banalização da imprensa pelo que vinha acontecendo na camada jovem ajudou a criar rupturas e a esvaziar politicamente o movimento. Junto a isso, o I Festival Punk de São Paulo, que chegou ao fim com confusão, brigas, a Tropa de Choque da Polícia Militar invadindo o Sesc Pompeia e mais de 20 jovens são presos (*Ibidem*, p. 73), não ajudou muito a melhorar a imagem construída pela mídia.

Depois desse episódio, as brigas das gangues se intensificam, muitas bandas terminam desanimadas com o rumo o Punk – ou seguem para o Hard Core –, e a polícia fecha o cerco nos jovens. Enquanto no ABC, a soma do engajamento sindical, o Punk e a violência instaurada forma o movimento *skinhead*, com um viés “ultradireitista de proteção da mão de obra local contra a ‘invasão’ migrante, especialmente vinda do Norte e Nordeste” (*Ibidem*, p. 74).

“Eu fiquei p\*, desiludido. Vim de uma gangue, era questão de sobrevivência na periferia. Mas o lado artístico do Punk era mais importante para mim. A gente curtia moda Punk, fotografia, filmes dadaísmo, poesia beat, tudo o que tivesse a ver com essa estética. Eu queria dar continuidade a isso, por causa das pessoas que faziam parte do movimento – um monte de brutos, excluídos, ignorantes até – que, pela primeira vez, tinham uma identidade, uma voz. Era muito importante que o movimento crescesse e pudesse dar oportunidade para aquele jovem oprimido se expressar. Mas isso se tornou difícil, quando os próprios punks estavam mais preocupados em brigar do que batalhar pelo movimento.” (PADUA *apud* RICARDO, 2013b, p. 74)

### **3.3.2. O Punk em outras cidades**

São Paulo não foi a única cidade a receber o movimento Punk no Brasil. Em Brasília o movimento Punk chegou também por volta de 1977, através de filhos de políticos e embaixadores que trouxeram do exterior álbuns de bandas de Punk que estavam nas paradas inglesas da época.

Muito menos agressivos que os paulistas, os punks de Brasília não apresentavam, na sua maioria, o caráter rebelde dos “manos” de São Paulo. Em seu livro “Dias de Luta – O Rock e o Brasil dos anos 80”, o jornalista e escritor Ricardo Alexandre define a cena dos meninos na capital federal como um movimento de afirmação jovem enquanto em São Paulo era uma questão de sobrevivência.

Na “Turma da Colina”, de onde saíram bandas como o Aborto Elétrico (*Æ*), que depois se desdobraria na Legião Urbana e na Capital Inicial, junto com muitas outras que tiveram “formações-relâmpago”, os jovens eram filhos de políticos, diplomatas e professores da Universidade de Brasília. Com mais oportunidades, viagens ao exterior e acesso a cultura que os jovens da massa Punk paulista, a movimentação de Brasília é vista muito mais como uma “afirmação juvenil”, diferente da questão da “sobrevivência” da periferia de São Paulo (RICARDO, 2013b, p. 85).

No início dos anos 80, pouco restava ao Punk de Brasília. Os adolescentes dos anos 70 chegavam aos 20 anos e ingenuidade que movia o ideal de mudar o mundo com as próprias mãos havia esvaído. Dessa cena restam poucas bandas, como Legião Urbana e Plebe Rude, que chegam à mídia em 1983 com a ajuda de Hermano Vianna, na época *free-lancer* na Mixtura moderna.

Porém, como Geraldo Ribeiro, da banda Escola de Escândalo, teria profetizado, “quando todo mundo descobriu a movimentação privada daqueles meninos, ela já havia acabado” (RICARDO, 2013b, p 85).

Outras cidades também tiveram uma cena Punk, talvez não tão expressiva quando São Paulo e Brasília. As capitais como Rio de Janeiro, Curitiba, Belo Horizonte e Salvador tem registros de movimentações de bandas e, no caso dos cariocas, zines. Mas, talvez por uma questão de momento ou local e da repressão já instaurada ao movimento, o Punk não se instala com a mesma força e voracidade de São Paulo.

#### 4. A FANZINE PUNK

A popularização da imprensa alternativa foi um dos movimentos listados por Antonio Bivar como parte importante na pré-história do movimento Punk (BIVAR, 1992). Toda uma vivência artesanal e não corporativa que caracterizou o movimento das vanguardas e de quem os Punks, principalmente o grupo que participou dos primeiros passos do movimento no final dos anos 60, herdaram algumas facetas.

Como explicado no Capítulo 2, a produção de fanzines se caracterizou pela divulgação de temas que estavam fora da grande mídia. E estar fora do agrado geral era o que movia o Punk (MCNEIL & MCCAIN, 1996). O espírito de tomar a dianteira e não esperar que outros fizessem algo por você, caracterizava o tipo de atitude que era esperada pelos primeiros Punks.

Aquela maravilhosa força articulada pela música na real tinha a ver com corromper todas as formas – tinha a ver com defender que os garotos não esperassem que lhes dissessem o que fazer, mas fizessem a vida por si mesmos; tinha a ver com tentar fazer as pessoas usarem sua imaginação de novo; tinha a ver com não ser perfeito; tinha a ver com dizer que tudo bem ser amadorístico e engraçado, que a verdadeira criatividade vinha de se fazer lambança; tinha a ver com trabalhar com o que você tinha na sua frente e transformar tudo de estranho, medonho e estúpido da sua vida em pontos a favor. (MCNEIL *apud* MCNEIL & MCCAIN, 1996, p. 140).

Mais do que divulgação de shows e bandas, os zines Punks eram usados como moedas de troca e meio de comunicação em tempo pré-Web. Durante o auge do movimento em São Paulo, existem relatos de trocas de zines com tapes e outros materiais de divulgação com Punks da Itália, Suécia, Finlândia e Califórnia (EUA) (BIVAR, 1992).

Seria impossível descrever todas as zines Punks uma vez que, por causa do seu caráter *underground*, muitas delas não têm arquivos, além das memórias daqueles que produziram ou tiveram um breve contato. No entanto, algumas delas ganharam fama internacional e são reconhecidas até hoje como fonte de inspiração para outras revistas produzidas.

A escolha neste tópico pela descrição das revistas *Punk* e *Sniffin' Glue* como exemplos da produção de fanzines no Punk se deu pela importância conferida a elas pelos autores selecionados como referência deste trabalho e por representarem, respectivamente, os movimentos Punk americano e britânico.

#### 4.1. “Por que a gente não se chama *Punk*? ”<sup>24</sup>

A revista Punk surge na cidade de Nova Iorque no momento mais promissor do movimento, o ano de 1975. Apesar de não serem os criadores do termo “Punk”, o trio John Holmstrom (cartunista), Ged Dunn (editor) e Legs McNeil (“Punk de plantão” <sup>25</sup>) ganhou a fama como precursor no uso da expressão para denominar um tipo de música, moda e atitude (COGAN, 2010). Antes deles, a revista *Creem*, em 1974, usava regularmente a palavra “Punk”, que teve também aparições ocasionais em outras publicações mundialmente reconhecidas, como as revistas *Time* e *Newsweek* (HOLMSTROM, 2012).

No entanto, o termo ainda não era muito bem definido<sup>26</sup>. Em relatos, que anos depois viraram o livro “Mate-Me Por Favor”, de Legs McNeil e Gillian McCain, alguns grandes nomes da época, como Debbie Harry, vocalista do grupo Blondie, e James Grauerholz, que trabalhou com o poeta William Burroughs, acreditavam, durante a divulgação da primeira edição da revista, que se tratava de “outro grupo de m\*\*\*\* com um nome mais m\*\*\*\* ainda” (MCNEIL & MCCAIN, 1996). Só depois da primeira edição da revista que o termo passa a ser adotado como denominação do movimento.

A revista seguia as características de um fanzine: diagramação simples, presença de *cartoons*, uma linguagem muito própria, trazendo letras de algumas músicas e entrevistas com as bandas que faziam mais sucesso nos clubes como o CBGB e Max’s Kansas City.

Holmstrom queria uma revista que fosse uma combinação de tudo aquilo que gostávamos – ver reprises de programas de televisão, beber cerveja, fazer sexo, cheeseburger, quadrinhos, filmes B, e esse rock’n’roll que ninguém, além de nós, gostava: os Velvets, os Stooges, o New York Dolls e, agora, os Dictators (MCNEIL *apud* COGAN, 2010, p. 247)<sup>27</sup>

---

<sup>24</sup> MCNEIL *apud* MCNEIL & MCCAIN, 1996, p. 266

<sup>25</sup> “Punk de Plantão” foi uma figura criada para Legs McNeil para ser a representação em carne e osso dos personagens dos cartoons de John Holstrom.

<sup>26</sup> O primeiro uso da palavra “Punk” foi registrado em uma peça de Shakespeare, onde aparece como um adjetivo na frase “Casar com um Punk, meu senhor, é apressar a morte”. Em 1955, “Punk” aparece no filme Juventude Transviada como um xingamento usado por James Dean para ofender a gangue que o incomoda na cena da planetário. Dezoito anos depois, o termo é usado como substantivo em uma música da banda Mott the Hoople antes de surgir, finalmente, como nome do movimento em meados dos anos 1970.

<sup>27</sup> Tradução da autora. Original: *Holmstrom wanted the magazine to be a combination of everything we were into – television reruns, drinking beer, getting laid, cheeseburgers, comics, grade-B movies, and this weird rock'n'roll that nobody but us seemed to like: the Velvets, the Stooges, the New York Dolls, and now the Dictators*

Apesar de fãs, os três principais integrantes da revista produziam material de dentro do movimento, diferente de outras fanzines feitas por admiradores que não tinham nenhum contato direto com seus ídolos. Como é possível apreender através dos relatos que compõe o livro *Mate-me Por Favor*, mais do frequentar os clubes, eles estavam vivenciando a construção do movimento junto com as bandas.



Figura 1 - Capa da primeira edição da Punk e entrevista com Lou Reed (1975)

Fonte: J. Holmstrom/The Best of Punk Magazine

A revista Punk nasce no momento que Holmstrom enxerga que os fãs de rock querem se envolver com aquele som novo (COGAN, 2008). Até então, as “bandas corporativas” eram as mais tocadas nas paradas de sucesso nos Estados Unidos. A vontade o trio era falar como jovens para os jovens que gostavam das mesmas coisas que eles. Como cartunista, Holmstrom inicialmente idealizou uma revista para publicar histórias em quadrinhos, mas McNeil insiste em criar uma “revolução cultural” (HOLMSTROM, 2012, p. 9).

Com Lou Reed na capa da primeira edição, a Punk já estreou com um certo sucesso e quatro mil cópias (COGAN, 2008). Apesar de ser um número alto para um fanzine, a revista se agarra em suas raízes ao apresentar uma entrevista “em quadrinhos”, misturando fotos e desenhos, e na diagramação feita toda a mão.

As edições seguintes continuam inovando na forma de registrar o movimento Punk de Nova Iorque, mas continuam trazendo na capa as principais bandas do CBGB, dentre eles Iggy Pop, Ramones, Patti Smith e Blondie. ‘Holmstrom estava essencialmente tentando recriar um senso de urgência da música que dominou o melhor

o pré-Punk e rock de garagem dos anos 60 e renasceu em Nova Iorque nos anos 70”<sup>28</sup> (COGAN, 2008, p. 247).

A publicação, como muitas outras zines, não chegou até a edição de número 20. Sem contar as tentativas de retornar com a revista depois dos anos 2000, a Punk teve 18 edições, mas apenas 17 foram publicadas, entre novembro de 1975 e agosto de 1979 (HOLMSTROM, 2012). Dentre os motivos que levaram ao fim, talvez o mais impactante fosse a demonização do movimento Punk pela mídia, bastante alimentada por fatos como as mortes do baixista do Sex Pistols, Sid Vicious, e de sua namorada, Nancy Spungen.

#### **4.2 . “Nós não precisamos de Nova Iorque”<sup>29</sup>**

A *Sniffin’ Glue*<sup>30</sup> surge no ano de 1976, criada pelo bancário Mark Perry, na época com 19 anos. A primeira edição do fanzine foi editada após o jovem inglês ouvir o disco do Ramones e ir a um show dos americanos. Na busca por uma revista que falasse sobre essa nova cena que tomava conta da Inglaterra, Mark descobriu que as revistas que já existiam não exploravam o que ele acreditava ser o nascimento de algo importante (PERRY, 2011).

Dias depois do show dos Ramones, eu perguntei aos caras da banca da *Rock On Records* no *Soho Market*, um dos lugares que frequentava, se havia alguma revista britânica cobrindo a nova música já que, além da revista Punk de Nova Iorque, eu não tinha visto nada. Ele disse em tom de piada que eu deveria começar uma eu mesmo. Obviamente eu levei a sugestão deve a serio por que sai correndo para casa e comecei a datilografar as primeiras palavras da minha revista - *Sniffin’ Glue and Other Rock’n’Roll Habits*<sup>31</sup> (PERRY, 2011, p. 4)

Em oito páginas, Mark escreve uma crítica uma de suas bandas favoritas, sobre o que era o Punk e como se diferenciava do que já era feito e sobre o show do quarteto americano que o inspirou. Na fotocopiadora do escritório no qual sua namorada a época

<sup>28</sup> Tradução da autora. Original: “Holmstrom was essentially trying to re-create the sense of urgency for music that dominated the best pre-Punk and garage rock of the 1960s and that was reborn in New York in the ‘70s”.

<sup>29</sup> Mark P. escreve essa frase em uma das primeiras edições de sua revista convidando os jovens de Londres a conhecer melhor a cena Punk que se formava na Inglaterra.

<sup>30</sup> Referência a música “Now I Wanna Sniff Some Glue”, do Ramones (COGAN, 2008).

<sup>31</sup> Tradução da autora. Original: “A few days after the Ramones gig, I asked the guys at Rock On records stall in Soho Market, one of my regular haunts, whether there were any British publications covering the new music because, apart from the New York magazine Punk, I had seen nothing. He jokingly said I should start one up myself. I obviously took his suggestion seriously because I went straight home and started typing the first words of my magazine - *Sniffin’ Glue and Other Rock’n’Roll Habits*.”

trabalhava, ele faz algumas cópias e distribui entre amigos e na banca da Rock On (Ibidem).



Figura 2 - Capa da primeira edição da *Sniffin' Glue* e entrevista com a banda Subway Sect em na edição de novembro (1976).

Fonte:

Com a distribuição da sua revista, Perry descobre que ele não era o único a sentir falta de uma divulgação, mesmo que feita de forma simples, do movimento Punk inglês. Pouco depois do lançamento da segunda edição, Mark já está conhecido no meio e mais confiante com seu fanzine. Ele larga o emprego no banco, adota a alcunha de “Mark P.” e passa a se dedicar a divulgação do Punk.

E o contexto da *Sniffin' Glue* era ser um folheto com a urgência de ser digerido em um show, não uma revista pomposa para ser deixada em uma mesinha de canto. *Sniffin' Glue* não era tão mal escrita como era comum de se escrever; a gramática não existia, a diagramação foi casual, manchetes eram geralmente escritas em feltro, palavrões eram usados no lugar de argumentos fundamentados. Tudo isso deu a *Sniffin' Glue* sua urgência e relevância. (FLETCHER, 2001)<sup>32 33</sup>

Na explosão do movimento, Mark P. vira o porta-voz do Punk britânico e seu fanzine chega a alcançar tiragem de mil cópias, na edição número 4, e torna-se “internacional” na edição número 8, chegando ao número de oito mil cópias. (BIVAR,

<sup>32</sup> Disponível em <http://www.ijamming.net/Music/Sniffin'Gluebook.html> Acesso em: 14/09/2014

<sup>33</sup> Tradução da autora. Original: *And Sniffin' Glue's context was of an urgent handbill to be digested at a gig, not a glossy magazine to be left on a coffee table. Sniffin' Glue was not so much badly written as barely written; grammar was non-existent, layout was haphazard, headlines were usually just written in felt tip, swearwords were often used in lieu of a reasoned argument. All of which gave Sniffin' Glue its urgency and relevance.*

1992). Assim como a revista Punk, a *Sniffin' Glue* teve poucas edições publicadas, no caso da inglesa foram apenas 12 edições<sup>34</sup>.

Mark decide parar de publicar sua revista quando se vê comparado a grande mídia musical e não se conforma com isso (COGAN, 2010). Mas, ele não sai de cena apenas: na última edição, ele repete o chamado que faz na quinta publicação, e chama todos os meninos e meninas a fazerem suas próprias revistas, enviarem suas críticas à imprensa e “pegá-los pelos nervos e inundar o mercado com a escrita Punk” (BIVAR, 1992, p. 56).

A diferença básica entre a revista americana e a inglesa é que a o fanzine produzida por Mark P. tinha uma aparência muito mais amadora. A *Sniffin' Glue* era xerocada em preto e branco e montada com fita adesiva. Mark e sua revista estavam muito mais próximos ao espírito do *Do It Yourself* (Faça Você Mesmo) e da ideia de que qualquer um, mesmo sem o mínimo de experiência com edição, diagramação ou redação jornalística poderia ter sua própria revista. A *Sniffin' Glue* ficou marcada por suas “capas estranhamente rabiscadas e interior com blocos de texto datilografado” (COGAN, 2008, p. 306).

Coloquei na revista a mesma abordagem "de volta ao básico" que estava na música que seria divulgada. O "texto principal", se é que pode chamar assim, foi datilografado em uma velha máquina de escrever de criança [...]. As "manchetes" e limitados "gráficos" eram rabiscadas em preto com uma caneta de feltro. Era bruto, mas transmitia a mensagem do Punk perfeitamente. Celebrava a ética do DIY e era, também, o melhor que eu podia fazer no momento.<sup>35</sup> (PERRY, 2011, p. 5).

---

<sup>34</sup>Disponível em <http://www.theguardian.com/music/2011/jun/14/mark-perry-fanzine-culture> acessado em 31/08/2014

<sup>35</sup> Tradução da autora. Original: *I put the magazine together with the same "back to basics" approach as the music that it was featured. The main text, if you could call it that, was typed out on an old children's text typewriter [...]. The "headlines" and limited "graphics" I scrawled out in black felt tip pen. It was raw but it put across the Punk message perfectly. It celebrated the DIY ethic but was also the very best I could do at the time.*

## 5. FANZINE PUNK NO BRASIL

A cultura das zines, no Punk brasileiro, surgiu também como um espaço de divulgação para as bandas e shows. Embalados na força da divulgação feita pelo programa do Kid Vinil na rádio Excelsior, Edson "Redson" Lopes Pozzi, vocalista e baixista da banda Cólera, passa a organizar fitas com o áudio dos ensaios dos grupos que surgiam e David Cintra, mais conhecido como o Strongos do Anarkólatras, escreve o primeiro fanzine Punk, Factor Zero. Como aconteceu em Nova Iorque e Londres, esse foi o primeiro chute que “arrombou a porta” para que outros meninos e meninas também editassem suas zines.

No Brasil que vivia a censura da Ditadura Militar e que a grande imprensa misturava os conceitos de Punk com as gangues jovens, principalmente em São Paulo, a cultura dos fanzines ajuda no processo da construção da imagem do “verdadeiro Punk”. Além da música, os fanzines questionavam a violência, as distorções na ideia da anarquia e a política que envolveu o movimento paulista.

A Factor Zero (1980) é reconhecida como a primeira publicação tipo fanzine no movimento Punk paulista e não foi a única. Na mesma época, foi publicada a fanzine Vix-Punk (1981), editada pelo vocalista do Cólera, e, pouco depois, a SP Punk (1982), editada pelo também vocalista Calegari, da Condutores de Cadáver (FARIAS, 2011). A multiplicação desse tipo de publicação foi, como será explicado na análise da terceira e última edição, um dos motivos para a revista deixar de ser publicada.

A escolha pela análise do Factor Zero está relacionada com seu pioneirismo na divulgação Punk em São Paulo. A revista contou com três edições, numeradas de zero a dois, e apresentava características fortes da cultura do “Faça Você Mesmo” (Do It Yourself, DIY) como elementos editoriais e gráficos montados de forma amadora.

A análise do conteúdo foi feita através das cópias digitalizadas da publicação, uma vez que não foi possível localizar o material original; do conteúdo postado pelo autor da revista em seu blog, também chamado Factor Zero, e de uma entrevista concedida por Cintra para este trabalho.

O Factor Zero foi criado na ideia de ser um “jornalzinho”, uma vez que o termo fanzine ainda não tinha se tornado popular no país<sup>36</sup>. Seu principal assunto era divulgação de bandas punks que interessavam a Cintra e tentar expor algumas ideias

---

<sup>36</sup> Disponível em <http://factor-zero.blogspot.com.br/2008/04/no-incipio-era-assim.html>. Acesso em 30/10/2014

sobre o movimento que, na visão do editor do Factor Zero, não estavam sendo bem representadas nos jornais de grande circulação.

Eu queria muito divulgar as bandas que gostava e algumas ideias sobre o "verdadeiro Punk", já que o que saía nos jornais e revistas brasileiros sobre o assunto era bem distorcido. Quando comecei a fazer o Factor Zero eu não conhecia "fanzines". A palavra era totalmente estranha para mim. Apenas depois de publicar o número zero é que descobri esse universo de fanzines, pois algumas pessoas começaram a me cumprimentar e dizer que gostaram do meu fanzine. (CINTRA, 2014<sup>37</sup>).

Apesar de ter conteúdo de revistas estrangeiras, Cintra pontua a dificuldade desse material chegar até as mãos dos jovens da cena paulista. Quando um revista chegava no país, o alto custo distanciava os Punks

### **5.1. FACTOR ZERO**

Em 1980, Cintra produziu uma revista em 16 páginas, contanto com a capa, com o propósito de expor o que era produzido pela cena Punk paulista. A primeira edição do Factor Zero, como aconteceu com a americana *Punk* e a britânica *Sniffin' Glue*, surgiu no vácuo deixado pelas grandes revistas em explorar o que a cena jovem produzia. “É tosco? Sim, muito. É ingênuo? Certamente. Mal escrito? Propositalmente. Mas foi feito com muito idealismo, com a vontade de gritar: P\*, ESTAMOS AQUI E TEMOS MUITO A DIZER!”<sup>38</sup>

O Factor Zero nasceu de um bate papo entre eu e o Fábio (ex-vocalista do Olho Seco e fundador da Punk Rock Discos). A gente estava comentando o fato de não haver informação no Brasil sobre o que rolava em termos de som Punk e *new wave*, tanto daqui como do exterior. Então falei pra ele: “e se eu fizer um jornalzinho, xerocado mesmo, você coloca à venda aqui?”. Ele topou na hora. Aí saí atrás do que publicar. (CINTRA, 2014)<sup>39</sup>

Apesar da proposta de conteúdo, os textos inseridos nas três edições, de acordo com o editor, faziam parte de um apanhado de publicações estrangeiras que Cintra conseguia ter acesso. Dessa forma, nem sempre era possível a publicação do que o editor gostaria que fosse veiculado. No entanto, a “intenção era ter sempre uma entrevista com alguma banda brasileira em todas as edições e, na medida do possível, divulgar novos discos que saíam no exterior.” (Ibidem).

<sup>37</sup> Em entrevista à autora.

<sup>38</sup> Disponível em <http://factor-zero.blogspot.com.br/2009/09/factor-zero-zero.html>. Acesso em 30/10/2014

<sup>39</sup> Em entrevista à autora.

O nome “Factor Zero” pode ter duas explicações, segundo Cintra. A primeira envolvendo uma teoria do anos 1980 sobre presidentes norte-americanos ou apenas pela sensação de estar criando algo novo do zero.

O nome tirei de um livro de William Oscar Johnson, que tinha uma curiosa teoria sobre todos os presidentes americanos que assumiram o cargo em anos terminados em Zero terem morrido durante seus mandatos (até 1980, pelo menos, era verdadeira). Achei isso bizarro, mas também achei que o nome tinha a ver com o fato de estar criando algo do zero. (CINTRA, 2014)

### **5.1.1. Edição 1 – Número Zero**

Na primeira edição, a número zero, Cintra mistura conteúdo traduzido de revistas importadas, textos autoriais sobre bandas e a adaptação de um quadrinho originalmente da revista M.A.D. (CINTRA, 2014). Apesar do material usado na análise ter passado por restauro digital, é possível observar a forma da montagem do fanzine, através de recortes assimétricos e sem alinhamento.

O discurso político esteve presente também na capa da revista. “Na capa, me lembro que fiz uma montagem de um desenho dos quatro cavaleiros do apocalipse, com rostos famosos e políticos da época”<sup>40</sup>. Diferente da maioria das publicações, a capa da primeira edição não buscou dar destaque ao conteúdo, mas demonstrar uma insatisfação política de Cintra relacionando políticos em atuação na época, o presidente João Figueiredo, o ministro da Agricultura Delfim Netto (grafado na capa sem um “t”) e o então governado de São Paulo, Paulo Maluf, com a figura da mitologia cristã dos Cavaleiros do Apocalipse.

As chamadas para o conteúdo ficam restritas ao canto inferior esquerdo da página, com destaque apenas para a história em quadrinho e a crítica sobre a banda Córula. A diagramação, como explicado no capítulo 2, expressa uma linguagem única e característica da publicação Factor Zero, mostrando a visão de mundo do próprio autor, sem se importar com a questão de tornar a revista um produto para venda.

Outro ponto importante sobre a capa, e que influencia nas edições seguintes, é a falta de qualquer componente editorial. “Como eu não tinha (intencionalmente) nenhum cuidado editorial, não colocava as datas de lançamento” (CINTRA, 2014). Dessa forma, não é possível precisar a data da publicação, apenas o ano de cada edição através de informações fornecidas no blog do editor e na entrevista concedida para este trabalho.

---

<sup>40</sup> Trecho do post “No Ínicio era assim...” publicado no blog “Factor Zero” em 29/04/2009. Disponível em <http://factor-zero.blogspot.com.br/2008/04/no-incipio-era-assim.html>. Acesso em 30/10/2014

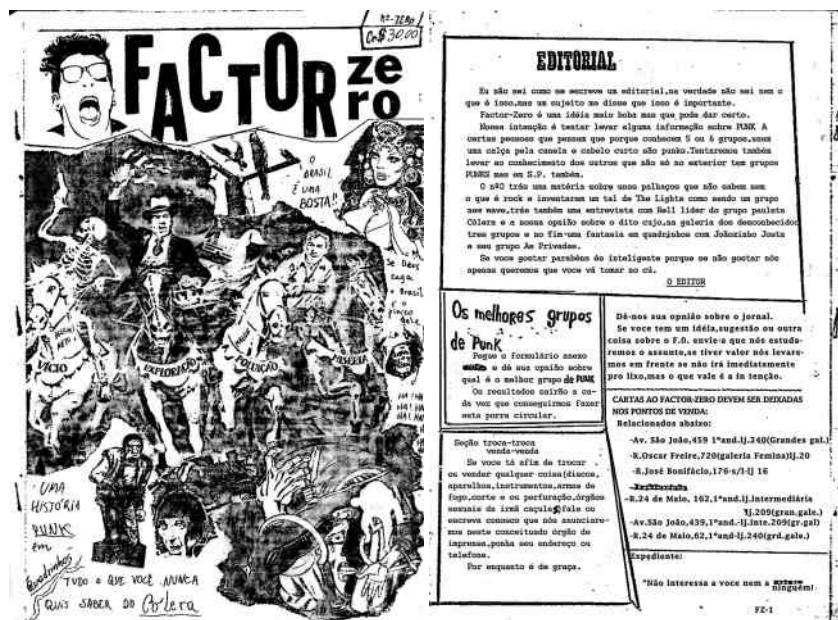


Figura 3 - Capa e editorial do número 0 da revista Factor Zero (1980)

Fonte: factor-zero.blogspot.com.br

Na primeira página, o editorial reflete um dos princípios básicos na movimentação da engrenagem Punk: um indivíduo sem experiência nenhuma na área busca satisfazer seu desejo e expressar sua opinião da maneira que achou mais conveniente. No editorial, Cintra deixa claro a sua intenção com a publicação e apresenta um pequeno resumo do que o leitor irá encontrar em seu fanzine. Na página, o editor abre espaço para que fãs enviem seus endereços para troca de produtos e de pontos de venda da revista.

“Chama-se outra palhaçada” é o primeiro texto autoral da revista, apresentando uma crítica ao grupo *the Lights*, que se apresentou no Brasil como uma banda de “Rock New Wave” e não agradou ao editor. É possível observar no primeiro artigo características textuais que estão presentes nas duas próximas edições assim como a forma crua de exposição da opinião do editor da publicação. No decorrer do texto, Cintra conta em primeira pessoa como absorveu a passagem da primeira banda de *New Wave* pelo Brasil e, através dessa experiência, como o país seria o pior lugar do mundo para receber o movimento Punk.

Na sequência, a “Galeria dos desconhecidos” apresenta um breve resumo de duas bandas americanas com informações provavelmente tiradas de revistas importadas. Nessa página, a revista passa a informar, não apenas sobre o que acontece nacionalmente, mas apresenta uma abertura para os fãs do Punk conhecerem, mesmo que brevemente, a produção estrangeira.

Em um texto sem título, na quarta página do fanzine, Cintra faz comentários sobre uma banda inglesa chamada *the Drones* que lançou um disco em 77, três anos antes do lançamento da revista. O texto não apresenta muitas informações sobre a banda, até por que Cintra demonstra desconhecer, por exemplo, os nomes dos integrantes. Na sua vontade de divulgar uma banda que lhe agradava, o editor se foca apenas em exaltar a pureza o som produzido pelo grupo britânico.

Na quinta página, uma publicidade feita à mão convida os leitores do Factor Zero a conhecer a loja “Punk Rock Discos”, que apoiou inicialmente a produção do “jornalzinho” e que também foi um ponto de distribuição da revista. Apesar de incomum em fanzines, esse tipo de publicidade ajudou diversas publicações a terem sua primeira edição lançada.

A primeira entrevista publicada pelo Factor Zero foi com o grupo Cólera, também de São Paulo. Junto com o pingue-pongue de onze perguntas, Cintra produziu também um comentário sobre a banda, que ele chama de “nossa opinião” apesar da publicação ser editada apenas por ele. No texto, Cintra não se importa de expressar sua real opinião sobre o grupo paulista, incluindo comentários negativos sobre o trabalho da banda.

Não estamos aqui fazendo propaganda de ninguém e também não estamos puxando saco, portanto não vamos escrever o que vocês querem ler. (esta é para os integrantes do Cólera)

O Som do Cólera pode até ser muito bem preparado e ensaiado (a única coisa que o conjunto paulista faz) mas são muitos iguais se vocês escutam uma coisa do Cólera escutaram tudo. É claro que tem exceções, pois, se não tivesse, seria uma lástima. (CINTRA, 1980, p. 6)

Citra dedicou cinco páginas entre a 8 e 13 para a publicação de uma adaptação de uma história em quadrinho originalmente publicada em 1978 pela revista M.A.D.. A adaptação com o nome “Joãozinho Josta e as privadas” é uma adaptação de uma história que satirizava a chegada dos ingleses do *Sex Pistols* aos Estados Unidos para sua primeira turnê. Tal qual o roteiro original, o adaptado mostra a chegada de uma banda Punk inglesa barulhenta e bagunceira para uma apresentação na cidade.

É interessante observar que, intercalando a história, são publicadas mais duas publicidades de lojas de disco. As três lojas citadas na revista são também os pontos de venda da publicação. A hipótese mais provável é que, nesse caso, o espaço publicitário foi cedido em troca do espaço para distribuição do material.

Fechando a primeira edição, a “Galeria dos Grandes Idiotas sem seus disfarces” faz uma brincadeira com três dos grandes ídolos da música “não-Punk” na época. Os cantores Bob Dylan, Paul McCartney e Chico Buarque de Hollanda têm suas cabeças inseridas através de recorte e colagem em corpos de mulheres semi-nuas em uma tentativa de vulgarizar os músicos em mais um exemplo de como o editor/autor pode expor sua opinião da maneira que melhor lhe convir.

### **5.1.2. Edição 2 – Número Um**

A segunda edição do Factor Zero foi lançada em 1981, ano seguinte à publicação da primeira edição. A falta de periodicidade, que marcou o lançamento da segunda e terceira edição é atribuída pelo editor pela dificuldade financeira de manter, sozinho, a publicação.

Desde a criação, o Factor Zero não tinha periodicidade certa. Também tinha o lance da grana, eu gastava o pouco dinheiro que tinha com discos, fitas e bebidas. Até juntar a grana para imprimir as primeiras cópias podia demorar um pouco (CINTRA, 2014)<sup>41</sup>.

No entanto, mesmo sem condições financeiras de manter a revista, a resposta positiva da primeira edição incentivou a produção da segunda<sup>42</sup>. Nesse momento, Cintra revela, em seu blog, que teve contato com a cultura dos fanzines e que essa descoberta influenciou na construção de textos “muito superior ao primeiro em termos de conteúdo”<sup>43</sup>.

A capa da segunda edição, como na primeira, não tinha a preocupação de divulgar as matérias que compõe a publicação. Com o símbolo do anarquismo desenhado, a capa do número um do Factor Zero era aparentemente menos produzida que a capa da edição anterior. A capa contrasta com o que pode ser visto dentro da revista, com mais textos e menos imagens. Na segunda edição, diferente da primeira, não tem quadrinhos e menos provocação.

O segundo editorial, diferente do primeiro, ocupa uma página inteira. Dividido em duas colunas, o texto inicia a revista falando sobre um evento que teve em São Paulo, o primeiro evento reconhecidamente Punk do país, que reuniu nove bandas, incluindo a banda de Cintra, o Anarkólatras, e, segundo relato do editor, possivelmente

<sup>41</sup> Em entrevista a autora. Consultar Anexo A.

<sup>42</sup> Disponível em <http://factor-zero.blogspot.com.br/2009/09/factor-zero-numero-1.html>. Acesso em 30/10/2014

<sup>43</sup> Ibidem

mais de seiscentas pessoas. Em um segundo momento, Cintra faz um relato sobre a interação dos brasileiros com cenas punks através do mundo.

É interessante pensar que, sem essa revista – que inicialmente não havia nenhum arquivo, poderia ter sido perdida nos anos 80 – talvez nunca tivesse chegado aos anos 2014 a informação que houve um intercambio de músicas entre brasileiros e ingleses. E que, a partir dessa troca de fitas, a música produzida em São Paulo alcançou outros países e pessoas sem que as bandas fossem até o local. Mas forte que a questão musical, uma mensagem era difundida (ALEXANDRE, 2013b).

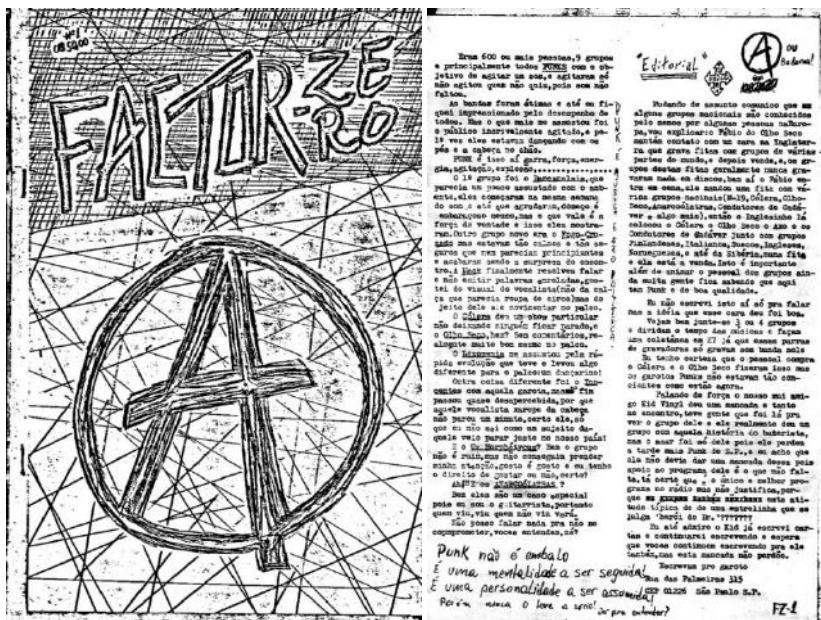


Figura 4 - Edição número 1 e editorial do Factor Zero

Fonte: factor-zero.blogspot.com.br

Na página 2, o artigo “Pensando...” registra mais uma vez a opinião política do editor. Ele ressalta o que lhe incomoda nos símbolos usados por punks em São Paulo, como a suástica, e uma visão distorcida da anarquia que estaria sendo propagada na cena.

Outra coisa que eu tenho notado é que tem gente confundindo Anarquia com Paz e Amor, Anarquia não é guerra e nem destruição e política, ao contrário disso Anarquia é contra toda e qualquer forma de autoridade, e, é para pessoas inteligentes e conscientes, e uma pessoa inteligente que é a favor de guerras e destruição precisa urgentemente ser internada ou assistir filmes da 2<sup>a</sup> Guerra Mundial, mas isso não quer absolutamente dizer que Anarquia seja a ideologia hippie em outras palavras, isso quer dizer que qualquer ser humano tem capacidade de pensar e agir por si próprio ser ter que receber ordem e seguir regras. Aí você se pergunta: mas anarquia não é regra? Eu respondo: não. É apenas um rótulo, um nome, uma definição, mas se você é anarquista não é obrigado a seguir o que ela prega assim como acha que não existem leis que possa impedi-lo de fazer o que você acha que deve fazer.

E o que isso tem haver com Punk?

Muita coisa. Pois o que os Punks pretendem é exatamente o que a anarquia diz. Punk Rock é música e não política, para ser Punk não precisa ser a favor de Anarquia nem de porra nenhuma, mas se alguém acha que Punk é só fazer barulho com as guitarras está enganado, porque aí seria como a música Discotheque, apenas teria outros ritmos.

Pensem e decidam-se por vocês mesmo ou façam do Punk uma ideologia de vida ou sejam como esses burgueses que ficam escutando música para seguir moda. A minha decisão é pela Anarquia para o Punk e pra mim mesmo." (CINTRA, 1981a, p. 2)

Destacar esse ponto de vista é exemplificar a premissa exposta no início do capítulo três sobre as visões políticas intrínsecas os punks. Cintra deixa claro a proposta do Punk de ser uma ideologia mais forte do que um movimento político. Cosmopolita, o Punk se molda a realidade na qual passa a ser vivido por um grupo que absorve seus ideais a maneira que mais lhe convém. Além do ponto político, o texto demonstra também uma maturidade que não esteve presente no primeiro editorial ou na primeira edição como um todo.

Na sequência, o editor dá continuidade a sua proposta de divulgar bandas que ele acredita não serem tão conhecidas pela comunidade Punk. O primeiro grupo apresentado é a britânica *Killing Joke*. No texto, de uma coluna dividindo a página com fotomontagens dos integrantes, Cintra conta a história da banda, o que esperar das músicas e sobre o lançamento do primeiro LP homônimo lançado no ano anterior. No final, ele adiciona uma nota manuscrita ao texto datilografado sobre o lançamento do segundo discos, chamado *What's It For*.

Na página quatro, é a vez do grupo brasileiro “Fogo Cruzado”. A resenha sobre a banda incorpora também a visão do Cintra da apresentação do grupo no festival citado no editorial. O editor abre espaço também para um “recado” do grupo para os leitores. A apresentação da banda dividiu a folha com a composição autoral do grupo chamada “Inimizade”. É interessante observar que o texto e a composição foram colocados em sentidos contrários de leituras, obrigando o leitor a virar a revista em 180º para poder ler.

A página seguinte traz mais uma banda, a americana *U.X.A.*. Da mesma maneira que as duas anteriores, Cintra contra de forma breve a história de banda, comenta as músicas e discografia e os motivos pelos quais um Punk gostaria de adicionar o grupo em sua coleção de discos. Também como os anteriores, o texto datilografado e

fotomontagem divide espaço com comentários manuscritos assimétricos, dando continuidade à aparência amadora da publicação.

De volta às bandas brasileiras, a página seis traz um texto sobre o grupo Lixo Mania, também integrante do movimento paulista. E mais uma vez, Cintra equilibra o comentário com sua opinião sobre o grupo, lembrando ao leitor que por ter menos de um ano de formação, não era possível compará-los com os ingleses. O comentário mais uma vez divide o espaço com uma composição original homônima da banda. Na sequência, Cintra repete os padrões com mais uma banda estrangeira, falando sobre os britânicos do *UK Subs* e uma banda nacional, com Os Inocentes, que também esteve presente no festival.

A novidade dessa edição é uma seção denominada “Páginas dos Traidores”. O editor dedica esse espaço para falar sobre duas bandas, *Cockney Rejects* e *the Saints*, teriam iniciado a carreira no movimento Punk e agora perderam a “agressividade”. Dividida na horizontal, diferente das outras que apresentavam divisões em colunas, a página traz inscrições como “Bunda-Moles” e “Mercenários”, indicando a possibilidade das duas bandas citadas terem se afastado do Punk por questões financeiras e contratos com grandes gravadoras.

Após uma página dedicada à publicidade da loja Punk Rock Discos, principal apoio da publicação, Cintra volta a comentar sobre bandas internacionais falando sobre os ingleses do *Discharge* que, para Cintra, eram o “grupo mais Punk de todo o mundo tanto em matéria de som, como nas letras e nas ideias” (CINTRA, 1981a, p. 11). Essa é o único texto na publicação a ocupar mais de uma página.

A segunda página do texto divide espaço com o endereço para contato com o responsável pela distribuição das bandas nacionais fora do país. Junto com o endereço, Cintra lista bandas que estiveram presentes na mesma fita que distribuiu o Punk brasileiro no exterior. A partir desse relato, descobrimos que o movimento paulista não ficou recluso apenas a realidade brasileira, mas ficou lado a lado com bandas da Itália, Finlândia e Noruega, por exemplo.

A última banda perfilada na segunda edição do Factor Zero é o grupo inglês *the Cure*. A escolha por uma banda “não-Punk” – no caso, uma banda da “New Wave” – demonstra a possibilidade da diversidade mesmo dentro da proposta de expor o movimento Punk. Nesse texto, pela primeira vez, aparece uma citação da publicação na qual foi o artigo baseada. No caso específico, o texto original foi publicado na revista britânica *NME*. No entanto o texto não se configura como uma tradução, está presente a

opinião do editor em primeira pessoa intercalada com informações retiradas da revista inglesa.

Mais uma novidade nessa edição são *rankings* com as bandas preferidas do público eleitas através de uma votação convocada na primeira edição da revista. Em três “classes”, as listas são divididas em bandas internacionais inéditas no país, bandas internacionais já lançadas no Brasil e bandas nacionais. A quantidade total de cartas recebidas não é divulgada, porém existe a informação que 13 das cartas recebidas sem conter informação de votos para bandas nacionais.

Devido o grande intervalo entre as primeiras edições, a lista foi seguida, na mesma página, por uma pequena caixa de texto indicando quais bandas nacionais presentes na lista encerraram as atividades nesse período. Das sete que ganharam destaque pelos votos dos leitores já não estavam mais em atividade, entre elas as bandas Condutores de Cadáver e AI-5, citadas no capítulo 3.

Observa-se através dessa análise que a segunda edição contou com mais textos do que a primeira, tomando uma aparência mais madura que a anterior. Neste número, há um padrão para os textos e a forma que como estes são dispostos na revista. Cintra intercala entre as páginas 3 e 8 bandas nacionais e bandas internacionais seguindo, nas bandas nacionais, o padrão de divulgar uma composição original do grupo. Nas estrangeiras, o texto apresenta e comenta o que esperar das músicas do grupo.

### **5.1.3. Edição 3 – Número Dois e o fim do Factor Zero**

A terceira e última edição é publicada com um intervalo menor do que a diferença entre os dois primeiros lançamentos, também em 1981 (CINTRA, 2014). Definida pelo editor como “quase temática”, o Factor Zero número 2 questionou o fato das mulheres serem minorias tanto nas bandas quanto nas plateias punks em São Paulo<sup>44</sup>.

A temática está presente a partir da capa, uma colagem com fotos e ilustrações do que Cintra chamou em seu blog de “punketes”. Assim como aconteceu na edição anterior, a capa não traz nenhuma informação sobre o conteúdo da edição. A capa, também como aconteceu nas duas edições anteriores, não apresenta nenhuma informação editorial.

---

<sup>44</sup> Disponível em <http://factor-zero.blogspot.com.br/2009/10/factor-zero-numero-2.html>. Acesso em 30/10/2014.

Seguindo o rumo da segunda edição também, o editorial da última Factor Zero trazia uma visão crítica do editor sobre os caminhos que o movimento Punk paulista estava tomando. Mais uma vez, Cintra fala sobre a anarquia sendo confundida com violência e faz um registro de dentro do movimento do momento que a pacificidade, relatada por Ricardo Alexandre no capítulo dedicado ao Punk nacional em seu livro “Dias de Luta”, dava lugar a brigas entre gangues rivais que frequentavam os festivais.

Em seguida, Cintra introduz a banda “GoGo’s” formada por quatro californianas. O texto segue o mesmo formato das apresentações das outras bandas, é apresentada a formação, breve histórico e informações da discografia. Da mesma forma, nessa sequência, são incluídas na revista as bandas *Theatre of Hate* (ING), *Plasmatics* (EUA), *Chron Gen* (ING), Olho Seco (BRA/SP), *Echo & Bunnymen* (EUA), Desequilíbrio (BRA/SP), *Adolescents* (EUA) e Guerrilha-Urbana (BRA/SP).

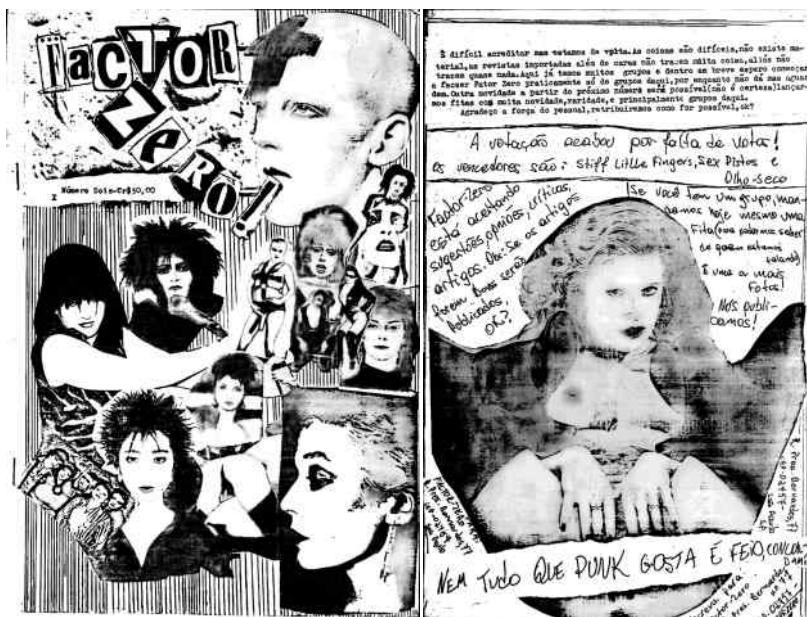


Figura 5 - Capa e editorial da edição número 2 do Factor Zero

Fonte: [factor-zero.blogspot.com.br](http://factor-zero.blogspot.com.br)

No artigo sobre o *Theatre of Hate* pode-se destacar o trecho no qual o editor, sem aviso prévio, interrompe o texto sobre a banda para escrever sobre a última transmissão do programa de rádio de Kid Vinil:

Interrompendo o assunto, acabo de escutar uma má notícia; Kid Vinil já era, estou ouvindo o programa que é o último, é f\*. Depois de uma má notícia dessa, eu começo a acreditar que para o Punk subir aqui no Br [sic] vai ser f\* (CINTRA, 1981b, pág. 4)

Ele interrompe e retorna ao assunto como e não tivesse oportunidade de discorrer sobre a última transmissão com calma. Cintra chega a fazer um comentário sobre a programação que estava ouvindo interrompendo pela segunda vez o texto,

insinuando uma conversa direta com o leitor, como se ele tentasse transmitir o sentimento do momento que ele comentava sobre os ingleses. Essa passagem é mais um dos muitos exemplos do amadorismo característico e a urgência que ditou o tom de quase toda a produção de fanzines durante o movimento Punk.

O grupo Olho Seco ganha destaque nessa edição por ser a única banda a ter duas páginas inteiras dedicadas a sua história. O espaço dedicado corresponde a proximidade do editor com os músicos e conhecimento profundo de sua história. A banda Olho Seco era formada por integrantes de outras bandas com certo sucesso na cena e com reuniões nos mesmos locais frequentados por Cintra, como a loja de discos que apoia a revista.

No entanto, a grande novidade da terceira edição do Factor Zero ficou reservada para um texto final da edição, em tom de manifesto, que não esteve presente nas duas anteriores. Em mais um discurso sobre o “ser Punk” e sua posição na sociedade. Na visão de Cintra, o Punk é o antissocial, ou seja, contra os padrões estipulados pela sociedade e não no tom de “uma pessoa que não conversa com ninguém” (CINTRA, 1981b, p. 14).

A “sociedade” não aceita o Punk e muitas pessoas têm até medo dos Punks, isto é uma prova de incapacidade, é uma prova de que o mundo não evoluiu porra nenhuma, mas os Punks não podem parar. A nossa luta não é para entráramos nos “padrões sociais [“], mas para mostrar que nem tudo que [é] bom para ele é bom para nós. (Ibidem)

A Factor Zero deixa de ser publicada após a terceira edição. Em seu blog, Cintra explica comenta que deu início a quarta revista, mas não chegou a finalizá-la<sup>45</sup>. O surgimento de novas fanzines, a falta de capital para investimento e a competição com outros interesses do editor contribuíram para que a revista chegassem ao fim. Assim como no caso da *Sniffin' Glue*, Cintra relata ter entendido que já havia cumprido sua missão ao dar oportunidade de outros fanzines surgirem a partir de seu trabalho:

Quando eu vi que a partir do Factor Zero haviam surgido vários outros fanzines (mais bem feitos e engajados) achei que a missão do Factor Zero estava cumprida. Eu era um Punk que não queria ficar preso a nenhum compromisso. (CINTRA, 2014<sup>46</sup>).

Apesar de uma vida breve, o Factor Zero presenciou momentos importantes da cena Punk de São Paulo, incluindo o registro do intercâmbio musical com outros países e que, no caso desse movimento, o Brasil não estava tão atrás do que acontecia em cidades como Nova Iorque e Londres. A revista é importante também ao armazenar o

---

<sup>45</sup> Disponível em <http://factor-zero.blogspot.com.br/2009/10/factor-zero-numero-2.html>. Acessado em: 30/10/2014

<sup>46</sup> Em entrevista à autora.

pensamento dos jovens, em contra ponto ao que era publicado nos jornais quando o movimento ganhou força.

Amparados nessa parcela da produção de Cintra, que teve também participação em uma banda da época, pode-se dar partida em estudos sobre os desdobramentos desses primeiros momentos punks no Brasil até culminar na cultura *skinhead*, talvez sua vertente mais conhecida por que observa a cena de fora.

Como muitos fanzines, o Factor Zero conheceu também um formato digital em 2008. O blog, que leva o mesmo nome do fanzine, buscou continuar o trabalho feito por sua versão de papel na divulgação de bandas punks. Vinte e oito anos depois da publicação da primeira edição, Cintra busca divulgar bandas que foram pouco exploradas pela mídia nessas duas décadas e que representam o movimento tanto quanto os *Ramones* e o *Sex Pistols*. Seu propósito é registrado na descrição de sua página na web:

Esta é a versão século XXI do Factor Zero, o primeiro fanzine punk publicado no Brasil. O propósito deste blog é divulgar uma face do Punk Rock pouco conhecida. Respeito muito The Clash, Ramones e Sex Pistols, mas o punk era muito mais (muito mesmo) que estas bandas. O Factor Zero versão eletrônica vai divulgar e contar a história de um Punk Rock que mais influenciou e lançou sementes do que colheu frutos, como foi o próprio fanzine.<sup>47</sup>

Em seus posts, Cintra demonstra que o apoio dos leitores, tal qual aconteceu quando publicava a revista em papel, foi fundamental para continuar escrevendo e divulgando suas ideias e interesses. E, também como aconteceu com a publicação dos anos 1980, a versão digital não apresenta regularidade nas postagens, com intervalos de mais de um ano entre duas entradas no blog. Apesar de ainda estar disponível para consulta, o blog não é atualizado desde outubro de 2011.

---

<sup>47</sup> Disponível em <http://factor-zero.blogspot.com.br/>. Acesso em 30/10/2014

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A necessidade de estabelecer uma comunicação e trocar ideias sobre um gosto em comum impulsionou grupos de fãs de revistas de ficção científica a começar a publicar de forma amadora suas críticas, histórias e endereços para troca de correspondência entre os anos 20 e 30. Quarenta anos depois, o movimento jovem ainda sofria com uma falta de representatividade nas grandes mídias e precisavam de uma forma de se comunicar com o máximo número de pessoas dentro da cena.

Além disso, eles precisam divulgar ideias políticas, shows e bandas para toda uma cena que se consolidava. Avessos a qualquer corporativismo, os jovens dos anos 70 mergulharam no universo da produção de revistas amadoras para difundir sua voz. Através dos fanzines que chegaram até os dias de hoje é possível traçar os caminhos de bandas, intercâmbios musicais, visões, ou seja, o desenvolvimento da identidade do movimento Punk em Nova Iorque, Londres ou São Paulo.

Trabalhado de forma mais profissional, como a revista PUNK, ou totalmente amador e sem pretensões, como o caso da *Sniffin' Glue*, os fanzines se tornam marcos de uma geração que se perpetuaram para fora da cena na qual ficaram famosos. Nem as mudanças tecnológicas conseguiram apagar a vontade de expor ideias, é possível entender os fanzines dentro da lógica dos blogs, por exemplo. Hoje, apesar de o termo ter ganhado mais significados e suportes, o fanzine – independente da forma como é chamado – continua atuando como um elemento importante para a distribuição de conteúdo alternativo.

Quanto sua parcela Punk, existem alguns pontos mais relevantes que se pode observar na análise dessa publicação. A rebeldia, marca da cena, é de cara a primeira característica que podemos observar nesse tipo de construção, que não respeita regras editoriais e busca criar uma linguagem própria.

Aliado ao conteúdo, produzido e disponibilizado seguindo certa “desordem”, os fanzines assumiram também parte do papel de criação da identidade Punk. Em seguida, é possível entender a paixão desses jovens pelo momento no qual estavam inseridos, através da dedicação na criação dessas revistas, muitas vezes sem expectativa do retorno do ídolo ou financeiro.

Através da análise do conteúdo da revista Factor Zero é possível observar uso de diversos recursos, como recortes, traduções, entrevistas e montagens que tentavam explorar o que era produzido e transmitir conhecimento para os leitores. A partir do

segundo número, Cintra oferece também reflexões sobre anarquismo e a violência que tomava conta da cena e era o ponto mais visível do movimento para quem estava de fora.

Sem iniciativas como a de Cintra, a ideia de que a cena era muito além da agressividade registrada por reportagens como a do Estado de São Paulo não chegaria aos anos 2010 ajudando a compreender os jovens do início anos 80. No quadro dos fanzines, sendo reconhecido como o pioneiro nas publicações do tipo musical, o Factor Zero pode ser compreendido como um marco, uma vez que outras revistas surgem após esta.

Mais do que explorar a produção, observa-se nesse tipo de publicações registros importante do pensamento de uma camada jovem e seus questionamentos em seu tempo. É possível traçar situações políticas e econômicas e, em alguns casos, como eles era vistos pela sociedade através de seus textos criticando ou reforçando pontos discutidos em veículos de comunicação de grande porte.

Com objetivo de colaborar com iniciativas futuras, é possível observar, por meio do que foi apresentado nesse trabalho, que muitas das características do movimento e produção de fanzines estão presentes também nesse novo ambiente de colaboração que é a internet. Porém, esse trabalho não pretendeu chegar até os dias atuais, mas entender como se constituiu o início dessa movimentação dos fãs como produtores que movem até o dia de hoje.

No entanto, espera-se inspirar a produção de outros trabalhos que auxiliem na construção do perfil desse fã que perdura até os dias de hoje se movimentando e criando formas para divulgar seu ídolo de forma apaixonada.

## 7. REFERÊNCIAS

### Livros e artigos

- ALEXANDRE, Ricardo. *A mídia alternativa, Se hoje há blogs e movimento em redes sociais, agradeça aos fanzineiros* in *Cheguei bem a tempo de ver o palco desabar: 50 causos e memória do rock brasileiro (1993-2008)*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013a.
- ALEXANDRE, Ricardo. *Dias de luta: o rock e o Brasil do anos 80*. 2ª ed. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013b.
- ATTON, Chris. *what use is a zine? identity-building and social signification in zine culture in Alternative Media*. Londres: SAGE. 2002
- BIVAR, Antônio. *O que é Punk?*. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção primeiros passos ; 76)
- CINTRA, David. *Factor Zero*. 1ª ed. São Paulo: \_\_\_\_\_. 1980. Disponível em <http://goo.gl/GvV1Bh>
- CINTRA, David. *Factor Zero*. 2ª ed. São Paulo: \_\_\_\_\_. 1981a. Disponível em: <http://goo.gl/KsjIWe>
- CINTRA, David. *Factor Zero*. 3ª ed. São Paulo: \_\_\_\_\_. 1981b. Disponível em: <http://goo.gl/jzTTjY>
- COGAN, Brian. *the Encyclopedia of Punk*. Nova Iorque: Sterling Publishing Co. Inc., 2008.
- FARIAS, Priscila. *Sem Futuro: the Graphic Language of São Paulo City Punk*. In: DHS Conference 2011. Barcelona, 2011. Disponível em: <http://goo.gl/5pzrpe>
- FLETCHER, Tony. the iJamming! book review: SNIFFIN' GLUE. Disponível em <http://goo.gl/tSZ5gI>
- GRUEN, Bob. *Rockers: Bob Gruen*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- GUIMARÃES, Edgard. *Fanzine*. Minas Gerais: Nona Arte, 2000. Disponível em: <http://goo.gl/5M6SUk>
- HOLMSTROM, John. *PUNK: The Best Of Punk Magazine*. Nova Iorque: HaperCollins Publishers, 2012.
- LARIÚ, Rodrigo de Sousa. *Uma mapeamento dos Fanzines impressos sobre música no Brasil de 1989 a 2009*. Rio de Janeiro, 2010. 142 f. Dissertação (Graduação em Comunicação Social com Habilitação em Produção Editorial) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.
- MACKENZIE, Mairi. *Punk in ...ismos para entender a moda*. Tradução: Christiano Sensi. São Paulo: Globo, 2010, p. 106-107.

MAGALHÃES, Henrique. *O que é Fanzine?* São Paulo: Brasiliense, 1993. (Coleção primeiros passos ; 283). Disponível em: <http://goo.gl/qI2un6>

MCNEIL, Legs & MCCAIN, Gillian. *Mate-me Por Favor: Uma História Sem Censura do Punk.* Volume um. Tradução de Lúcia Brito. Porto Alegre: L&PM, 2004a.

MCNEIL, Legs & MCCAIN, Gillian. *Mate-me Por Favor: Uma História Sem Censura do Punk.* Volume dois. Tradução de Lúcia Brito. Porto Alegre: L&PM, 2004b.

MILANI, Marco Antonio. *Os Fanzines na Divulgação Do Punk Rock Brasileiro.* In I Congresso Internacional de Estudos Do Rock. UNIOESTE, 2013.

PERRY, Mark. *Sniffin' Glue And Other Rock'n'roll Habits: The Essential Punk Accessory.* Londres: Omnibus Press. 2009.

## Filmes

*CBGB.* Direção: Randall Miller. Nova Iorque: Rampart Films, 2013. 101 min. Cor.

## Sites

All Music: <http://www.allmusic.com/>

Virose Tropical: <http://virosetropical.blogspot.com.br/>

Factor Zero: <http://factor-zero.blogspot.com.br/>

iJamming: <http://www.ijamming.net/>

Fanlore: <http://fanlore.org/>

The Death of Print?: <http://katierobertsdisseration.blogspot.com.br/>

Henry Jenkins Website: <http://henryjenkins.org/>

## 8. ANEXO

### **ANEXO A – Entrevista com David Cintra**

**Quem é David Cintra?** David Cintra, mais conhecido como Strongos, foi integrante da banda Punk Anarcólatras e responsável pelo primeiro fanzine Punk nacional, o Factor Zero.

Entrevista concedida via e-mail em 06 de outubro de 2014

#### **O que te motivou a criar o Factor Zero? e por que "Factor Zero"?**

O Factor Zero nasceu de um bate papo entre eu e o Fábio (ex-vocalista do Olho Seco e fundador da Punk Rock Discos). A gente estava comentando o fato de não haver informação no Brasil sobre o que rolava em termos de som Punk e *new wave*, tanto daqui como do exterior. Então falei pra ele: "e se eu fizer um jornalzinho, xerocado mesmo, você coloca à venda aqui?". Ele topou na hora. Aí saí atrás do que publicar. O problema é que a gente também recebia pouca informação. Na época chegavam poucas revistas estrangeiras por aqui, havia uma dificuldade muito grande de importação de qualquer coisa. E era tudo muito caro, além de eu não ter nada de dinheiro. Então, lembrei de uma sátira sobre o Punk que saiu na revista Mad e juntei com outros recortes que eu tinha da *Zig Zag* (revista inglesa), *Melody Maker* e *NME (New Musical Express)*, ambos jornais ingleses e mais algumas coisas da minha cabeça e montei uma edição zero, que seria uma espécie de piloto. Se vendesse, o Fábio me pagaria por anúncios também.

O nome tirei de um livro de William Oscar Johnson, que tinha uma curiosa teoria sobre todos os presidentes americanos que assumiram o cargo em anos terminados em Zero terem morrido durante seus mandatos (até 1980, pelo menos, era verdadeira). Achei isso bizarro, mas também achei que o nome tinha a ver com o fato de estar criando algo do zero.

#### **Quais foram suas inspirações para criar o Factor Zero?**

Acho que a palavra nesse caso é "motivação". Eu queria muito divulgar as bandas que gostava e algumas ideias sobre o "verdadeiro Punk", já que o que saía nos jornais e revistas brasileiros sobre o assunto era bem distorcido. Quando comecei a fazer o Factor Zero eu não conhecia "fanzines". A palavra era totalmente estranha para mim. Apenas depois de publicar o número zero é que descobri esse universo de fanzines, pois algumas pessoas começaram a me cumprimentar e dizer que gostaram do meu fanzine.

#### **Você chegou a ter contato com fanzines internacionais? Se sim, quais?**

Sim eu troquei correspondência com pessoas na Alemanha, Finlândia, Holanda, Suíça, EUA e, Inglaterra e algumas se interessaram pelo Factor Zero (mandei alguns exemplares). Recebi alguns fanzines, mas não guardei nada, inclusive do próprio Factor Zero até há pouco tempo eu não tinha nada - algo de que me arrependo um pouco...

**Existia algum critério para decidir o conteúdo de cada edição?**

Mais ou menos. Muito do que saía era o que eu "conseguia", nem sempre era exatamente o que eu "gostaria". Mas tinha o critério de o assunto ou a banda estar relacionado ao universo Punk e *new wave*. Minha intenção era ter sempre uma entrevista com alguma banda brasileira em todas as edições e, na medida do possível, divulgar novos discos que saíam no exterior.

**Pelo que entendi nas postagens do seu blog sobre as digitalizações da revista, a edição zero saiu em 1980 e a um em 1981. Quando saiu a edição de número dois?**

Bom, se eu não me engano foi em 1981 mesmo. Como eu não tinha (intencionalmente) nenhum cuidado editorial, não colocava as datas de lançamento.

**Aparentemente, entre as edições existe um longo período de tempo. Por quê?**

Desde a criação, o Factor Zero não tinha periodicidade certa. Também tinha o lance da grana, eu gastava o pouco dinheiro que tinha com discos, fitas e bebidas. Até juntar a grana para imprimir as primeiras cópias podia demorar um pouco.

**Qual a tiragem aproximada de cada edição?**

O número zero vendeu uns 50 exemplares. Já os números 1 e 2 passaram uma centena, mas realmente não me lembro bem, porque eu também ia imprimindo conforme a demanda e vendia em uns cinco pontos diferentes.

**Qual foi o motivo do fim do Factor Zero?**

Quando eu vi que a partir do Factor Zero haviam surgido vários outros fanzines (mais bem feitos e engajados achei que a missão do Factor Zero estava cumprida. Eu era um Punk que não queria ficar preso a nenhum compromisso (ah, a rebeldia dos meus 15/16 anos...). Eu também tocava em uma banda (o Anarcoólatras) e achava que era mais importante me dedicar a ela do que ao fanzine.

**Você chegou a ter contato com outros zines nacionais? Saberia listar alguns?**

Eu conversava muito com o pessoal que fazia o SP Punk, que era feito pelo Maurício (ex-vocalista do Inocentes) e a Meire, além o Redson (Cólera) que fazia um fanzine que, salvo engano, se chamava Sub.

## **ANEXO B – Entrevista com Tom Leão**

**Quem é Tom Leão?** Tom Leão é jornalista, crítico musical e de cinema, escritor e DJ. Editor do extinto caderno de cultura pop e alternativa, Rio Fanzine, para o jornal O Globo.

Entrevista concedida via e-mail em 09 de novembro de 2014

**Antes da "Rio Fanzine" você esteve a frente ou participou na edição de algum fanzine? Se sim, qual e por quanto tempo?**

Eu fazia fanzines de fato, editei pelo menos uns dois, o Blitz (musica) e o Snake Team (skate). Um destes caiu nas mãos da Ana Maria Bahiana, e ela me chamou pra colaborar numa revista que ela ia lançar, a 'Pipoca Moderna', e dai começou a rolar tudo...

**Você teve contato com fanzines lançados fora do Brasil? Quais? Eles inspiraram de alguma forma o seu modo de fazer fanzine?**

Não era muito fácil ter contato com zines gringos, mas eventualmente, algum caia em minhas mãos. Não me inspiraram, por que quando comecei a fazer zines (nem usava este nome), não tinha ideia de como eram, NUNCA TINHA VISTO UM. O meu era basicamente batido a maquina e xerocado, não fazia colagens, nem tinha imagens, como os gringos. Pra mim, eu fazia uma revistinha tosca =)

**E os nacionais?**

Havia muitos zines efêmeros, muitos só duravam um numero, isso nos 80s. Nos 90s ficaram mais 'profissionais' e focados num único assunto, como quadrinhos ou algum artista específico, por exemplo. Alguns viraram revistas independentes, como o Panacea (de quadrinhos, de SP). Lá fora, a revista Blitz (depois do meu), por exemplo, também começou como um zine de Punk rock e moda alternativa...

**A maioria dos fanzines do final dos anos 80 eram copy/paste dos semanários ingleses e o Rio Fanzine teve papel importante nessa mudança. Quando foi essa virada de chave e quando vocês sentiram essa necessidade?**

Não sentimos por que nossa coluna começou espontaneamente, usamos o nome fanzine apenas para mostrar que éramos alternativos e independentes por que não éramos um fanzine de fato, mas uma coluna que levava esse espírito do fanzine para um grande jornal...

**Como surgiu a ideia para "Rio Fanzine" e quantas edições foram publicadas? E como foi a responsabilidade de receber da Ana Maria Bahiana a batuta do Rio Fanzine?**

A Ana já tinha uma coluna com o nome dela, que tinha algumas seções que já eram pre-rio fanzine (como 5mins, na cidade etc., por que eu já era colaborador). Quando ela foi pra los Angeles, largou tudo em nossas mãos, por que não queria que a ideia morresse e,

inspirada no que eu fazia, mudou o nome da coluna para rio (para marcar a cidade, que andava em baixa) fanzine. Foi basicamente isso...

**Quais as diferenças que considera gritantes em relação à produção cultural da época em que ele começou o Rio Fanzine até hoje?**

Acho que o alternativo continua alternativo, só que hoje aparece muito mais por causa da internet.

**Apesar de ser incluída em alguns estudos como fanzine, a "Rio Fanzine" era editada semanalmente dentro de um grande jornal. No entanto, os fanzines foram criados exatamente para preencher "um buraco de informação" deixado pelos grandes meios. Mesmo sendo antônimo, o fanzine convivia bem dentro da lógica da grande mídia? Como foi a resposta do público?**

A resposta foi muito boa por que não existia nada parecido em jornal algum do país (inspiramos coluna parecida que surgiu depois no jornal Estado de SP), e não tínhamos internet, então eram raros os meios de comunicação que informavam sobre musica e cultura alternativa em geral, no Brasil, em português, só tinha revista importada. O jornal domingo vendia mais por que muita gente só comprava neste dia, pra ler o rio fanzine. Nos anos 90 a coluna foi realmente muito importante e reinou livre e sem nenhuma concorrência.

**Você chegou a ter contato com o "Factor Zero" ou outra fanzine Punk publicada nos anos 80 pelo movimento Punk paulista?**

Eu recebia fanzines de todos os tipos de todas as partes do país, tenho uma caixa cheia deles, não da para destacar nenhum.

**Os Fanzines são, sobretudo, instrumentos de desbravamento – o ponto de contato entre a cultura independente e a mainstream. No caso do Rio Fanzine, entendem como uma transição do que seria feito pelos blogs na internet?**

Os fanzines de hoje realmente são os blogs. Se eu tivesse 20 anos hoje, certamente teria começado fazendo um blog.

**Aliás, para você, o crescimento e popularização da internet foi uma das causas para abreviar os 24 anos de Rio Fanzine?**

Sim e não. Sim, por que a internet trazia a notícia antes de sair no Rio Fanzine (e com áudio baixado) e não faríamos mais diferença; não, por que resolvemos acabar por que já não éramos mais uma novidade e o jornal começou a ficar muito careta. Por outro lado, mesmo com toda a informação hoje em dia, ainda é preciso ter alguém para filtrar, por que muita gente lê de tudo e não codifica nada direito...

## ANEXO C – Factor Zero Edição 1, Número 0



## EDITORIAL

Só não sei como se escreve um editorial, na verdade não sei nem o que é isso, mas se eu soube só disse que isso é importante.

Factor-Zero é uma ideia maior boba mas que pode dar certo.

Nossa intenção é tentar levar alguma informação sobre PUNK. A certas pessoas que pensam que porque conhecem 5 ou 6 grupos, tem uma calça pela canela e cabelo curto são punks. Tentaremos também levar ao conhecimento dos outros que não só no exterior tem grupos PUNK mas em S.P. também.

O nº2 traz uma matéria sobre uns palhaços que não sabem nem o que é rock e inventaram um tal de The Lights como sendo um grupo new wave, traz também uma entrevista com Bell líder do grupo paulista Câmera e a nossa opinião sobre o dito cujo. na galeria dos descoabertos três grupos e no fim uma fantasia em quadrinhos com Jokorinha Josta e seu grupo As Privadas.

Se você gostar parabéns é inteligente porque se não gostar não apague queremos que você viá tomar as ci.

O EDITOR

### Os melhores grupos de Punk

Pague o formulário anexo ~~anexo~~ e dê sua opinião sobre qual é o melhor grupo de PUNK

Os resultados sairão a cada vez que conseguirmos fazer esta guerra circular.

Segão troca-troca  
venda-venda

Se você tá afim de trocar ou vender qualquer coisa (discos, aparelhos, instrumentos, armas de fogo, cortes e ou perfuração, órgãos animais da irma capa) fale ou escreva connosco que nós anunciamos neste conceituado órgão de imprensa, ponha seu endereço ou telefone.

Por enquanto é da grapa.

Dê-nos sua opinião sobre o jornal.

Se você tem um idéia, sugestão ou outra coisa sobre o F.Z. envie-a que nós estudiaremos o assunto, se tiver valor nós levaremos em frente se não irá imediatamente pro lixo, mas o que vale é a intenção.

#### CAITAS AO FACTOR-ZERO DEVEM SER DEIXADAS NOS PONTOS DE VENDA:

Relacionados abaixo:

- Av. São João, 459 1º and. IJ. 240 (Grandes gal.)
- R. Oscar Freire, 720 (galeria Feminina) IJ. 20
- R. José Bonifácio, 176 s/n IJ. 16
- ~~Indiferente~~
- R. 24 de Maio, 162, 1º and. IJ. Intermediária IJ. 209 (gral. gale.)
- Av. São João, 439, 1º and. -IJ. Inte. 209 (gr. gal.)
- R. 24 de Maio, 62, 1º and. IJ. 240 (gral. gale.)

Expediente:

"Não interessa a você nem a ~~nenhum~~ ninguém!"

FZ-1

## CHAMA-SE

Quando a Bandeirantes-FM anunciou que pela 1ª vez um grupo new-wave viria ao BR,muita gente se alegrou. O tal grupo chamasse The Lights.

Até aí tudo bem apesar dos cartazes dizerem "Rock New Wave" MAS tudo bem o New Wave dava esperanças.

Chegou o dia do que parecia um grande acontecimento,mas,na fila eu já tive um desapontamento tinha hippie de kilo.

Logo de cara os filhos das putas já cagaram demoraram quase uma hora para entrar no palco e quando entraram outra decepção quatro cabeludíssimos com um visual ainda mais ridículo que o do Made In BR.Eram no mínimo um bicha,um homossexual,um travesti e um viado.

O pior foi o som das quatro uma rara mistura de pop com pauleira e outras bostas menos - New Wave.Aquele é realmente o som mais bunda mole que eu já ouvi.

Mas só as quatro gatinhas tivera culpa? Não,é claro que não,e os putos dos organizadores onde ficam?

No fundo eles são os culpados.

Quem anunciou aquelas panacas como sendo um grupo New Wave - não sabe nem o que é rock,sujeitos assim deviam estar atrás das grades por enganarem as pessoas.

VIADOS,REBOLADORES e ↑  
SORRIZINHOS COLGATE ↑  
TENTARAM SE PASSAR .

POR NEW-WAVERS EM SP.

## OUTRA PALHAÇADA!

Mas voce já parou pra pensar se aqueles(as) são realmente americanas?

Nós duvidamos disso,ninguém nunca ouviu falar de The Lights antes da palhaçada, tá certo que lá existem milhares de grupos que ninguém nunca ouviu falar - aqui no BR ,mas um grupo desses teria condições de vir ao BR ?

Eu creio que não,a não ser que aquelas quatro putinhas fossem milionárias,caso não como conseguiram? Pode ser que os patrocinadores ou produtores tem pago tudo,mas ninguém no mundo faria uma loucura dessas.

Trazer um grupo pequeno como esse pra dar uma única apresentação num lugar pequeno em plena quinta-feira é coisa pra milionário nenhum botar defeito e milionário exêntrico nenhum chegaria a tal ponto.

As hipóteses acima citadas - são praticamente impossíveis de serem reais, por isso eu duvido que aquelas desmunhadas são americanas.

Este acontecimento prova mais uma vez que o BR é o pior país para punks no mundo todo.

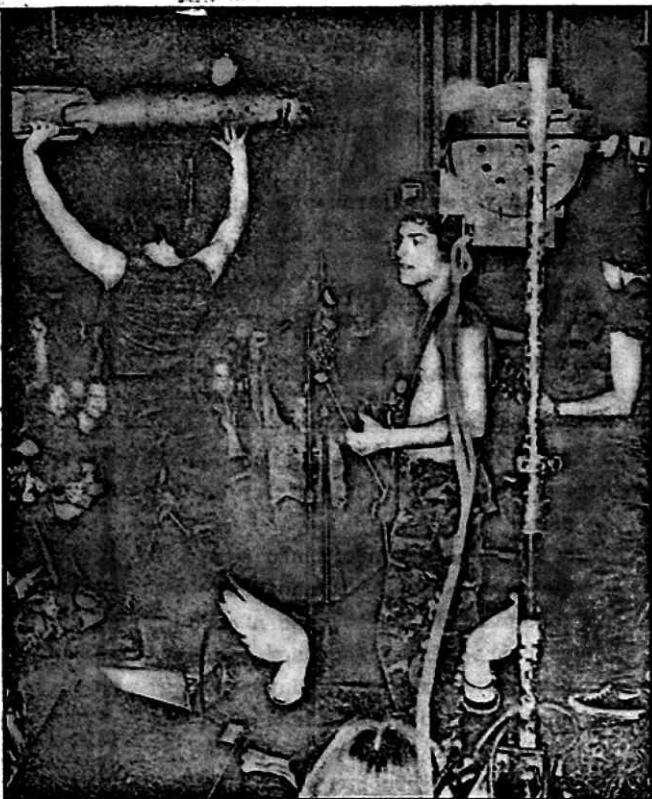
Se voce aceitar sugestões pense nesta:em vez de depositar dinheiro na poupança compre dólares e vai guardando depois de uns 3 anos pegue tudo e fuja o mais rápidos possível desta merda!

FFAACCTTOORR-00

*O governo  
não né uma  
Coisa dessa?*

LEVARAM  
NOSSA  
GRANA  
E FICARAM  
IMPUNES.

FZ\_2



Ameaçando atirar uma bomba no público os terríveis integrantes do temível SHRAPNEL fazem um barulho ensurdecedor e tremem as bases dos mais distantes pubs novaorquinos. Recentemente lançaram um compacto pela Salute Records contendo a estremecedora Combat Love e "hey". Eles levam jeito, não?

Ao lado os integrantes do grupo Americano MAX LOAD, os rapazes têm cara de jovens bem comportados mas são na verdade vândalos como todos americanos desencaminhados pelo PUNK;

O ano passado lançaram um compacto (X-ROD/MAGAZINE SEX) o estilo deles é um som um pouco desorientado, mas muito bem bolado e agressivo, e, o destaque é o vocalista faz excelentes improvisações e sabe colocar o deboche necessário mesmo nas partes mais monótonas, os outros integrantes fazem o que podem e dão ao vocal o acompanhamento necessário, sem frescuras..

O mais estranho são os apelidos+ TERRY-X(vocais), GREG-Z(baterista), MIKE-Y-C(baixista), e TONY-Y( guitarra),



PZ-3

"BEM COMO EU COMEÇO LEVANDO, DO INÍCIO E' CLARO.  
ESTOU AQUI ESCREVENDO SOBRE GRUPOS DESCONHECIDOS.  
DESCONHECIDO PARA UNS; HA' UM PESSOAL  
QUE JA' OUVIU FALAR, MAS NAO CONHECE  
O SOM DELES. OUTROS JA' POSSUEM DISCOS,  
45S (COMPACTOS) ETC.



HOJE VOU FALAR "ALGOMA COISA" SOBRE O  
GRUPO "THE DRONES".

ELES NAO SÃO OS MELHORES, SÃO UNOS DOS  
MELHORES. NAO DA' PRA APONTAR COM O DEDO  
AQUELE E' O MELHOR. // COMO UM CERTO GRUPO QUE VEZO A  
POUCOS DIAS DE SUA CIDADE Natal PARA O BRASIL, LEVAR O NOSSO  
POUCO DINHEIRO QUE TEMOS, PARA SUA TERRA NATAL.



BOM LIGO A T.V. E O QUE VEJO UMA BESTA DE UM  
ROBO, COM AS MÃOS ESTENDIDAS PARA BAIXO DIZEM  
FALTAM 2 DIAS, 4 HORAS, 5 MINUTOS, 3 SEGUNDOS PARA  
PORRA - QUAL E'

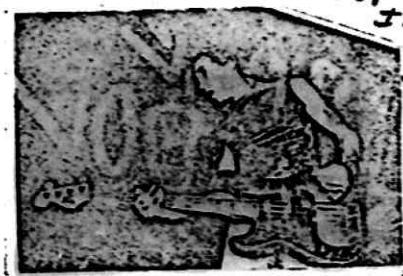
THE DRONES E' DA CIDADE DE MANCHESTER / INGLATERRA.  
FORMADO NO FINAL DE 86, INÍCIO DE 87.  
MAIS DE 87 LANÇARAM O PRIMEIRO COMPACTO -  
GRAVADORA INDEPENDENTE. (G.I.).

LOGO APÓS MAIS UM SINGLE (G.I.), COM AS MUSICAS,  
BONE IDOL / JUST WANT TO BE  
MYSELF.

ENHOMES 12 DE 88 LANÇARAM  
SEU PRIMEIRO LP E ULTIMO. A BANDA  
ACABOU // LP - FURTHER TEMPTATIONS //  
DEPOIS DO ULTIMO LANÇAMENTO NAO SE  
HOUVEU MAIS FALAR DELES.  
DEVERIAM DE LANCAR MAIS UM "LP" O QUE  
EU ACHO. // OLHE OS COMPACTOS E' SEMPRE LEGAMENTE PURO  
PUNK!"



VOCE NOTA pelo som BRAVO, QUE ELES NAO DEIXAM PRA LA'.  
VAO DIRETO AO ASSUNTO.



INFELIZMENTE NAO PODEREI DAR O NOME  
DELES.

PORQUE?

EU NAO POSSUO.

MAS PORQUE?

EU JA' DESSE QUE NAO TENHO O NOME

DE NENHUM DOS CARAS... MERDA.

VOCE A PARTIR DE HOJE ESTA' DESPEDIDO.



**PUNK Rock Discos - //AV. SÃO JOÃO, 439 - 19º ANDAR. LOJA 240.**

A UNICA LOJA DE SÃO PAULO QUE TRABALHA COM A NOVA GERAÇÃO.  
TEMOS LPs. AO VIVO Sex Pistols, Ramones, Clash, David Byrne,  
Stiff, etc.

LPs. de Punk. com Lançamento Nacional, raros // f. catálogo.

Discos em catálogo com preço sempre mais baixo que  
~~estamos sempre~~ pelo preço normal. (de preço).

LPs importados o melhor preço. Sempre trazendo novidades.  
Atualizando você, o que acontece lá e aqui.

TEMOS TAMBEM LPs. AO VIVO LED ZEPPELIN, VAN HALEN, BEATLES,  
MONKEES, etc... Raros // f. forra de catálogo. -

Compramos, trocamos, seu LP.

Botoes a <sup>maior</sup> variedade de botoes que você possa  
imaginar.  
Camisetas de Punk // Rock - todos tamanhos.

Punk Nacional do mesmo nível do Punk Estrangeiro

OLHO SECO // COLERA - ~~fita~~ gravada em estúdio  
Preço de cada fita 250,00 → tudo isto você só pode  
encontrar na PUNK ROCK. SÃO JOÃO, 439. 19º ANDAR. LOJA 240.

# CÓLERA OU COLEIRA



Cólera, s.f.-Prisão, irritação, impulso violento contra o que ofende ou indigna; ira; frenesi; raiva; arrebatamento. É errado dizer "o Cólera", pois a palavra é "feminina" (ha, ha, ha, ha, ha).

Estas palavras são do dicionário.

Mas, não é desta cólera que vamos falar, mas de uma cólera dos subúrbios de S.P., ou melhor da Cólera que nos irrita.

F.O- Quando nasceu o ~~KK~~ Cólera ~~kk~~ qual a primeira formação?

Rell- O Cólera começou quase no fim de 79, eu era o baixista e vocalista, meu irmão Pierre era e ainda é o baterista e o guitarrista era o Hélio.

F.O- Eu ouvi falar que no início o Cólera ~~kk~~ era um grupo pauleira ~~kk~~ isso é verdade?

Rell- Realmente no início a nossa intenção era fazer rock no estilo do Stooges, do MC5 e outros grupos.

F.O- e como resolveram tocar PUNK?

Rell- A gente se tocou que estávamos tentando fazer uma coisa que tava mais batida que prego em parede e que todo mundo ~~kk~~ cansado de ver ai aos poucos fomos descobrindo o PUNK ~~kk~~ e vendendo que o que realmente queríamos era aquilo e ai resolvemos.

F.O- Desde o início quais as mudanças do Cólera? Porquê?

Rell- A primeira modificação foi a entrada do Kino nos vocais, o Hélio que deu a sugestão, depois o Hélio ia embora porque a gente brigava muito, eu queria fazer um som PUNK, mas ele queria imitar Sooges ou fazer pa-lhaçadas, não sei direito até hoje o que ele queria, ai entrou o Val no seu lugar só que no baixo e eu passei a tocar guitarra, pouco tempo depois o Kino também saiu e então ficou a formação atual, mas pode ser que entre um novo vocalista.

F.O- Qual o maior ou maiores problemas que o Cólera enfrentou?

Rell- Foi a incompatibilidade musical entre eu e o guitarrista, ele ~~kk~~ queria fazer um som cheio de solos fresquissimos mas éramos um grupo PUNK não dava pra ele ai ele saiu fora e as coisas melhoraram musicalmente mas ele saiu e levou metade da aparelhagem criando outro problema.

F.O- Quando e on de se apresentaram pela primeira vez?

Rell- Foi no CETAL num mini-festival não me lembro bem quando.

F.O- O que sentiram?

Rell- Que era aquilo mesmo que queríamos, nos identificamos muito com o clima de uma platéia PUNK, mas sentimos também que tocar em shows organizados pelos outros é uma merda.



VAL RELL PIERRE

F.O- Quando vocês tocaram no canal 4 qual a reação dos jurados daquele programeco?

Rell- Alguns gostaram chagando ao círculo de nos dar nota oito outros se limitaram a notas mixurucas levando vaia do público, mas, no fundo a gente merece nós erramos terrivelmente mas a boa aparelhagem cobriu tudo e também estávamo nervosos pois minutos antes tivemos de quebrar a costela de um hippie filho da puta.

F.O- Qual na sua opinião a melhor música do Cólera?

Rell- Na verdade tenho vontade de rasgar tudo o que o Cólera fez até hoje, mas gosto de Sistema Odiável.

F.O- Até um dia que eu esteja com paciência pra falar com você outra vez.

Vire a página e veja a nossa opinião sobre o Cólera.



**CÓLERA  
É PUNK?**

## PODE SER COMPARADO AOS INGLESES?

- POR ENQUANTO, NÃO!

Não estamos aqui fazendo propaganda de ninguém e também não estamos puxando saco, portanto não vamos escrever o que vocês querem ler. (esta é para os integrantes do Cólera)

O som do Cólera pode até ser muito bem preparado e ensaiado (a única coisa que conjunto paulista faz) mas são muito iguais se vocês escutaram uma coisa do Cólera escutaram tudo. É claro que tem excessões pois se não tivesse sido uma lástima.

A verdade é que para o Cólera falta um baterista e um vocalista, o atual baterista pra mim devia tentar entrar no made in Brazil ou no Patrulha só sim ele ia se dar bem se não der pra ele entrar num desses conjuntos ele devia ficar no seu canto quietinho, escutem a fita que o Cólera gravou recentemente junto com o terrível Olho-Seco e percebam bem como o dito cujo NÃO tem nenhuma de bateria o homem no mínimo deve morrer de preguiça ou é tão burro que não sabe fazer duas batidas diferentes pode ser que a batida dele seja muito própria mas ele toca num conjunto PUNK não numa roda de samba.

Será que o Rell que é o líder do grupo não tira ele só porque é seu irmão?

Quanto aos vocais a coisa é pior ainda Rell pode ser um excelente guitarrista é até bom demais mas vocalista ele não é nunca foi, nem nunca vai ser, pode ser se

um dia ele resolver ajudar o Roberto Carlos ele se torne um vocalista, mas para PUNK não dá, ainda bem que ele se tocou e está tentando arrumar um vocalista espero que não apareça outro Kino quanto ao baixista Val dá conta do recado apesar de que sem o baixo ele é um puta dum chato e insuportável.

Não sou um super intelectual de som mas estou dando minha opinião e creio da maioria que conhece o Cólera, se Rell fizesse algumas poucas mudanças o Cólera seria um dos melhores grupos de S.P.

Outro defeito do Cólera é que eles são muito



UM  
RARO  
MOMENTO

EM  
S.P.

RELL  
ATE PARECE UM  
ANJO, NAO?

acomodados tá certo que eles gravaram uma HAHA fita e tudo mais, mas desde quando tocaram no construção nunca mais se preocuparam em tocar em lugar nenhum e não existe desculpa esse fato pois lugar existe e dinheiro se usar a cabeça não é um grande problema.

Até agora eu só meti o pau mas o Cólera até que não é tão ruim assim apenas não faz meu gosto mas pode agradar a muitos o que eu escrevi acima é a opinião do FACTOR-0 e não do mundo todo. Apesar dos pesares o Cólera tem a melhor música nacional que eu já escutei é Subúrbio Geral mas é também a única coisa que os moleques irados fizeram até hoje.

Talvez o Cólera melhore porque pra mim eles não enganam nem o Joey Ramone que é puta babação.

FFAACCTTOORR::00

FZ-7

# JOÃOZINHO JOSTA E AS "PRIVADAS"

Uma fantasia em quadrinhos pra voce ler comendo pipoca.

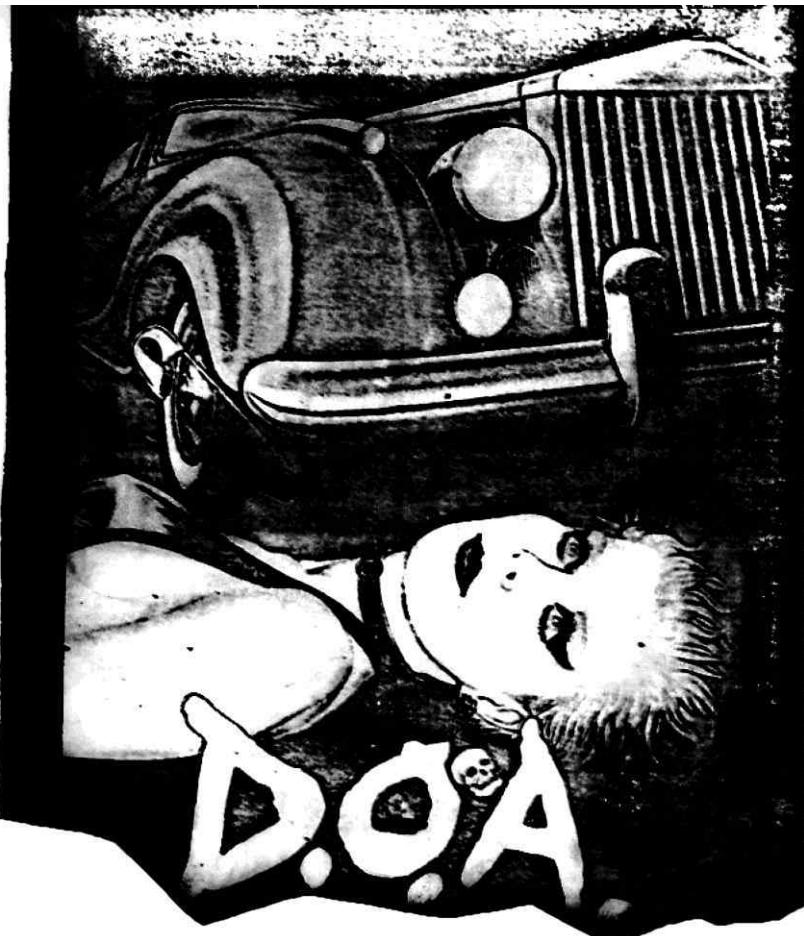
Tutuca conhecida nos meios da imprensa como "A DAMA DA REDAÇÃO" foi incumbida da mortal missão de cobrir a vinda de uns rapazes in gleses que vieram fazer um apresentação em S.P., ai ela.....



ESPAÇO RESERVADO PRA  
FICAR EM BRANCO







**NEW  
WAVE  
NO  
WAVE**

# **POP PUNK ISM**

**DISCOS NOVOS - USADOS IMPORTADOS**

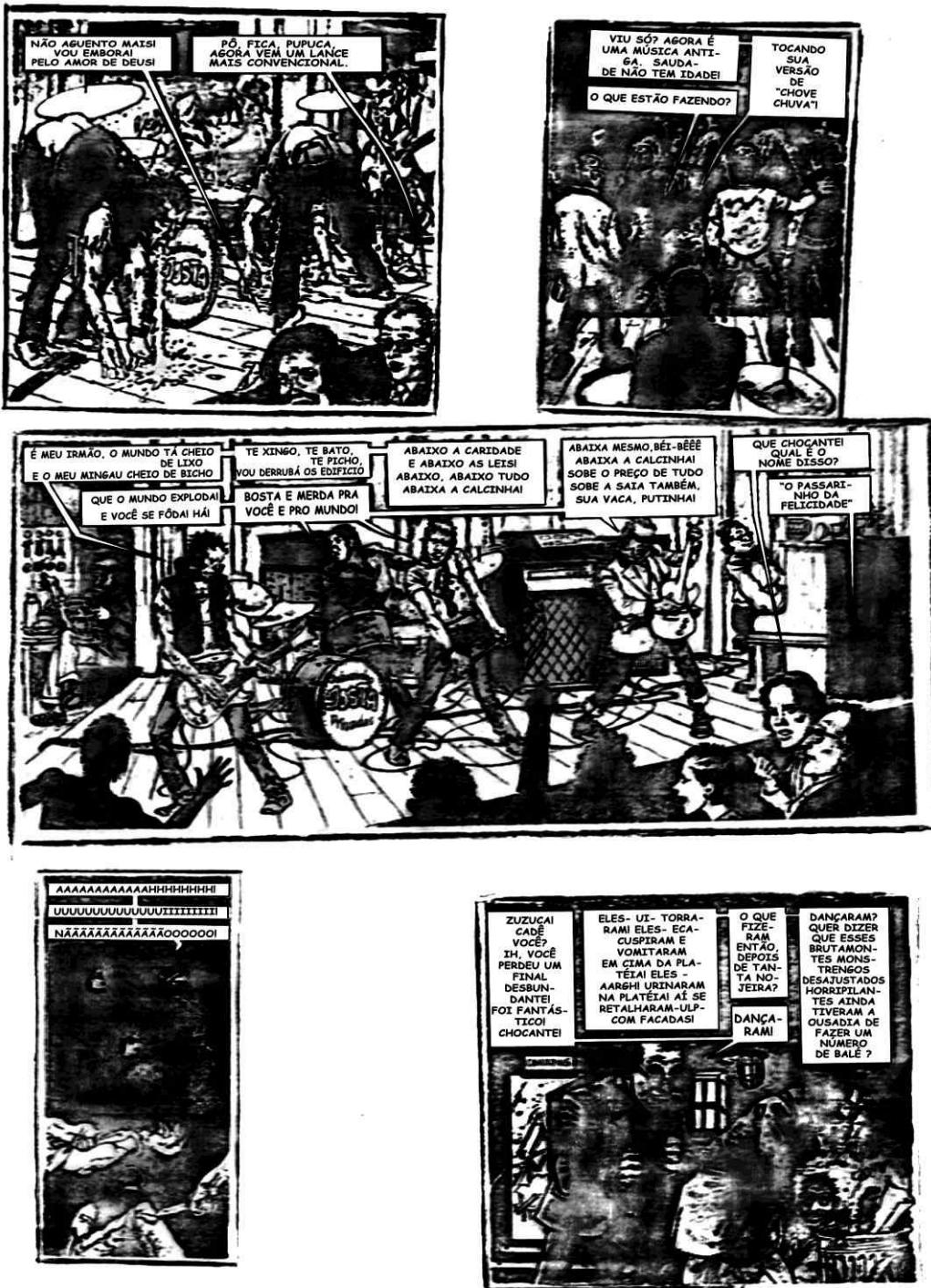
**ESTE FOLHETO VALE CR\$ 50,00**

POPISM - LOJA DE DISCOS

RUA OSCAR FREIRE, 720 (GALERIA FEMINA) LOJA N.º 20

FZ-10







FIM

**PUNK é na**

**Woodstock Discos**

**BUM**

desde 1981 em S.P.

**BR**

**NEW PUNK WAVE**

**ROCKABILLY**

**POP Rock'n' Roll POWERPOP**

**999**

**BUZZCOCKS**

**KAE DAMNED**

**THE CLASH X**

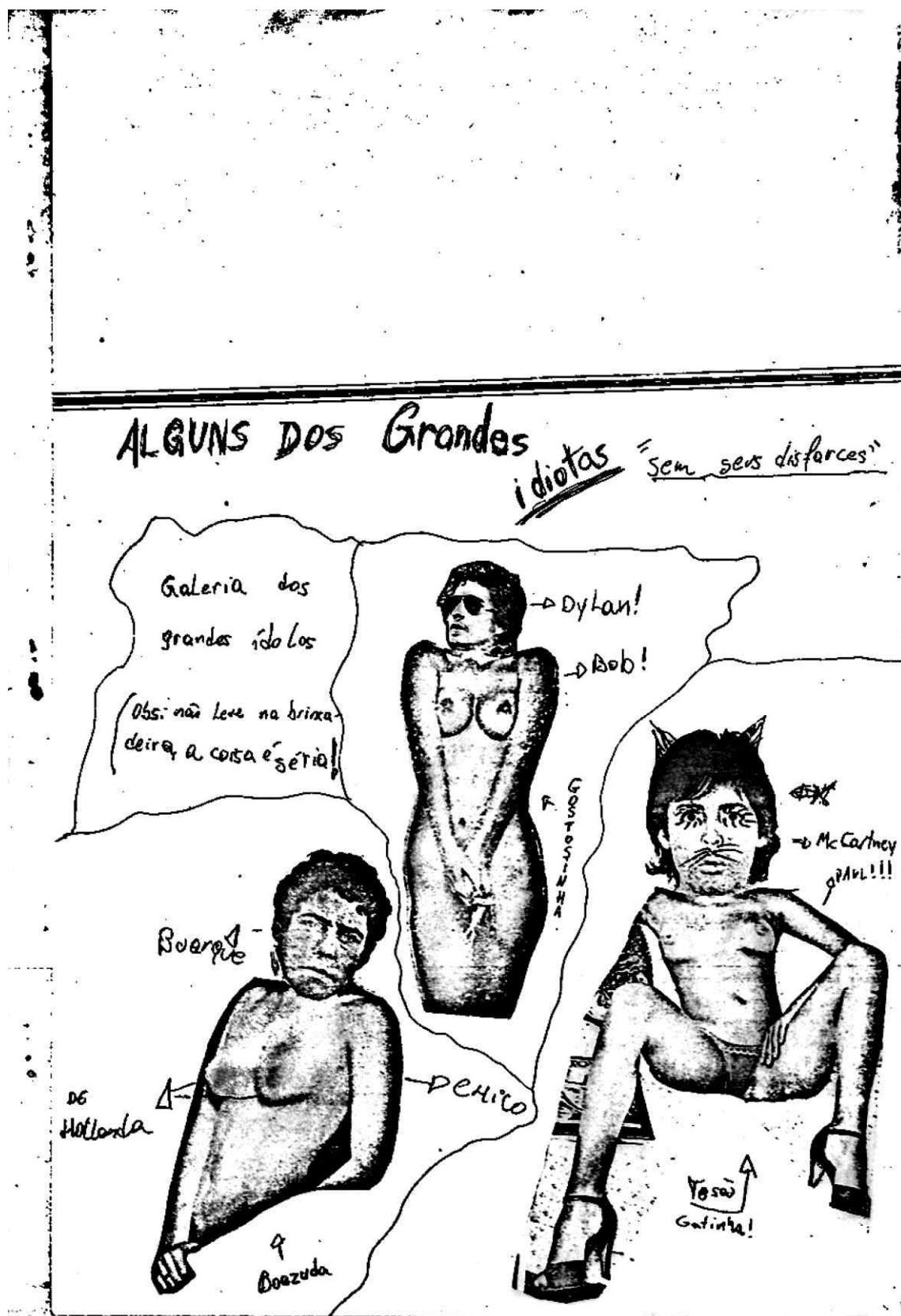
**Sex-Pistols**

**Visite-nos e confirme.**

**MATRIZ → R. JOSÉ BONIFÁCIO, 576 - S/ - LOJA 16 - S.P.**

**FILIAL → R. 24 de Maio, 62 - 1º andar - Intercenter - Loja 209**

**FZ-13**



**ANEXO D – Factor Zero Edição 2, Número 1**

Eram 600 ou mais pessoas, 9 grupos e principalmente todos PUNKS com o objetivo de agitar um som, e agitaram só não agitou quem não quis, pois som não faltou.

As bandas foram ótimas e até eu fiquei impressionado pelo desempenho de todos. Mas o que mais me assustou foi o público incrivelmente agitado, e pela vez eles estavam dançando com os pés e a cabeça no chão.

PUNK é isso aí garra, força, energia, agitação, explosão,.....

O 1º grupo foi o Dame malaias, que parecia um pouco assustado com o ambiente, eles começaram na mesma semana do som e até que agradaram, começo é

embarracoso mesmo, mas o que vale é a força de vontade e isso eles mostraram. Outro grupo novo era o Fogó-Cruzado mas estavam tão calmos e tão seguros que nem pareciam principiantes e acabaram sendo uma surpresa do encontro. A Neck finalmente resolveu falar e não emitir palavras enroladas, gostei do visual do vocalista (não da calça que parecia roupa de circo) mas do jeito dele só movimentar no palco.

O Cólera deu um show particular não deixando ninguém ficar parado, e o Olho Seco, hem? Sem comentários, realmente muito bom mesmo no palco.

O Lixomania me assustou pela rápida evolução que teve e levou algo diferente para o palco: um dançarino!

Outra coisa diferente foi o Inocentes com aquela garota, ~~mas~~<sup>no</sup> fim passou quase despercebida, por que aquele vocalista xarope da cabeça não parou um minuto, certo ele, só que eu não sei como um sujeito de quele veio parar justo no nosso país!

E o Uz Morphatycus? Bem o grupo não é ruim, mas não consegui prender minha atenção, gosto é gosto e eu tenho o direito de gostar ou não, certo?

Ah!!! F-los ANARCOOLATRAS ?

Bem eles são um caso especial pois eu sou o guitarrista, portanto quem viu, viu quem não viu verá.

Não posso falar nada pra não me comprometer, vocês entendem, né?

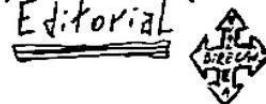
**Punk não é embalo**

**É uma mentalidade a ser seguida!**

**É uma personalidade a ser assumida!**

**Porém nunca o leve a sério! De pra entender?**

"Editorial"



OU  
Baderne!

Mudando de assunto comunico que ~~mais~~ alguns grupos nacionais são conhecidos pelo menos por algumas pessoas na Europa, vou explicar: o Fábio do Olho Seco mantém contato com um cara na Inglaterra que grava fitas com grupos de várias partes do mundo, e depois vende, e, os grupos destas fitas geralmente nunca gravaram nada em discos, bem aí o Fábio entra em cena, ele mandou uma fita com vários grupos nacionais (N-19, Córner, Olho-Seco, Anarcoolátrias, Condutores de Cadáver e algo mais), então o Inglesinho lá colocou o Córner o Olho Seco o Axo e os Condutores de Cadáver junto com grupos Finlandeses, Italianos, Suecos, Ingleses, Noruegueses, e até da Sibéria, numa fita e ela está a venda. Isto é importante além de animar o pessoal dos grupos ainda muita gente fica sabendo que aqui tem Punk e de boa qualidade.

Eu não escrevi isto aí só pra falar mas a idéia que esse cara deu foi boa.

Vejam bem junta-se 3 ou 4 grupos e dividam o tempo das músicas e façam uma coletânea em E7 já que essas paradas de gravadoras só gravam som bunda mole

Eu tenho certeza que o pessoal compra o Córner e o Olho Seco fizeram isso mas os garotos Punks não estavam tão conscientes como estão agora.

Falando de força o nosso meu amigo Kid Vinyl deu uma mancada e tanto no encontro, teve gente que foi lá pra ver o grupo dele e ele realmente deu um show com aquela história do baterista, mas o azar foi só dele pois ele perdeu a tarde mais Punk de S.P., e eu acho que ele não devia dar uma mancada dessa pois apoio ao programa dele é o que não falta, tá certo que é o único e melhor programa no rádio mas não justifica, porque ~~mais~~ grupos também ~~tem~~ esta atitude típica de de uma estrelinha que se julga 'herói do Br.' ????????

Eu até admiro o Kid já escrevi cartas e continuarei escrevendo e espero que vocês continuem escrevendo pra ele também, mas esta mancada não perdão.

Escrevam pro garoto

Rua das Palmeiras 315

CEP 01226 São Paulo S.P.

FZ-1

## Pensando

Tem uma coisa que eu sempre quis falar, a suástica, a suásticas é simbolo de uma das mais odiosas coisas que ocorreram na história da humanidade o nazismo, que pregava a superioridade de uma raça, a raça ariana, pregar superioridade não tem problema nenhum mas querer prováresta falsa superioridade através da extinção de outros seres é realmente uma atitude de débeis mentais. Nas pior atitude ainda é quem não faz parte deste bando de loucos e cultua o símbolo deles apenas por acharem-no bonito ou por achar que Punk tem algo a ver com isso, e se tivesse?

Sinceramente se Punk pregasse nazis mo eu nunca seria Punk pois não faço parte daquela "racinha pura e mais inteligente que as outras".

Outra coisa que eu tenho notado é que tem gente confundindo Anarquia com Paz e Amor, Anarquia não é guerra e nem destruição e política, ao contrário o disso Anarquia é contra toda e qual quer forma de autoridade, e, é para pessoas inteligentes e conscientes, e uma pessoa inteligente que é a favor de guerras e destruição precisa urgentemente ser internada ou assistir filmas da 2ª guerra mundial, mas isso não quer absolutamente dizer que Anarquia seja a ideologia hippie em outras palavras, isso quer dizer que qualquer ser humano tem capacidade de pensar e agir por si próprio sem ter que receber dicas e seguir regras. Aí voce se pergunta: mas anarquia não é regra? Eu respondo: não. É apenas um rótulo, um nome e uma definição, mas se voce é anarquista não é obrigado a seguir o que ela prega assim como acha que não existem leis que possa impedi-lo de fazer o que voce acha que deve fazer.

E o que isto tem haver com Punk?

Muita coisa. Pois o que os Punks pretendem é exatamente o que a Anarquia diz. Punk Rock é música e não política e Anarquia é ideologia e não política, pra ser Punk não precisa ser a favor de Anarquia nemde porra nenhuma mas se alguém acha que Punk é só fazer barulho com as guitarras está enganado, porque aí seria como a música Discoteca, apenas teria outros ritmos.

Pensem e decidam-se por voce mesmo ou façam do Punk uma ideologia de vida ou sejam como esses burgueses que ficam escutando música pra seguir a moda. A minha decisão é pela Anarquia para o Punk e pra mim mesmo.

A liberdade não está nas drogas - está em você mesmo!



FZ-2

**Killing**

Que nome, hem? BRINCADEIRA ASSASSINA !  
 Youth(baixo-vocal) Honestão, direto, suspeitoso  
 Jaz(keyboards) cômico, agressivo é isto  
 Geordie(guitarra) só que eles são, realmente  
 Paul(bateria) bons.

O som deles não é aquele puta pau, mas é um som indescritível (sou ontem fã deles também). Killing Joke é um grupo que tem letras e músicas muito boas mesmo, pra quem gosta de um som feito com a inteligência adolescente.

Em 78 Jaz e Paul estavam em uma banda chamada "Matt Stager" então pouco tempo depois se incorporaram o Geordie e mais tarde acidentalmente num bar londrino encontraram um cara chamado Youth Martim, estava formado o grupo.

Killing Joke se mudou então pra Cheltenham onde ficaram pouco tempo escabendo no destino de todos-Londres. Gravaram "Fire You Receiving" depois "Wardance", depois "Psycho" todas excelentes músicas e muito bem aceita pelo público.

Killing Joke precisava de um LP e em 80 lançaram "Killing Joke", um LP com uma difícil mix e rara criatividade e com músicas como "Bloodsport", "The End", "Primitive", "Wardance" e outras.

Mais recentemente eles lançaram outro compacto com "Follow the Leader" e "Extension".

Este ano eles andarão numa tour com S.L.E. quem sabe não sei um bootlegzinho, hem?

Ap. O d' LP só sou e chamo-se  
 "What's this for?"

**joke**

YOUTH  
 JAZ  
 GEORDIE  
 PAUL

EZ-3

**FOGO CRUZADO**

**BECA-Guitarra e vocal**

**LADRÃO - Baixo**

**MONIZ - Bateria**

Eles talvez sejam o mais simples dos grupos nacionais que apareceram neste encontro do dia 15, tanto no visual como no jeito comportamento no palco. O som deles não é pau e não tem nada de diferente, mas é um som agradável e que pode dizer muita coisa se você prestar atenção.

Particularmente eu não esperava que eles iriam fazer muita coisa, pois o grupo era recém formado e eles acabaram me surpreendendo, é isso ai tem mais é que se fazer som como elas fazem, direto.

O recado deles para os senhores e senhoras leitores é esse:

"Ninguém segura este movimento que chegou rasgando em S.P. superando todas as barreiras. Punk é uma espécie de aventura vadão, mas é também o grito, o alerta, o protesto e sobretudo muito som e dança. Nós do fogo cruzado viemos lhe mostrar de perto este movimento. PUNK é um jeito de viver! É você! Ah! Você quer saber o que falamos em nossas letras? Pois bem falamos sobre engajamento político, sequestros, loucuras, satanismo, drogas, terrorismo, decadência, corrupção, ANARQUISMO, ameaça nuclear, guerra bacteriológica, ódio, robotização, etc, etc, etc,....."

INTIMIZADE (Fogo Cruzado)

ELES PROMETEM SER UM DAS BONS GRUPOS QUE ESTÃO SURGINDO EM S.P.  
É Isto que fará ser confirmados  
APENAS POR VOCÊ, ELES JÁ PROVARAM TER CAPACIDADE.

A-57      OASURJ      00007

Eu sou um fã incondicional do U.K.A. e principalmente da mina aí em cima o nome de lá é De Detroit, ela é uma das fortes personalidades surgidas na cena Punk californiana do ano passado.

Em seus 21 anos De Detroit é uma pessoa firme e sem medo de por pra fora (não vá pensar) que são os peitos) tudo o que aprendeu quando frequentava ensaios das bandas de garagem em Detroit, até que um dia resolveu montar sua própria banda chamada Streets, foi com esta banda que ela resolveu ir pra Los Angeles.

Então numa linda noite de lua cheia e sem lobisomens pra atrapalhar ela conheceu Michael Kowalsky (co-fundador e compositor do U.A.A.).

Entre os dois nasceu uma grande brizade, eles tinham as mesmas opiniões sobre a falsidade do governo, a mesma revolta contra o capitalismo e principalmente as mesmas idéias sobre música(rápida,agressiva e dançável).

"Tu digo 'tinha' porque Michael um dia resolveu desbundar com zherofina e nunca mais desbundou com porrada ~~nenhum~~ nenhuma!

As letras do U.X. A falam  
contra a religião, não pra  
ser contra apres  
nas, mas porque  
as boas nos agradam

É uma pena não ter aparecido as coisas deles.



A morte de M.K. quase põe um fim ao grupo mas A De BE resolveu ir em frente. 1.980 foi o ano definitivo para o U.K.A. que dando shows nos pubs de L.A. foi visto por Robbie Fields um dos melhores produtores de L.A. Então lançaram "U.K.A." e "Social Circle" na coletânea "Rootin' & Nail".

Um pouco depois veio o excelente LP "Illusions of Grandeur".

Eu considero este um dos me

Eu considero este um dos melhores discos lançados em 80. De De estraçalha nos vocais hora sexy hora insinuado mas o tempo todo incrível, Pichie (ex-Pik I Pik) ensurdece com sua cortante e criativa guitarra Billy e Patrick formam excelente dupla bai-bat.

As musicas "Mo Time"- "UAA"  
"I don't lose sleep"- "Tragedies"  
"Sister Goufrieda" pra quem  
gosta de pau (redacted) são  
um prato cheio de sobra no lp  
ainda tem criatividade de kg.

chael  
m  
dou

Atualmente o grupo se encontra em New York, não sei se este ano o grupo lançou algo. Mas NY é um ótimo lugar pra bandas pretenciosas cavar a U.A.A.

FZ-5



# LIXOMANIA

É AQUELE GRUPO  
QUE TEM UM  
DANÇARINA.

Incrível como este grupo está subindo em matéria de som, cada vez que eu os vejo estão melhores já assisti três vezes eles e nas três vezes eles estavam melhores.

Eles começaram este ano (acho) com apenas três integrantes: Tiquinho o guitarrista e vocalista, Adauto no baixo e Zu na bateria. Depois entrou o Alê como vocalista. Tiquinho é um bom guitarrista e pelo que vi deve ser o cara do grupo, só o baterista é que não agrada muito o meu gosto, pode ser ótimo e ~~mas está~~ mas não se pode agradar a todos, né?

Mas este fato não deixa o som deles lá embaixo, o vocalista é bom até demais.

Mas não vá pensar que eles são um grupo com potencial pra se equiparar aos ingleses, eles estão começando e são de garagem, porém FUNES.

E é um grupo que se insistir, e, continuar no mesmo caminho ainda vão dar o que falar, garra e vontade é o que não falta e capacidade também, mas falta dinheiro. E o apoio depende de vocês!!!!!!

"Lixomania" (Lixomania)

Nós somos um grupo  
do futuro  
Nós somos um grupo do barulho  
Vamos mostrar o nosso som  
à burguesia

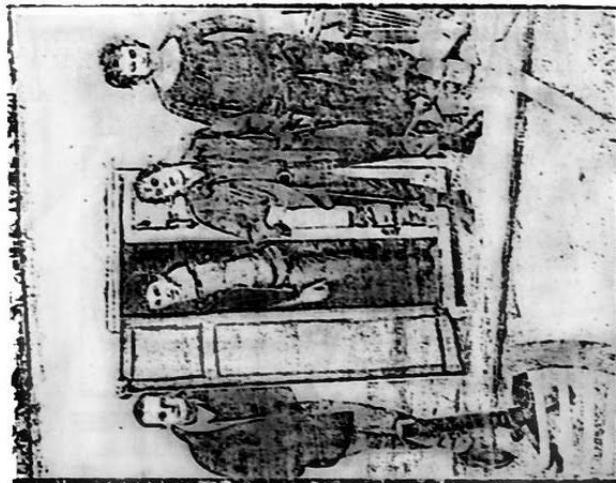
Nós somos um grupo  
que falta e que faz.

Nós somos um grupo  
que não aguenta mais  
Vamos mostrar o nosso som  
à periferia  
O nosso grupo é a Lixomania  
O nosso grupo é da Periferia  
Da periferia do Brasil (4x)

# NÃO QUERO VIVER TAMBÉM NÃO QUERO MORRER

FZ-6

上  
中  
下



Os shows do U.K. SUBS são verdadeiros apocalipses, tanto em matéria de som quanto em zueira. Eles começaram em 77 como o Discharge influenciados pelo Sex Pistols. Mas só no fim de 78 lançaram o 1º compacto com C.I.D./I Live in a car/B.I.C. Depois foi uma leva de compactos juntos com o 1º LP Hues, 2º Brand New Age, 3º Live Kicks (ao vivo), 4º Crush Course também ao vivo e uma obra prima, e agora seu o explosivo Diminished Responsibility com participação do Rat Scabios do Damned. Eu não sou artíco musical por isso não falo de um por um.

Live Kicks (ao vivo), 49 Crash Course também ao vivo e uma obra prima, e agora saiu o explosivo Diminished Responsibility com participação do Rat Scabios do Damned. Eu não sou artíco musical por isso não falo de um por um. Mas é importante que bandas como elas existam, pois eventualmente os grupos ingleses depois do primeiro ou 2º disco começam a ficar frescos (Clash, Damned, Generation Stiff Little Fingers e outros), porém nem elas são diferentes, a cada LP ficam mais Punks, apesar dos sons serem um pouco mais trabalhados, e as gravações serem de otima qualidade, elas não perdem a originalidade. Sim elas ganham muito dinheiro, mas que curja tem se todo mundo quer comprar seus álbuns e assistirem-nos? Isto é resultado da capacidade de se fazer Punk como ele deve ser feito e não como os revistast inglesas querem que seja. Ao mesmo tempo que os Punks se miram neles os New Wa-

não existem heróis, não existem ídolos e nem monstros sagrados mas o U.K. SUBS é uma espécie de Standard, ou seja um exemplo.

É uma das poucas bandas de rock que ainda é pura e original.

As melhores manias deles pra mim são New York State Police, C.I.D., Killer, Live In a Car, Tomorrow's Girls, Brand New Age e as outras todas. Como eles dizem em Rockers: "Hey roqueiro voce quer que o rock morra?" (Do you wanna rock die, rocker?), se os roqueiros não querem que o rock morra que se toquem e olhem o Punk sem medo de admitir que grupos de garotos pobres sejam melhores que aqueles ídolos bunda moles que eles cultuam como idiotas, e o U.K. SUBJ mostra isso principalmente naquele LP Crash Course que é um show de gara, onorácia e PUNK.

Fu tento um recendo proos Grupos nacionais em relaçao ao U.K. Subs: "não fazam o que elas fazem, mas façam o que elas dizem!!!!"

# INNOCENTES

**MAURÍCINHO - VOZ  
CALEGARI - GUITARRA  
CLEMENTE - BAIXO  
MARCELINO - BATERIA**

"GABOTOS DO SUEURSTO"

Vagando pelas ruas  
tentam esquecer  
tudo que os oprimem  
e os impedem de viver  
  
Será que esquecer  
Seria a solução  
Pra dissalver o ódio  
que eles têm no coração?  
  
Vontade de gritar  
Sufocada no ar  
Nado causado  
pela repressão  
Tudo isso tenta impedir  
Os garotos do subúrbio  
de existir  
  
Garotos do Subúrbio  
Garotos do Subúrbio  
Voce Voce Voce  
Não pode desistir de viv

Voce que ainda não os viu não imagina o que está perdendo.

Sou fã deles sim, pois acho que eles realmente querem Punk e são Punks e não estão nessa de embalo e nem de zueira. Calegari o guitarrista tem um estilo pesadíssimo, o baterista a primeira vez que o vi tocar sinceramente não gostei, mas quem te viu, quem te vê.

O vocalista não tem comentários, é débil mental, e acima de tudo Adolescente, moleque mesmo, o que torna o som deles pra pessoas da minha idade e da sua.

O Fritz, Clemente, é um cara que tem bastante inteligência e dos 4 é o mais experiente, eu não falo isto só porque são meus amigos, pois o que eu acho que é ruim eu não tenho receio de falar.



Eles são o que restou de uma das bandas más Punks e mais antigas de S.P. o Condutores de Cadáver. Acontece que depois de um som na FUC o Condutores entrou em crise e acabou. Saíu o vocalista que era o Índio, e, entrou um Xarope da cabeça no lugar dele, o Maurício. A mudança de nome do grupo foi uma coisa certa, porque com o Maurício já era a segunda alteração na existência do grupo (antigamente o baterista era o Nelsinho), e isto mudou totalmente o estilo do som.

O som deles pra mim é um dos melhores de S;P; o Inocentes é um grupo totalmente consciente do que toca, faz e pensa. Apesar da pouca idade dos integrantes, talvez de todos os grupos daqui eles são os mais maduros em matéria de som.

Se eles fossem um grupo inglês estariam em outra situação, pois o visual de palco deles é um dos melhores que já vi, e músicas como "Pânico em S.P.", "Salado", "Norte Nuclear" e "Ex-já minhas existências" merecem mais "(excepcional)" não deixam ninguém parado, além de terem letras muito bem feitas. (Nos próximos números confirmarei isto)

Se as pessoas Punk de S.P. entenderem o recado deles, o grupo vai subir ainda mais. O que eu quero dizer, é que potencial eles têm até demais, mas se não forem compreendidos não adianta nada.

Eles são um grupo que pode dar muita força para o movimento, mas, se o movimento der força a eles. A luta deles não é de agora, e tenho certeza que não vai parar por aqui.

Grupos como eles, anti-marcanarismo, e que não se importam em ser famosos ou não, e que vivem no meio das pessoas que assistem-nos, merecem todo e qualquer tipo de apoio.

Vamos lá Inocentes provem que não  
sao culpados, e, ajudem a Anarquia a  
chegar mais rápida em S.P.

fz-8



## REJECTS

E os rejeitados de Cockney, hem? Eles são foda, aliás eram, os 3 primeiros LPs são ótimos, eu adoro tanto o 1º como o 2º e o 3º, porém o novo LP chamado, "The Power & Glory" (Poder e Glória) me decepcionou, não que ele seja ruim, mas não é o que eu esperava do Cockney, alguém pode falar em evolução, mas evolução é uma coisa e virar Bunda-Mole é outra, o vocalista de todos ele foi o que ficou mais fresco de todos e até parece um anjo canatando. E não é só isso não, as músicas começam e parece que não vão acabar mais, teve gente que falou que era Heavy-Metal, mas eu acho que não, apenas ficou sem agressividade, sem o tesso dos 3 primeiros LPs e fresco. Sem falar do visual que eles apresentaram que pode-se dizer que na foto do LP parece que eles estavam em um desfile da chamada "moda Punk" (inexistente).

Será que foram eles que decaíram, ou foi a gravadora deles que é uma multinacional, que exigiu aquilo? Sinceramente acho que eles se venderam, porque quem fez "Shitter", "Oi, Oi, Oi", "Bad Man" e tantas outras exelentes músicas, não tem capacidade de ~~fizer~~ deixar de fazer decair tanto. Continuo fã dos 3 primeiros LPs mas se eles continuarem nesse caminho vou acabar repudiando os outros também!

PÁGINA DOS:  
TRAIDORES - MERCENÁRIOS  
- Bunda - Moles.



Fz = 9

Voces se lembram deles? Se lembram de "I'm a Stranded"? Se lembram de "Demolition Girl"? Se lembram de "Erotic Neurotic"?

Então lembram-se bastante, porque a The Saints dos velhos tempos já era, outro grupo que decaiu, outro grupo que deve ter se vendido, e devia ter acabado também, acontece que o vocalista depois do 3º LP que já era uma merda (tem até música do Bob Dylan) foi o único que sobrou e quis levar o grupo em frente, porém o novo LP chamado "Monkey Puzzled" está uma merda total, parece uma declaração de amor, ao som de uma banda de Rock Panleira da pior qualidade. Não vou falar mais nada, não vale a pena!



C A M I S E T A S

"PUNK"

"ROCK"

B O T O E S

"PUNK"

"ROCK"

PUNK ROCK DISCOS  
AV. SÃO JOÃO, 439  
1º ANDAR - LOJA 240  
SÃO PAULO

LP'S PUNK NOVOS - USADOS

C O M P R A

T R O C A

C O N S I G N A Ç A O

A T E N Ç A O PUNK

"A LOJA NAO E UM  
PATRIMONIO SOMENTE  
NOSO - E TAMBEM SEU"

A UNICA LOJA DE SÃO PAULO QUE ENTENDE DA NOVA GERAÇÃO

E A UNICA LOJA QUE DURANTE TODO ESSE TEMPO TROUXE MAIS NOVIDADES

E OU NAO E?

SEMPRE DEIXANDO VOCE MAIS ATUALIZADO

VENHA NOS VIZITAR UM DIA DESTES...

ALEM DE LP'S RAROS - TEMOS TAMBEM FITAS GRAVADAS "(RARÍSSIMAS)"D I S C H A R G E A O V I V OA N T I - P A S T I A O V I V O"P E Ç A A N O S S A L I S T A D E F I T A S G R A V A D A S "E C O M P R O V EC O L E T A N E A S .. , E T C

**FZ-11**

CAL - vocal (não tenho foto)  
**BONES** - guitarra  
**RAINY** - baixo  
**BAMBİ** - bateria

PRA MIM ELES SÃO O GRUPO MAIS PUNK DE TODO O MUNDO TANTO EM MATÉRIA DE SON  
 COMO NAS LETRAS E NAS IDEIAS;

Eles começaram em 77 influenciados pelo Sex Pistols, porém só conseguiram gravar em 80 um compacto chamado "Realities of War" com 4 músicas de arrasar, os Punks aceitaram, apesar da publicidade ser mínima, porque a gravadora também era mínima

Não demorou muito e veio o 2º compacto chamado "Fight Back" com 5 músicas todas pau e verdadeiras nas letras, mais tarde sem querer este compacto tornou-se um pesadelo para o Olho-Seco, devendo à semelhança entre Fight Back e Sinto.

A seguir veio a obra prima, a sensacional música "DECONTROL" lançada num compacto com o mesmo nome. O que eles conseguiram fazer em "DECONTROL" foi simplesmente um clássico do PUNK-ROCK, quando escuto "DECONTROL" não consigo admitir que 4 garotos pobres e sem recursos milionários conseguem fazer tanto alvoroço, mas depois de ouvi-la admito isto e penso, Discharge é foda.

Aí veio outra porrada, "WHY", eu não esperava aquilo do Discharge, esperava menos, mas lá estava gravado em um compacto de 12' em 45rpm 10 músicas inadmitíveis, eles voltaram mais barulhentos ainda, mais agressivos e mais Punks, "Maimed & Slaughtered", "Why", "Does Make System" e as outras sete músicas matam os tímpanos de qualquer pessoa que nunca ouviu Punk.

E eles não param ai, já saiu um outro compacto chamado "Never Again", o som? Puta que paril, Parece até que só eles querem ser Punks, um chute no saco, CAL se acaba no vocal, Bambi parece que vai destruir a bateria ao invés de tocá-la, Rainy e Bones matam, Bones quase acabou com minhas pretensões de

tocar Punk, se o DISCHARGE continuar neste ritmo não sei onde eles vão parar mas é isso ai Punk tem mais é que arregaçar. É importante, eles dizem que não pretendem ir para selos maiores pois não querem se tornar estrelinhas, e muito menos dar o braço a torcer para os tâberões, se comprarem tudo ótimo.



Eles são contra o sistema em "geral", e, contra a guerra nuclear em "particular".

Bones: "Punk now é uma fase da adolescência é uma realidade gerada pela debilidade das autoridades e dos militares."

os grupos preferidos deles são: "Zounds, Crass, ~~Crash~~, ~~Crash~~, Fall Out, The Seize, Anti-Past, Exploited, ~~Crash~~, Demon, ..."

H Kongão!!! Se você quiser entrar em contacto com o carinha que pôs os grupos Brasileiros à venda (desculpe-me digo) as músicas dos grupos Brasileiros à venda - na fita chamada "Hardcore or What?" é só escrever, em Inglês, para:

THANK  
TO.  
X-CENTRIC  
NOISE TAPES  
4 FZ

### X-CENTRIC NOISE TAPES

17 West End Road,  
Cottingham  
North Humberside HW6 5PL  
ENGLAND

STONED RAYZENS-

Os nomes são: DATA KLASS - Norvegia

Ah! e na mesma fita ainda tem grupos do mesmo nível financeiro e musical dos daqui!

~~DATA KLASS~~ B.B.C. - Holanda

~~DATA KLASS~~-TERVEET KADEET - Finlândia

BLUE VOMIT - Itália

HUVUDTVÄT -

PROBES - Escócia

EHADS IN LIPSKA - Suécia

ELECTRO SHOK - Itália

IVAN SIBÉRIA - Sibéria



ESCREVA!!!

FZ-12

**THE CURE**

Não, Factor-Duro não é totalmente radical. Punk é ótimo, mas, tem hora que não consigo escutar nem a pau, nestes momentos New-Wave é o som ideal. New-Wave de boa qualidade, e não queles merdas fabricados e modistas. Em matéria de New-Wave pra mim o Cure é um dos melhores grupos que aparecem.

Não sei quando eles começaram, mas o primeiro compacto deles saiu no fim de 78 pela Small Wonder Records, chamado "The Cure" com as músicas "Killing An Arab" (esta música é de um tal de Albert Camus e o nome original é "The Outsider") e "10:15 Saturday Night", depois este compacto foi relançado pela Fiction Records, que se tornou a gravadora definitiva deles.

Então a seguir veio os seguintes lançamentos:

Compactos: Boys Don't Cry/Jumping Someone Else's Train/A forest/Primary  
LPs: Three Imaginary Boys/17 seconds e este ano "Faith".

O grupo é formado por Lol Tolhurst, baterista; Robert Smith, guitarrista; e Simon Gallup, baixista. Não sei qual deles que faz vocal.

O son deles não se sabe porque sempre foi bem aceito por quase todos, tanto pelos Punks como pelos frescos. Eu acho que isso deve ao fato deles não serem muito famosos, e levam esse negócio de música um pouco a sério. Eles nunca estiveram nas paradas de sucesso, porém os shows do Cure sempre estão lotados.

Eles sabem o que querem e o que fazem, nunca foram heróis e nem bandidos, desde quando começaram em bairro distante do centro de Londres até hoje que eles tocam em grandes teatros e nas mais distantes cidades do Reino Unido.

O Cure alcançou e conquistou seu público com sons como "F�astic Passion",

"Boys Don't Cry", "Fire in Cairo" e "Killing An Arab", depois saíram um tempo e voltaram um LP e um compacto "17 seconds" e "A Forest". Apesar de não ter toda a vitalidade do 1º LP confirmou que o Cure era um grupo seguro de si mesmo e sem medo de fazer o que lhes desse na cabeça. Sente-se uma grande diferença de um álbum para o outro, os fãs diziam que eles amadureceram e os críticos que eles progrediram, eu fico com a opinião dos fãs, pois musicalmente, ou seja os acordes continuaram simples porém mais conscientes.

Eu não posso falar muita coisa pois o que conheço do Cure é só isso aí, mesmo assim, não escutei o 2º LP ainda, esta matéria, apenas o que foi dito do 2º LP, foi copiada do NME.

Isto que da morar num país que acha que trancando suas portas para outras culturas está tudo bem! X

Continuem votando para os seus preferidos.

Classe A - Inéditos no Brasil.

Classe B - JÁ Lançados no Br.

Classe C - Grupos Brasileiros.

Os votos do nº 0 serão somados ao deste nº e assim por diante.

Os preferidos do nº zero

Classe "A"

1º Stiff Little Fingers.....	6
2º Cockney Rejects.....	5
3º Dead Kennedys.....	4
4º Discharge.....	2
U.K. Subs.....	1
5º Bone Kids.....	2
P-Word.....	1
Circle Jerks.....	2
The Drones.....	2
6º Deslillos.....	1
Warheads.....	1

Classe "B"

1º Sex-Pistols.....	10
2º Ramones.....	5
3º The Lurkers.....	4
4º The Clash.....	3
The Rats.....	2
5º Vibrators.....	2
Generation-X.....	2
The Saints.....	2
6º Buzzcocks.....	1

Classe "C"

1º pessoas não colocarem nada	
Tá no que é ficar só na garagem ensaiando eternamente!	
2º Condutores de Cadáver.....	7
Olho-Seco.....	7
3º Opa-Opa.....	1
Estafetrofe.....	1
4º 5.....	1
5º 19.....	1
6º Restos de Nada.....	1

Atenção os grupos abaixo:

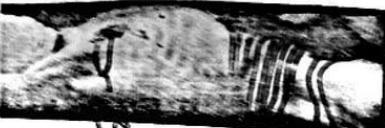
Condutores de Cadáver  
Opa-Opa  
Katastrofe  
AT-5  
M-19  
Restos de Nada

FATOR-ZERO



FATOR-ZERO

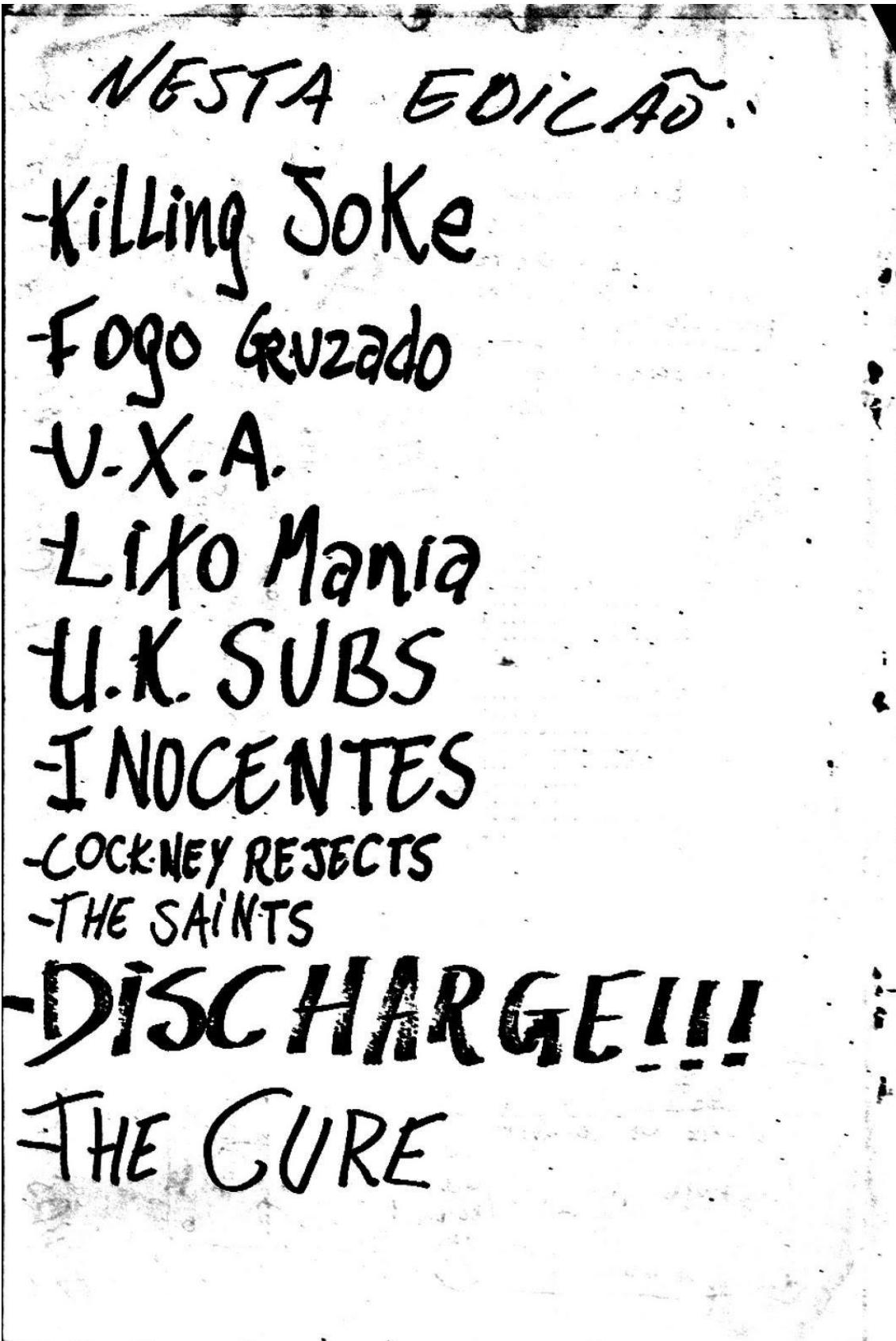
FATOR-ZERO  
Run Presidente Bernardo, F.F.  
freq. do 0 - São Paulo  
S.P.  
LEP-02757.



ATENÇÃO!!!!  
A 10ª carta que chegar receberá uma fita surpresa.  
As milicas são:  
Eu não falei que era  
surpresa???



O FATOR-ZERO ESPERA SEU VOTO, SUA OPINIÃO, SUA DICAS. ESCREVA PARA:  
FZ-B



**ANEXO E – Factor Zero Edição 3, Número 2**

É difícil acreditar nas revistas de vidas. As coisas são difíceis, não existe material, as revistas importantes além de cores não trazem muita coisa, aliás não trazem quase nada. Aqui já temos muitos grupos e dentro em breve espero conhecer e fazer Fator Zero praticamente só de grupos daqui, por enquanto não dá para aguentar. Outra novidade a partir do próximo número será possível (não é certeza) lançarmos fitas com muita novidade, verdade, e principalmente grupos daqui.

Agradeço a força do pessoal, retribuiremos como for possível, ok?

**A votação acabou por falta de votos!**  
Os vencedores são: Stiff Little Fingers, Sex Pistols e  
**Olho-Seco**





## SÓ OS PUNKS PODEM EVITAR QUE O PUNK NISFA MORTO

O que faltou dia 22/3 no Luso foi público e animação, som teve o bastante para todos, só não dançou quem não foi pra dançar.

Mas uma coisa a respeito desses festivais que têm acontecido tem de ser comentada, tem nego mamancão nessa teta na cara dura. Tá certo que isso ajuda os grupos, porém não é só de tocar viverá um grupo, a questão não é o dinheiro, aliás é também porque tem nego usando os grupos quase como funcionários, colocando em cartazes nomes de alguns grupos sem ao menos querer saber se eles podem ou não tocar, mas o recado é outro.

Se os grupos esperam fazer algo só tocando em festivais ou só organizando, sinto muito mas ninguém vai conseguir nada, cada grupo tem mais é que batalhar sozinho sem ter de depender de ninguém pra tocar, é duro, porém compensador, para sair da garagem não é preciso que alguém va la tirar, é preciso apenas vontade para abrir a porta.

Público é que não falta, Punk também não, dinheiro, porra sera que mesmo que demorar seis meses ou mais um pouco vai atrapalhar? Quando se monta um grupo tem de estar convicto que a coisa vai dar pé, se não nem adianta começar. Divulgação, é fácil se pudermos ajudar é só falar, afora que os grupos podem facilmente gravar Cassetes e pô-los à venda até pelo correio, nós anunciamos de graça a fita e pode-se vender por reembolso postal, que é um sistema simples.

O PUNK está eminente, falta pouca co para os garotos paulistas chegarem lá, só esta dependendo do espírito de luta e vontade que cada um tiver, para poder subir por si mesmos, sem depender de ninguém.

Dia 20 de Janeiro aconteceu no Luso um outro encontro de bandas, e tivemos uma verdadeira demonstração por parte das bandas, na abertura o Desequilíbrio foi simplesmente sensacional e enquanto eles tocavam, houve momentos que eu não acreditei que era um grupo brasileiro, eles são bons, simples e sérios, e mesmo quando tocaram um rockabilly (que não faz meu gênero) eu me empolguei, outro grupo que mostrou ser um grupo que pode fazer alguma coisa se manter a cabeça no lugar é o Guerrilha Urbana, eles agradaram muita gente e podem agradar mais ainda.

O Colera continua melhorando, tocou pra valer e levou o público a dançar um pouco. Falando em dançar, o Setembro Negro fez uma grande apresentação, mostrando algo diferente em matéria de son-

O Fogo Cruzado arrumou um vocalista que é um dos melhores que já apareceram e mostrou muito som apesar de umas matadas dos "músicos". O Inocentes provou mais uma vez que é um dos melhores grupos daqui, e o Olho-Seco? Foi prejudicado pela aparelhagem, só isso.

## DESTRUA M SUAS ILUSÕES

## NÃO SEUS CORPOS!

*E muito menos seu próprio movimento*

Outra coisa a ser dita aqui é que já se vê pessoas confundindo Anarquia com violência, isto é tão ridículo quanto as mesmas pessoas que fazem estupidez, confundirem Punk com Rock.

As pessoas que vivem no meio Punk sabem que violência não leva a nada, no entanto continuam com a mesma mentalidade, e você fala em Anarquia e o nego saem quebrando tudo, Funk não é nem nunca foi isso, se tem de se brigar é pra se brigar como uma coisa normal, brigas acontecem em todas as partes do mundo, mas de brigar a chegar ao cúmulo de existir guerra entre uma cidade e outra é ridículo.

Punk é violento, violento nas letras das músicas, no visual, nas atitudes, é agressão inteligente de pessoas civilizadas, que sabem com palavras mostrar que o que nós queremos é só que o mundo aceite sem termos de compartilharmos da ruína pessoal de pessoas da classe dominante que só se fode e depois nos põem na bunda. E para mostrar-mos isso não precisamos destruir ou alto destruirmos, Punk no Brasil só depende dos próprios Punks pra ir pra frente, o resto é só o tempo correr, mas todos devem deixar uma marca de sua passagem, uma marca de luta de razão de protesto e não uma marca de sangue.

FACTORY ZERO  
2



ELAS SÓ

CHARLOTTE CAFFEY-Guitarra  
BELINDA CARLISLE- Vocais  
GINA SHOCK-Bateria  
JANE WIERLIN-Guitarra

Cinco bonequinhos,cinco graças,  
Cinco tezoes se juntam e começam a fa-  
zer um som feminino(gracioso na voz de Belinda  
Sharkie)e voce começa a ensaiar uns  
passos bestas de dança,mas voce dan-  
ca,isto é se,gostar de dançar,mas as  
GoGo's sao só pra isso,dançar e sonhar  
com gatas como elas.

Recentemente elas estavam na Ingla-  
terra num tour,tocaram na maioria das  
vezes junto com grupos de Ska,com os  
SPECIALS,BAD MANNERS,BODYSNATCHERS e  
outros,mas elas não tocam Ska e muito  
menos Reggae.Belinda a vocalista é  
simplesmente sensacional,ela canta  
sem berrar(como mulher).As letras  
que faz é a Charlotte,alias voce  
sabiam que o sonho do vocalista  
do Circle Jerks é foder a Charlotte?

Elas começaram em 78 e naque-  
les tempos confessam que faziam  
um som ridículo,além de não sabere  
tocar,elas queriam fazer um som co-  
mo os Sex Pistols,mas aos poucos se  
tocaram que não pega bem mulher fi-  
car gritando com um boi e com voz  
grossa,então decidiram fazer um som  
delas mesmo,e o resultado tá aí,o  
primeiro álbum já saiu e tá agrada-  
do todo mundo.



ELAS SÃO UMA DAS POUCAS BANDAS SÓ DE MULHERES,ELAS  
SÃO DE LOS ANGELES-ELAS SÃO "FEMININAS"-ELAS SÃO  
ÓTIMAS-ELAS SÃO AS GO-GO'S GIRLS.

Ai minha adolescência,minha doce adolescência Punk  
é um prazer ouvir garotas,como a do Vice Squad,a do  
Plasmatics,a Siouxie,a Toyah e imaginem uma banda  
só de docinhos tocando,suportadas por  
uma vocalista de um incrível potencial  
Eu só posso e todos devem gostar.  
chama-se,"BEAUTY & THE BEAT"

é uma excelente produção,o álbum é  
excelente em termos de gravação,e elas  
tocam como nunca.Para quem começou tocan-  
num teatro de Hollywood,com menos de cem  
pessoas,elas já chegaram muito longe mas  
eu quero e espero mais das GoGo's.

No Brasil devia existir bandas como  
elas,mas,se nem no público  
temos garotas como elas  
muito menos no  
palco





O NOME deles é ótimo, não? TEATRO DO ÓDIO.

Você pode ver o visual e o nome e julgar -los mais uma banda Punk fudida. Mas não são. Não eles são Punks e tocam para Punks, porém são estranhos, e falam sobre temas sinistros, cemitérios, morte, escuridão, medo. Assim como o Echo & B. Eles são estranhos mas não usam aquela porra ~~mark~~ de sintetizador.

THEATRE OF HATE é uma dissolução de bandas de variados estilos, A.K.A., CRISIS, STRAPS, ~~EKILITICO~~, EPILEPTIV, e THE PACK. O principal personagem do grupo é KIRK BRANDON, é ele que faz as letras e é ele que tem o dom de agradar a audiência nos shows além de ter sido o principal agente para a formação do grupo.

Interrompendo o assunto, acabo de escutar uma má notícia; Kid Vinyl já era, estou ouvindo o programa que é o último, é foda!

Depois de uma má notícia dessa, eu começo a acreditar que para o Punk subir aqui no Br. vai ser foda.

Voltando ao assunto, nos falavamos que Kirk Brandon é o principal ator do Teatro do Ódio, e só podia ser mesmo, com uma voz de primeira categoria e uma rara inteligência nas letras, ninguém podia ser melhor para o TOH.

Stiff é foda... (é o último programa do Kid Vinyl, eu tô escutando)

Bom chega de papo furado, o Teatro do Ódio começou sua maldita carreira em 80, e é formado por Kirk, Stan, Luke, Steve e ~~KRIM~~ e... sei lá o nome dele.

Eles podem ser considerados os Punks esquisitos, o som não tem nada a ver com nada, ora é Punk, ora estranho mas

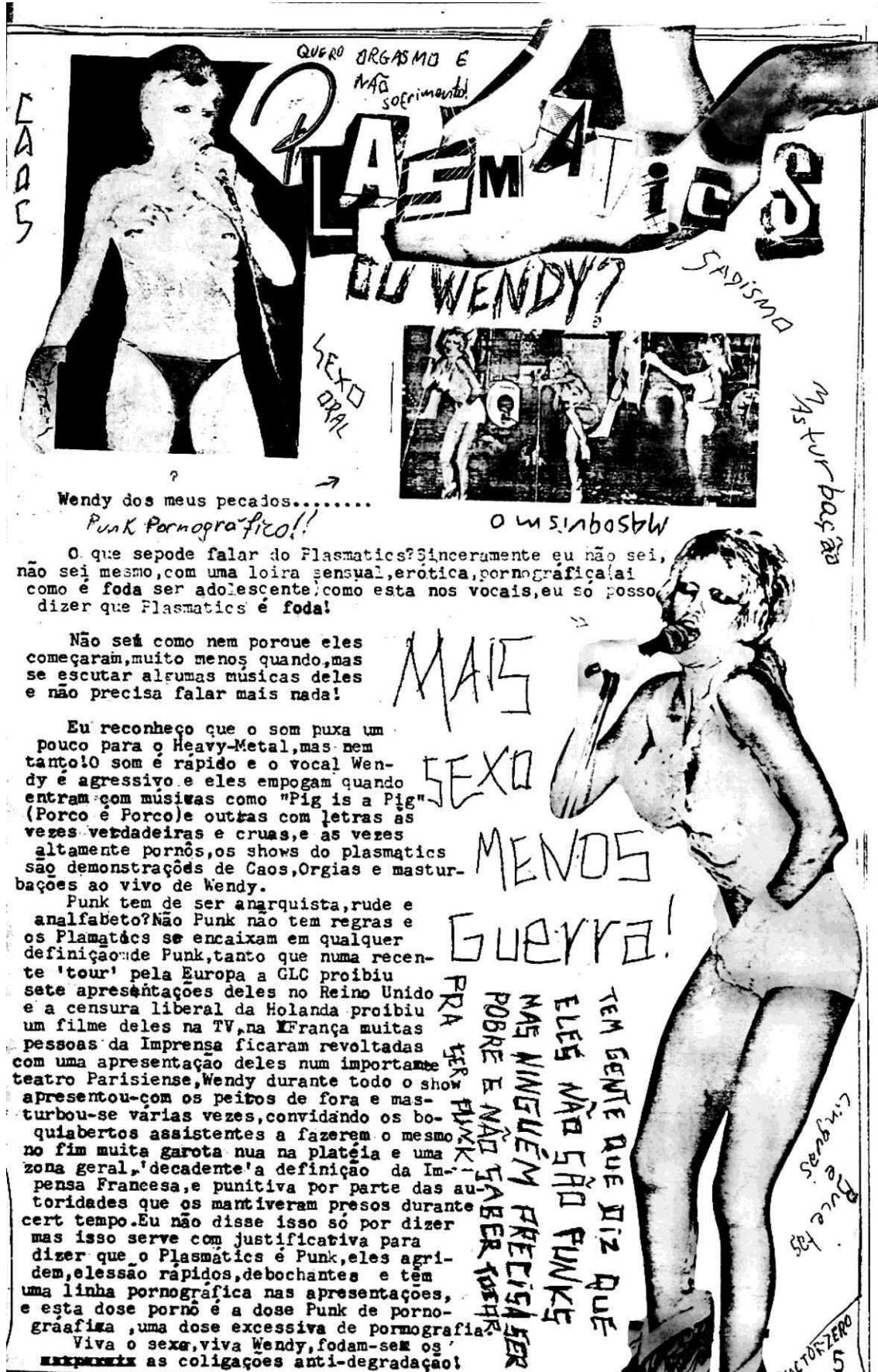
sempre agradável aos nossos ouvidos, eles são apelidos de "banda maldita", devido ao clima de terror e a frieza dos shows, na estreia deles (suportando o SLF), e no fim do show ele (Kirk Brandon) disse sarcasticamente, "foi bom tocar pra vocês, se portaram como verdadeiros espíritos vazios de sentimentos, e isto é isto."

Sim, Theatre of Hate é simplesmente Theatre of Hate, e mais nada.

Eles já lançaram um LP por aqui ainda não apareceu, mas eu garanto que se vocês escutarem, sentirão o clima escuro e terror.

E sobre política? Eles simplesmente dizem que os porcos que mandam no nosso mundo são inexistentes e incapazes de influir na existência do grupo.

*FASAF ZERO*



A partir de 79/80 na Inglaterra começou a nascer uma nova geração de Punks eram grupos com opiniões próprias e seguros de si mesmos, eram garotos jovens porém com conhecimentos suficientes para dizerem e saberem o que estavam dizendo eram grupos como U.K.SUBS, DISCHARGE, EXPLOITED, ANTI-PASTI, CRASS, VICE SQUAD, DISORDER e outros, entre eles havia um pequeno mas importante ponto comum, anarquia e mostrar que o Punk não estava morto, eles conseguiram além de provar influenciar muita gente, e é ai que entra o CHRON-GEN, sempre formado por John Furlow, Glyn Barber, John Johnson, Pete Dimmock e muita vontade aliada a consciência de saber o que faziam e porque faziam.

Eles começaram mais ou menos em 1980, mas a banda não era muito séria! Insuficiente para fazer um LP à altura. por que eles gravavam e não podiam? No palco eles demonstram a insatisfação com o tempo todo com o grupo, a façanha dos Adolescentes com o mundo, muita talvez tenha sido esta a razão de eles terem garra muita zoeira, anarquia, caos e debo serem o bastante humildes e conscientes che do que são e querem, recentemente a Fresh records convidou-os a fazerem um contrato com o Exploited (é mole?) Agora já do por dois anos, mas eles recusaram, mas estão arrazando por conta própria, e mesmo assim lançaram um excelente compacto junto com grupos como Chelsea, Damned chamado "Puppets of War" com uma excelente produção e um som bastante para conseguirem pm público.

O som não é um puta de um pau, porém bandas como eles, bandas iniciantes mais uma vez fica provado que para ser Punk é que sabem que são novos, bandas com não precisa ser pau, um som feito com muita vontade de ser alguém e não com convicção e conhecimento dos próprios limites, falsas idéias de que não tão nem tes, já pode provar que eles são bons, o que com eles mesmos. É importante fazer segundo compacto foi pela Step Forward e é um trabalho independente e consciente chamassem "Reality", novamente ficou provado é importante ter idéias próprias, é da a eficácia da simplicidade. É importante ter segurança do que se está

Eles participaram do show "Hell on Earth" fazendo e é importante saber fazer com heart e conseguiu agitá-los 7.000 Punks, simplicidade e garra o som, e isso é presentes no local.

Numa entrevista a Zig-Zag (de onde foi extraído este texto) foram perguntados, se faziam, mas o visual e uma trapaça iludiam simbolicamente (como eles dizem), se são sim-01,01 ou pelo Crass, Discharge, etc... eles mesmos se não são artistas para que fãs responderam; não fomos influenciados por estas fãs, o importante é a mensagem, o que ninguém e nem queremos ser imitado ou copiado. CHRON GEN é um grupo de carne e fio som, sem nos preocupar se este pu aquele fio é um grupo real, e é uma ação le grupo é melhor ou pior que nós".

Eles estão bem agora, mas já passaram por tempos difíceis, sem aparelhagem, sem dinheiro, depois sem oportunidades para gravar um compacto, mas batalharam e chegaram lá, já têm o essencial para subir agora tudo depende deles, e podem crer neste grupo ainda vai dar o que falar.

Quanto a um LP eles dizem que é só





# OLHO SECO

NÃO HÁ SOLUÇÃO  
PRO SEU PROBLEMA,  
PRO MEU PROBLEMA,  
PRO NOSSO PROBLEMA.  
PARE DE SER IDIOTA.

FÁBIO - VOCais  
REDSON - GUITARRA  
VAL - BAIXO  
"SARTANA" - BATERIA

Vamos sentir a garra de toda uma energia, de podermos arrancar os nossos próprios olhos, isto é.....  
OLHO-SECO!!!!!!!

Segundo Fábio Olho-Seco significa que é melhor não termos olhos ou termos os olhos secos do que vermos toda essa sujeira e injustiça.

O Olho Seco pode e é considerado um dos melhores grupos de SP, o som todos conhecem, é fudido pra caraio!

A história deles é um pouco curiosa; não sei se era 79 ou 80, mas isso não vem ao caso, a Punk Rock discos que háje é o principal ponto de encontro dos punks da paulicéia, era uma loja pequena (ainda é) mas não haviam tantos LPs como hoje, e nem tinha a fama que tem hoje, acontece que sempre ia lá um cara chamado Redson e falava do grupo dele pro Fábio, (o Colera) e levava fitas dos ensaios, aí o Fábio falava sempre que tinha de ser diferente, mais Punk.

Até que um dia resolveram montar um grupo, o vocalista seria o Fábio, o Redson o guitarrista, o Val no baixo e a bateria? Não sei se havia alguém definido, mas quando o Olho Seco fez o primeiro ensaio, foi numa garagem da zona norte, numa gravação de uma fita simuladamente ao vivo, esta gravação

cogitou com a participação do lendário X-MAN OGU-OKU e do entãonovato Córula, aí acontece que o baterista do confuso OGU-OKU simplesmente estragou a bateria, e então ficou definido que o Sartana, segaria o baterista do OLHO SECO também, a primeira música foi "Feito Gente", até hoje do repertório deles, só que tem algo diferente a respeito do OLHO SECO atual e daquele OLHO SECO que tocou certinho desde a primeira vez. O som que o Fábio queria era um som mais pesado que rápido, felizmente eles associaram as duas coisas, vocês precisam escutar o OLHO SECO do princípio, era devagarzinho, a música "Nada" dava até sono e hoje é uma das mais rápidas e fudidas, "Viva Nós" que hoje é uma das mais eletrizantes era uma notação geral. Porém hoje axo que o Fábio nem pensa em fazer um som mais devagar.

Outra coisa, o OLHO SECO foi montado para lançar um disco em compacto e sumiu do mapa, pelo menos era isso que o Fábio dizia, mas o tempo tratou de dissipar essa idéia.

Porém a idéia de lançar um disco não acabou e se preparem que ele vem ai.

**E VOLTA**

**O QUE**

**ESTÁ FAZENDO SENTADO**

**ATRÁS DESSA MESA?**

**O TERRÍVEL FARIANE**

Ao lado do Colera e do Inocentes  
eles estarão numa coletânea e até que  
enfim teremos um lançamento PUNK no Br.  
A fase de gravação já se concluiu e  
agora é pouca coisa.

Voltando ao assunto, que tal  
analisarmos o som deles?

Começando pela guitarra do Redson, eu  
já disse que ele é um ótimo guitarrista e  
ele confirma isso, não fazendo muitos solos  
e tocando apenas o essencial para se fazer um  
som Punk como eles. Val o baixista sempre deu  
conta do recado, e esta se tornando um ótimo  
baixista, dando boa velocidade ao som. Fábio,  
tem um vocal selvagem, forte, agressivo e é  
o compositor das músicas do OLHO SECO, no  
início eu creio que havia uma certa dificul-  
dade para ele fazer as letras que queria pa-  
ra o OLHO SECO, mas agora as letras vão melho-  
rando, as primeiras não tinham nada a ver; "Olho  
de gato, pele de pato, almoçando eu vi, não, a  
sua orelha no meu prato" etc.etc.etc... era até  
um pouco engraçadas, para quem queria ser um  
grupo sério, porém hoje as letras do OLHO SECO  
podem se tornar uma outra das virtudes celestes,  
estão evoluindo no mesmo passo que o som, ah..  
agora o assunto é o Sartana o baterista, Sar-  
tana por que além de parecer o Diabo em pes-  
soa (via foto) ele é tão rápido nas baquetas  
quanto o próprio Sartana nos batelhos, um dos  
poucos bateristas nacionais que tem uma per-  
feita coordenação bumbo-caixa-prato, só  
falar pra ele ir mais devagar pra ele dis-  
par e praticamente arrazar a bateria, mas  
com muita classe é lógico.

Perfeito? Não o OLHO SECO não é um  
grupo perfeito, porém consegue agitar os  
públicos que já os viram em ação, desde a  
estreia em um show que não chegou ao fim na  
STOP, lembra-se? Mesmo tocando apenas 3 sons  
conseguiu animar o público, depois foi a sen-  
sacional apresentação no luso, quase pondo o  
teatro abaixo, as outras apresentações foram  
todas muito boas, o segredo, alias não é segredo  
não é só garra e agressividade, os membros do  
OLHO SECO todos têm boas influências, Redson  
é o único músico do grupo mas gosta de coisas  
um pouco sofisticadas ou melhor mais bem

tocadas, como Clash, Stiff UK Subs, etc, etc... Val sempre  
toca riffs pro lado mais fuído como ele mesmo aconsegue com  
Fábio e Sartana coisas como "Angelic, Discharge, Speed Twin"  
Cerms, Exploited, Anti Pasti e outros um linha dura.

Mas não é só isso também, o OLHO SECO ensaiou muito ou  
me os durante um ano antes de se apresentar ao vivo.

O OLHO SECO pode ser considerado o mais ou um dos mais  
importantes grupos do Punk no Br. Pois eles querem levar a  
palavra até o fim e além de elas mesmas subiram vai levar mu-  
ita gente com elas, só uma coisa que é impossível alguém dizer e  
se eles e o Colera vão nte as últimas consequências, pois é  
certo que um dia ou Colera ou Olho Seco terão que mudar os in-  
tegrantes ou um dos dois acaba. Tanto Colera como Olho Seco  
são importantes na cena Punk brasileira, e nenhum dos dois po-  
de acabar, se mudar os integrantes o som muda também, portan-  
to só o tempo poderá dar a solução para um problema que ain-  
da não mas inevitavelmente chegará tu espero que eles ponham  
a mensagem de "desespero" na capa e vão em frente



C A M I S E T A S

"PUNK"

"ROCK"

B O T O E S

"PUNK"

"ROCK"

PUNK ROCK DISCOS  
AV. SÃO JOÃO, 439  
1º ANDAR - LOJA 240  
SÃO PAULO

LP'S PUNK NOVOS - USADOS

C O M P R A

T R O C A

C O N S I G N A Ç Ã O

*ATENÇÃO PUNK*  
*"A LOJA NAO É UM*  
*PATRIMONIO SOMENTE*  
*NOSO - É TAMBÉM SEU"*

A UNICA LOJA DE SÃO PAULO QUE ENTENDE DA NOVA GERAÇÃO

É A UNICA LOJA QUE DURANTE TODO ESSE TEMPO TROUXE MAIS NOVIDADES

É OU NÃO É?

SEMPRE DEIXANDO VOCÊ MAIS ATUALIZADO

VENHA NOS VISITAR UM DIA DESTES...

ALÉM DE LP'S RAROS - TEMOS TAMBÉM FITAS GRAVADAS "(RARÍSSIMAS)"D I S C H A R G E   A O   V I V OA N T I - P A S T I   A O   V I V O"P E Ç A   A   N O S S A   L I S T A   D E   F I T A S   G R A V A D A S "E C O M P R O V EC O L E T A N E A S .. , E T C

THEECHO & THEECHO & THEECHO & THEECHO & THEECHO & THE  
**BUNNYMEN**



muita vezes voce escuta tanto barulho que fica até intí- juriado, mas Disco-Music não da romancismo muito menos, rock já deu o que tinha de dar, ai voce pensa que devia existir mais opções, e é nesses momentos que voce deveria escutar um som diferente mesmo com o CURE, JOY-DIVISION, NEW ORDER, SIMPLE MINDS, e e e e ECHO & THE BUNNYMEN, eles são fraaaaannndes.

*Estranho Estranho*

Formado por IAN McCULLOCH(guitarra e vocal), WILL SERGEANT(guitarra líder), LES PATTINSON(baixo) e PETE DE FREITAS o baterista, lançaram 4 compactos(Rescue, The Puppet, A promise e ?) dois LPs excelentes e muito bem produzidos o primeiro chama-se Crocodiles

É um ótimo LP em matéria de reno- vacão da música, e pode ser chamado de Psicodélico altamente Psicodélico des- de o estranho ambiente das músicas a desesperada voz de IAN, IAN e um excelente vocalista, que sabe inovar a cada frase vocalista que não tem medo de di- zer um "a" a mais, a guitarra de Sergeant tem um som estranho e nos convida a sua overdose de ácido, o baterista que tem um nome meio brasileiro (De Freitas) tem uma incrível agilidade, e o mais estranho e forte de todos é o baixo, talvez não tão estranho porem muito marcante.

O clima de Crocodiles é estranho e entusiasmante quando eles agem em "Going Up", "Crocodiles", "All that Jazz" ou nas altamente Psicodélicas "Pride", "Happy Death Men", "Pictures on my wall" ou nas bonitas "Monkeys", "Stars are Stars", e na belíssima.... "Villiers Terrace" que é uma música que nos dá certeza de que temos sentimentos.

Os temas das letras são quase sempre desesperados, escures insatisfeitos e as vezes engraçados. Mas eles levam a sério o negócio de música, e interrogados sobre o tipo de som que fazem (se era Pop, Psicodélico ou New Wave) a resposta foi certa e direta: "ECHO & THE BUNNYMEN".

Eles não são Psicodelia, parecem, eles não são New Wave, se encaixam na New Wave apenas como rótulo.

O segundo LP chama-se "Heaven Up Here" e não sabemos como é por isso não falaremos mais nada, porém tenham certeza que se não for bom deve ser excelente.

Se acaso voce estiver em sua casa e não houver nada pra ouvir e voce já houver ouvido falar neles, é o som deles que falta pra voce se animar para um suicídio ou uma superdose de outra coisa.

O mundo precisa (mundo da música) deles, porque desde que se inventou a música ela tem se modificado e eles são um dos principais inova- dores atualmente.

Quando começarmos com a venda de fitas pelo Factor Zero, voce terá uma ótima oportunidade para conhecer o som deles.

Recentemente a TV cultura passou um Teipe deles e 2 vezes, eu vi a música foi Crocodiles, e quem não viu perdeu a chance de ver uma grande apresentação de um ótimo grupo.

FAT ZERO  
10





**BAIXO-CÁSSIO**  
**VOCAL- MI**  
**BATERIA- MIRO**  
**Guitarra- TICÃO (ex-MIG)**

Estes são os guerrilheiros urbanos!  
 Eles são fala!  
 Eles conseguiram agitar muita gente nas duas primeiras apresentações, isto só nas duas primeiras!

O grupo Guerrilha Urbana foi formado a 4 meses atrás (uma das mais novas bandas), apesar de ser tão novo o grupo já teve modificações, o vocalista era o Bitão (ex-MIG).

Depois que o Mi entrou no grupo eles se apresentaram duas vezes ao vivo, eles estão motivados e contentes com o público que deu uma força enorme pra eles nas duas apresentações.

O som do G.U. é altamente de garagem, e principalmente um som de moleques, o vocalista é ótimo.

Por quem eles foram influenciados?  
 Eles foram influenciados por ameri-

canos e Ingleses, disto não teriam dividas, porém isso segundo os membros do grupo não influi no som deles, eles querem mais é fazer um som daqui, um com contra as injustiças que acontecem aqui e não lá. Eu acho que não

só eles, mas, todos deviam ir nessa linha, se cuidem que a qualquer momento os guerrilheiros urbanos vão atacar, e torçam para que eles venham, pois será mais uma vitória para nós todos!

#### "SISTEMA"

CREOU-SE O SISTEMA  
 INVENTARAM SUAS LEIS  
 DERRAM SUAS ODEIAS  
 PENSAM QUE SÃO BENS

O POVO NÃO ADMITE  
 O POVO NÃO ACEITA  
 ATACA A NEUROSE  
 TUDO QUE ARRESENTA  
 ARRESENTA!!!!

ARREBENTEM  
 o SISTEMA!  
 Liquideum os  
 mafiosos e  
 bandidos  
 FAZER ZERO



A humanidade começou a viver em cidades, as pessoas que vivem nas cidades são um grupo e a este grupo convencionou-se chamar "sociedade".

A "sociedade" escolhe (escolhia em outros tempos) seus líderes, e estes líderes são para ajudar a "sociedade" no entanto os humanos não têm essa capacidade, nem eu nem ninguém. Ai esses líderes começam a esmagar as pessoas, criando leis e ordens, julgam a qualquer um, mesmo não tendo capacidade de se auto-julgarem.

As pessoas são fracas e obedecem, aceitam e respeitam esses "líderes", não têm forças para lutarem por sua própria liberdade. Isto tudo gera alguns padrões de vida, e quem não aceita esses "padrões", quem luta por sua liberdade ou quem não quer participar de toda essa palhaçada passa a ser chamado "Anti-Social"

Uma pessoa Anti-Social não é uma pessoa que não conversa com ninguém, é uma pessoa que não se encaixa nos "padrões" da "sociedade" e não aceita os "líderes".

Os Punks são "Anti-Sociais". A música Punk é "Anti-Social", a personalidade Punk é "Anti-Social", as roupas Punks ou o que os Punks usam são "Anti-Sociais". Punk é um movimento, é uma luta para que a sociedade saiba e aceite idéias, gestos, personalidades e até costumes fora de seus "padrões".

A "sociedade" não aceita o Punk e muitas pessoas têm até medo dos Punks, isto é uma prova de incapacidade, é uma prova de que o mundo não evoluiu porra nenhuma, mas os Punks não podem parar. A nossa luta não é para entrarmos nos "padrões sociais, mas para mostrar que nem tudo que 'bom pra eles é bom pra nós'.

FACTOR-ZERO

NESTA EDIÇÃO:

GO-GO'S!

ECHO & THE BUNNYMEN!

ADOLESCENTS!!!

OLHO-SECO!!!

PLASMA TIGS!

DESEQUILÍBRIO!!!

THEATRE OF HATE!

GUERRILHA-URBANA!!!

CHRON-GEN!